



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**O NOTÁVEL ENVELHECIMENTO: IMAGENS E NARRATIVAS MIDIÁTICAS DO
ENVELHECER CONTEMPORÂNEO**

RODOLFO MORAES REIS

Brasília

Setembro de 2012

RODOLFO MORAES REIS

**O NOTÁVEL ENVELHECIMENTO: IMAGENS E NARRATIVAS MIDIÁTICAS DO
ENVELHECER CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a conclusão
do mestrado em Antropologia
Social da Universidade de Brasília.

Orientadora: Lia Zanotta Machado

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dr.^a Lia Zanotta Machado (Orientadora – DAN/Departamento de Antropologia/UnB)

Dr.^a Carla Costa Teixeira (DAN/ Departamento de Antropologia/UnB)

Dr.^a Analía Soria Batista (SOL/ Departamento de Sociologia/UnB)

Dr. Daniel Schroeter Simião (Suplente – DAN/Departamento de Antropologia/UnB)

Setembro de 2012

À Nenzinha e Cuné, minhas amadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Carlito e Ilda, pelo apoio incondicional às minhas escolhas. Aos meus irmãos Rafael, Carlos Augusto e Nayara, pelo companheirismo de sempre, seja de perto ou de longe. À toda minha grande família - primos, tios, avós - cujo convívio é sempre uma fonte de ânimo e renovação. À minha tia/mãe Maria de Jesus, ao tio Eli e à tia Maria, pelo apoio que deram à minha vida estudantil.

Agradeço aos queridos colegas de turma de mestrado no DAN que ao longo desse período foram fundamentais, mesmo que minhas ocupações e dificuldades não tenham me permitido um convívio mais intenso: Rosa, Sara, Rodrigo, Claudinha, Felipe, Daniela, Lucas, Bruno, Fabiano, Anderson, Eduardo, Daniela, Jose.

À Renata, grande amiga, pela companhia e pelo apoio, sem os quais esta dissertação não seria possível.

À Professora Lia Zanotta Machado, pela atenção dispensada durante o processo de orientação. Às professoras Analía Soria e Carla Costa Teixeira, pelos seus valiosos comentários e por terem aceitado tão prontamente o convite para participarem da minha banca. À professora Carla, agradeço, especialmente, pelo convívio rico e estimulante durante a disciplina Indivíduo, Cultura e Sociedade, que cursei pela segunda vez, já tendo feito este curso durante a graduação, tendo ela própria como professora. Não posso deixar de registrar o quanto o seu exemplo de inteligência e compromisso com o ensino e a pesquisa me estimula a seguir desejando ser um cientista social.

Aos queridos amigos/irmãos Marissa, Caroles, Mari, Bruno, Livia e Érico.

À Angélica e Rafael, pelo tempo de vida que ambos compartilharam comigo formando meu núcleo familiar mais imediato e, deste modo, me permitindo ter um lar.

SUMÁRIO

Introdução -----	08
Capítulo 1 -----	18
Capítulo 2 -----	54
Capítulo 3 -----	90
Considerações Finais -----	113
Bibliografia -----	116
Fontes Documentais -----	119

RESUMO

Esta dissertação se propõe realizar um mapeamento das tipificações e enquadramentos que dão sentido ao envelhecimento, a partir da análise de notícias publicadas na mídia escrita, impressa e digital, a respeito desta temática. Analiso as narrativas e imagens que, evidenciadas neste material textual, dão sentido à multiplicidade de experiências do envelhecer, examinando os principais elementos acionados para caracterizar esse processo, tanto em termos gerais, quanto por um viés de gênero, em que os casos femininos e masculinos ganham contornos distintos de acordo com suas especificidades. Mostro como é consolidada e apresentada uma multiplicidade de projetos de longevidade que, em um diálogo constante com os estereótipos negativos da velhice, operam a sua deslegitimação a partir da defesa da superação das fronteiras etárias e das marcas do envelhecimento. Além disso, procuro verificar também os dissensos e tensões encontradas neste campo de produção textual, revelados principalmente nos discursos a respeito da sexualidade.

Palavras-chaves: Envelhecimento, Longevidade, Gênero, Estética e Sexualidade.

ABSTRACT

This work aims at mapping the typifications and frameworks that give meaning to aging, from the analysis of news published by the written media, printed and digital, regarding that theme. I analyze the narratives and images that, evidenced in this text, give sense to the multiplicity of aging experiences which are presented in those narratives, examining the main elements triggered to characterize such process not only in general terms, but also through a gender perspective in which the feminine and masculine cases are shaped differently according to their specificities. I demonstrate the process of consolidation and presentation of a variety of longevity projects which, in a constant dialog with the negative stereotypes of the old age, carry out its delegitimation from the defense of the overcoming of age barriers and aging marks. Besides, I also go over dissensions and tensions found in this text production field, specially revealed in discourses concerning sexuality.

Keywords: Aging, Longevity, Gender, Aesthetics and Sexuality.

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é realizar um mapeamento das tipificações que constituem o envelhecimento, a partir da análise de matérias jornalísticas publicadas na mídia escrita, impressa e digital, a respeito desta temática. Analiso as narrativas e imagens¹ que, evidenciadas neste material textual², dão sentido à multiplicidade de experiências do envelhecer, examinando os principais elementos acionados para caracterizar esse processo tanto em termos gerais, quanto por um viés de gênero, em que os casos femininos e masculinos ganham contornos distintos de acordo com suas especificidades. O recorte temporal desta pesquisa se estende desde o primeiro mês do ano de 2001 até o mês de março de 2012, período que abrange a publicação de matérias sobre as personagens masculinas e femininas que serão abordadas nesta dissertação ao longo da faixa etária dos 60 anos, considerada no contexto brasileiro como o início da velhice.³

Cabe-me ressaltar desde o início, que o empreendimento analítico que ora proponho não se fundamenta na tentativa de explorar as singularidades e as trajetórias de cada veículo de informação dos quais as matérias foram extraídas em relação ao tratamento dispensado à temática do envelhecimento. O que pretendo é investigar os códigos e modelos que podem ser identificados nessa multiplicidade de textos, formando assim um repertório sistemático, complexo e multifacetado, através do qual o envelhecimento é dotado de sentido. Embora os textos apresentem a valorização de uma imagem de velhice com independência e boas condições de saúde como uma questão de amplo reconhecimento e aceitação, analiso os tópicos levantados com o compromisso de seguir as dinâmicas das próprias narrativas encontradas, em que são focalizados não somente os consensos mas também as disputas e tensões registradas textualmente em torno da definição dos distintos significados do envelhecer.

O envelhecimento tem sido um tema ascendente nas últimas décadas. Diversos campos – o político, o acadêmico, o midiático - têm se mobilizado no sentido de entender este fenômeno e uma profusão de interpretações e análises ganham visibilidade ressaltando

¹ Utilizo o conceito de imagem não no sentido visual ou fotográfico, mas como estereótipo, tipo ou descrição através dos quais é caracterizado determinado fenômeno.

² Deixo para o final desta introdução as informações metodológicas a respeito da seleção dos textos utilizados nesta dissertação.

³ Na legislação brasileira, de acordo com o Estatuto do Idoso, publicado em 1º de outubro de 2003, são consideradas como idoso as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

principalmente os impactos que as transformações demográficas em curso trarão aos grupos etários mais velhos, com seu aumento em termos numéricos (Debert, 2004).

Inúmeras estatísticas e projeções são acionadas para demonstrar esses impactos, nos mais variados aspectos, seja na previdência social, na assistência médica ou nos arranjos familiares. Diante dessa realidade, emergem também as autoridades e campos especializados sobre o tema, como a gerontologia. A intensidade com que esse tema aparece faz com que lidar com o envelhecimento do ponto de vista antropológico seja ainda mais desafiador. Trata-se de um “objeto de estudo” polissêmico, cujos múltiplos sentidos são advindos das mais variadas fontes de julgamento e apreciação.

Uma das características fundamentais nessa abordagem deve ser a preocupação constante com a desnaturalização dos sentidos que esse fenômeno assume em cada contexto social. Trata-se de contornar a visão corrente de um processo biológico universal, a partir da exploração das particularidades encontradas nas mais diversas culturas e sociedades a respeito de como os indivíduos experimentam e significam o envelhecer. Assim, estudar o envelhecimento e seus significados utilizando os aportes antropológicos consistiria, sobretudo, em uma análise das categorias construídas em torno desse eixo temático e nos seus usos e abusos pelos atores sociais de um dado contexto.

Neste ponto, evoco a leitura de um conto escrito por Gabriel Garcia Marquez, que considero ser detentor de um olhar extremamente sensível para o processo de envelhecimento, capaz de apreender os detalhes e sutilezas de sua complexidade e drama sem, no entanto, perder o lirismo tão característico de suas narrativas. O conto em questão chama-se “Maria dos Prazeres” e faz parte de uma coletânea de contos que aborda diversas experiências de latino-americanos residentes na Europa (Márquez, 1992).

Maria dos Prazeres é o nome de uma mulher brasileira, nascida na cidade de Manaus, que, radicada em Barcelona, tornou-se prostituta, profissão que exerceria durante grande parte de sua vida. A história começa quando Maria já estava com 76 anos de idade, esperando em sua casa a visita do agente que faria seu plano funerário. Este dia, em que a personagem vive um momento de revelação a respeito da passagem do tempo e consequentemente da sua idade, é retratado no trecho a seguir:

O homem da agência funerária chegou tão pontual que Maria dos Prazeres ainda estava de roupão de banho e com a cabeça cheia de bóbis, e mal teve tempo de pôr uma rosa vermelha na orelha para não parecer tão indesejável como se sentia. Lamentou ainda mais seu estado quando abriu a porta e viu que não era um tabelião lúgubre, como supunha que deveriam ser os

comerciantes da morte, e sim um jovem tímido com um paletó quadriculado e uma gravata com pássaros coloridos. Não vestia sobretudo, apesar da primavera incerta de Barcelona, cujo chuvisco de ventos enviesados a fazia quase sempre menos tolerável que o inverno. Maria dos Prazeres, que havia recebido tantos homens a qualquer hora, sentiu-se envergonhada como muito poucas vezes. Acabava de completar 76 anos e estava convencida de que ia morrer antes do Natal, e ainda assim esteve a ponto de fechar a porta e pedir ao vendedor de enterros que esperasse um instante enquanto se vestia para recebê-lo de acordo com seus méritos (MÁRQUES, 1992, 43)

A vergonha sentida por Maria ao receber o agente sem ter se preparado devidamente e o incômodo trazido pela sensação de parecer indesejável aos seus olhos, podem ser compreendidos como evidências de um estranhamento em relação a sua própria figura, reflexos de um momento de tomada de consciência sobre o fato de que havia envelhecido. O conto foca justamente a questão de como o envelhecimento é sentido a partir do sentimento de não ser mais atraente, afetando a identidade e autoimagem da personagem, acostumada a ser enxergada pelo olhar masculino de um modo muito particular, a partir do desejo erótico. Esta questão ganha ainda mais radicalidade pela profissão de Maria que, sendo prostituta, teria assumido ao longo da vida o exercício da sedução como parte seu ofício.

Foi nesse diálogo com o olhar do visitante que Maria se confrontou com a própria velhice, evidenciando-se assim um processo relacional em que as identidades sociais assumidas, sejam elas em virtude do gênero, da classe social ou pela idade cronológica, são construídas a partir de um processo intersubjetivo em que o olhar do outro é um interlocutor intrínseco e constante. Deparamo-nos, aqui, com uma referência fundamental para a realização desta pesquisa, a Fenomenologia das Relações Sociais de Alfred Schutz (1979). Neste trabalho, o autor faz uma reflexão sobre o mundo das relações sociais evidenciando as nuances dos processos de compartilhamento de sentido e os pressupostos fenomenológicos da vida social fundada na intersubjetividade. Uso o conceito de tipificação, no sentido empregado por este autor, para tratar da interpretação do mundo pelos atores sociais, realizada através de códigos e tipos adquiridos no convívio com os grupos dos quais fazem parte e cujas leituras orientam suas ações e atuações em sociedade. Este conjunto de tipificações compartilhadas funciona, na visão de Schutz, como:

(...) um código de interpretação tanto quanto um código de orientação para cada membro do grupo interno e constitui, assim, um universo de discurso entre eles. Qualquer pessoa que aja do modo típico socialmente aprovado é supostamente motivada pelas motivações típicas pertinentes e tem o objetivo de realizar um estado de coisas típico pertinentemente. (1979, 119).

Assim, a definição do conjunto de interpretações possíveis em determinado contexto social envolve a utilização destes esquemas anteriormente assimilados pelos sujeitos, que são

atualizados circunstancialmente e que perpassam a leitura e classificação tanto de si quanto daqueles com os quais estão em interação. Inspirado por este referencial teórico, identifiquei, na leitura do conto “Maria dos Prazeres”, a interessante possibilidade de pesquisar esta questão em relação ao envelhecimento feminino, buscando investigar quais são os sentidos e tipificações que alimentam as classificações etárias dos sujeitos, em particular, as dispensadas às mulheres, cujos conflitos e preocupações são, como não poderia deixar de ser, diferenciados em virtude das construções próprias do gênero feminino.

Pensando os recortes possíveis para a realização de uma dissertação de mestrado, me propus a trabalhar com narrativas midiáticas veiculadas de forma escrita, na intenção de apreender e analisar as tipificações construídas em torno do envelhecimento feminino, dando destaque às dimensões da sexualidade e da beleza física que, como veremos a seguir, são especialmente caras às mulheres idosas ou maduras. No entanto, já na parte inicial da pesquisa me deparei com a necessidade de também trazer a abordagem do envelhecimento masculino, de modo a manter um viés comparativo em que as experiências de homens e mulheres fossem entendidas de uma maneira relacional e contrastiva. Por conta disso, procurei percorrer também os principais elementos utilizados para pensar os dramas vividos pelo envelhecimento masculino, buscando identificar de que modo as diferentes construções de gênero incidem na constituição das concepções acerca do envelhecimento.

Em termos metodológicos, além da fenomenologia de Alfred Schutz, apropriada aqui principalmente através do conceito de tipificação, merece destaque a contribuição do conceito de “enquadramento” de Erving Goffman, apresentado em sua obra *Frame Analysis* (1974). Quando utilizado aqui, este conceito se remete – de forma semelhante ao que é proposto por este autor- à identificação do conjunto de elementos através do qual determinado contexto é organizado, ou seja, ganha um sentido coerente e sistemático que uma vez compartilhado permite a interação entre diferentes atores sociais de maneira significativa. Diferentemente de Schutz, cujo trabalho dá ênfase maior à construção de consenso e ao compartilhamento de sentido, a abordagem de Goffman permite vislumbrar com maior acuidade os processos de negociação registrados textualmente que permeiam as definições em torno do envelhecimento no que se refere aos seus conflitos, desencontros e reelaborações.

No livro *A Velhice* (1970), Simone de Beauvoir, tendo como referência suas próprias experiências, entre outros aspectos, analisa o envelhecimento a partir de uma perspectiva que busca entender este processo do ponto de vista daqueles que o vivenciam. Ela defende a ideia, já mencionada aqui, de que assim como outras experiências da vida social, o envelhecimento

é algo vivido a partir da interlocução com o que seria o olhar do “outro”, sendo necessário o reconhecimento de si como velho para que se tome consciência da própria condição. Nas palavras da própria autora, a respeito da velhice:

(...) ela é uma relação dialética entre o meu ser para o outro, tal como se define objetivamente, e a consciência que tomo de mim mesma através deste outro. Em mim, o idoso é outro, isto é, aquele que eu sou para os outros: e este outro sou eu. (...) A velhice aparece com maior clareza aos olhos dos outros do que aos do próprio sujeito. (1970, 8)

Tendo em conta este argumento, o reconhecimento do próprio envelhecer e da condição de velho é dependente da interlocução estabelecida com as formas como este processo é caracterizado pela sociedade na qual o sujeito está inserido. No caso tratado por Beauvoir, falando do seu tempo, a face deste envelhecimento é marcada pela invisibilidade e pelo descaso, estando os mais velhos renegados ao esquecimento e à desconsideração, em uma sociedade que elegeu a juventude e a produtividade enquanto valores inquestionáveis. Segundo a autora, a palavra “velho”, dada a gama de significados negativos que evoca, seria mais do que uma identidade social, mas uma categoria acusatória que ninguém assumiria sem algum tipo de resistência, sendo mais fácil relacioná-la aos outros que a si próprio.

Tal situação, em que a velhice é associada à doença e decadência física, não deveria ser vista de maneira naturalizada, mas como uma atitude própria das sociedades modernas industriais, em função dos valores que possuem. O envelhecimento se articularia com as diferenças de classe social fazendo com que as situações dos velhos proletários fossem ainda mais desprestigiadas e deterioradas.

Esta caracterização do que poderíamos chamar “a face negativa” do envelhecimento, encontra suporte em outro trabalho desenvolvido na mesma década, especificamente no contexto brasileiro: o livro *Memória e Sociedade* (1987), de Ecléa Bosi, escrito em 1973, originalmente como tese de livro-docência. Nele, a autora dissecou as narrativas de pessoas mais velhas (o limite inferior de idade foi de 70 anos), de classe trabalhadora, de ambos os gêneros, da cidade de São Paulo, com o intuito de escrutinar as formas como a velhice é tratada, ressaltando o descaso e o autoritarismo que lhe seriam dispensados. Bosi se aproxima de Beauvoir, buscando no contexto social e histórico mais amplo a explicação para posição social relegada aos velhos:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não

participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais ideias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim o seu próprio futuro. (1987, 35)

Para Bosi, o envelhecimento não poderia ser compreendido apenas como uma questão das relações entre gerações, mas como reflexos de configurações sociais mais amplas em que a produtividade e o patrimônio econômico individual são decisivos na definição do status dos seus membros. A autora constrói sua abordagem da situação social da velhice apostando na ideia de que a função dos mais velhos na sociedade seria a preservação de suas memórias, servindo como um intermediário entre as gerações posteriores e as experiências do passado. Desse modo, seria constituído um acervo de memória através das narrativas biográficas dos velhos, importante não somente enquanto um registro dos tempos idos, mas também como uma perspectiva potente para a compreensão de problemas contemporâneos, tendo em vista a amplitude e profundidade das experiências vivenciadas ao longo de várias décadas. Em um contexto em que a velhice é associada à decadência física e intelectual e à perda da independência e autonomia, todo esse patrimônio seria ameaçado ao se relegar os mais velhos ao isolamento e ao esquecimento. Seu trabalho prossegue em um tom de denúncia dessa realidade mostrada como injusta e equivocada:

Nos cuidados com a criança o adulto "investe" para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má fé. A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo. Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para "seu próprio bem". Em privá-lo da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes "administrando" sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à mentira, não se hesitará em usar a força. Quantos anciãos não pensam estar provisoriamente no asilo em que foram abandonados pelos seus! (BOSI, 1987, 36)

Como procurarei mostrar ao longo dos capítulos desta dissertação, os textos midiáticos sobre o envelhecimento que analiso se contrapõem a estas concepções de velhice, situando-a para além dos estereótipos negativos de decadência física e dependência trazidos tanto por Bosi quanto por Beauvoir. . Nestes textos, o envelhecer é deslocado, deixando de ser algo restrito a um momento específico do ciclo de vida humana para afetar todas as idades, fazendo com que, em todas as faixas etárias, se desenvolva preocupações e métodos próprios para se prevenir contra os malefícios identificados como produto da passagem do tempo.

Ao mesmo tempo, porém, em que todos passam a ser confrontados com o próprio envelhecimento - sendo constantemente apresentados a novos produtos, serviços, técnicas e hábitos que são divulgados como apropriados para alcançar uma vida longa de qualidade - também se visualiza a implementação de um tratamento asséptico em relação à velhice e ao termo “velho”. Nesse sentido, enquanto categorias sociais para a classificação dos indivíduos, novas palavras eufemísticas são produzidas, como “idosas” (em lugar de “velho”) e “melhor idade” (em lugar de “velhice”), contornando-se assim o uso de uma identidade social estigmatizada.

A velhice é, assim, deslegitimada e a responsabilidade sobre os problemas advindos com a idade são atribuídos aos próprios indivíduos, que deixaram de seguir devidamente os caminhos corretos que lhe foram recomendados pelos receituários amplamente divulgados pela mídia, em suas variadas modalidades.

Diante deste quadro que venho de descrever no qual o envelhecimento é apresentado como uma problemática que perpassa diversas faixas etárias, que teria sido transformada em um elemento recorrente no repertório de preocupações de um público bem mais amplo que aquele enquadrado na categoria “velho”, utilizo a expressão “o notável envelhecer” para designar essa dimensão da exposição pública destas concepções, com toda sua intensidade e extensão.

Seguindo o caminho indicado por este material, me ocupo das construções daqueles projetos recomendados e legitimados por estas narrativas midiáticas, que se encarregam de oferecer os modelos e possibilidades que levariam a uma longevidade bem sucedida onde a juventude é levada até as idades mais avançadas. Procuro averiguar de que forma estes roteiros são construídos numa relação de permanente antagonismo com a velhice senil e decadente, como se a luta contra esta realidade fosse infundável.

Deve ser ressaltado que o uso da expressão “notável envelhecer” também se deve ao fato de que lido com textos que abordam o envelhecimento de personalidades públicas – conhecidas e famosas– que, ao desvendar suas trajetórias, estabelecem enquadramentos que servem como modelos através dos quais são configuradas as apreciações e julgamentos das experiências de envelhecimento retratadas.

Estas narrativas, elaboradas no tratamento da vida de artistas e outros tipos de figuras masculinas e femininas amplamente conhecidas, como alguns políticos e profissionais da comunicação, acabam estabelecendo limites e desenhando fronteiras em torno dos

significados do envelhecer. Nesse sentido, os casos de envelhecimento dos notáveis analisados – como, por exemplo, o das atrizes Suzana Vieira e Betty Faria e o dos atores José Meyer e Antônio Fagundes – podem ser pensados como exemplares, por exercerem o duplo papel de informar e formar os sentidos que definem o campo de possibilidades existentes em relação às experiências de envelhecimento.

Tendo em vista este conjunto de possibilidades analíticas, organizo minhas reflexões em três capítulos.

No primeiro capítulo, examino um conjunto de matérias que versam sobre o envelhecimento, publicadas em quatro revistas diferentes – Revista Veja, Istoé, Cláudia e *Men's Health* – sendo as duas primeiras voltadas para um público genérico do ponto de vista do gênero e as duas últimas, dirigidas ao público feminino e masculino, respectivamente. Seguindo o recorte temporal estipulado no início desta introdução (a saber, de pouco mais de uma década), pesquisei no acervo digital destas quatro revistas as matérias que estavam indexadas por três palavras-chaves: “envelhecimento”, “velhice”, “longevidade”. Identifico neste material os principais elementos utilizados para caracterizar os cenários do que seria o novo envelhecimento. Para tanto, analiso as variadas formas de manifestação do ideal que pensa o envelhecimento como um empreendimento de responsabilidade individual assumido a longo prazo, bem como investigo as diferenças encontradas nestes textos em relação aos tratamentos dispensados às experiências e trajetórias de envelhecimento masculinas e femininas.

No segundo capítulo, percorro as narrativas apresentadas em matérias publicadas em diversos meios midiáticos, impressos e digitais, analisando os enquadramentos dados aos casos de envelhecimento de personalidades públicas femininas – do mundo das artes, da comunicação e da política. Procuo mostrar como as tipificações dadas ao envelhecimento feminino são construídas a partir das especificidades deste gênero, constituindo um repertório próprio de preocupações como: a importância da dimensão estética do corpo para a identidade das mulheres e sua relação com o sexo; os nexos estabelecidos entre a sexualidade feminina e o domínio das relações familiares; e as nuances e paradoxos desenvolvidos nas críticas tecidas aos comportamentos de mulheres interpretados como inapropriados e recrimináveis.

O levantamento deste material consistiu em uma pesquisa digital na plataforma Google, buscando-se textos que contivessem o nome de cada uma das figuras que decidi analisar. Se, no capítulo anterior, o recorte foi feito pela escolha da produção específica de

algumas revistas, neste segundo caso, isto foi feito a partir de uma pesquisa nominal, alcançando notícias publicadas nos mais diversos sites e acervos que estivessem dentro do período que foi delimitado neste trabalho. Neste conjunto, encontram-se textos provenientes tanto de revistas mais reconhecidas como a *Veja* e *Istoé*, quanto de outras fontes da internet, como os *sites* de fofocas e de notícias de famosos. Algumas vezes um mesmo episódio é divulgado e replicado por inúmeros canais diferentes, demonstrando a repercussão que recebeu por parte desta modalidade de mídia.

Já no terceiro e último capítulo, examino os enquadramentos dados aos casos de envelhecimento de uma série de personalidades públicas masculinas, contrastando-os com aqueles dispensados aos femininos. O procedimento metodológico foi o mesmo utilizado no segundo capítulo, em que as matérias foram levantadas a partir de uma pesquisa nominal na plataforma Google, a partir do nome de cada uma das figuras masculinas abordadas. Verifica-se nos textos a mesma diversidade de fonte que no caso anterior. Investigo as principais questões através das quais as experiências descritas por estes textos são pensadas, destacando as seguintes: as relações entre a sexualidade masculina e a dimensão estética do corpo, a articulação entre a ideia de virilidade e longevidade masculina, e os reflexos da posição privilegiada dos homens nas relações de gênero para as suas trajetórias de envelhecimento.

Durante o processo de levantamento de dados foram identificados, para a elaboração do primeiro capítulo, aproximadamente 490 textos, coletados nas quatro revistas escolhidas. Estes textos compreenderam, de uma maneira geral, duas categorias distintas: matérias de divulgação de novas práticas e tratamentos anti-envelhecimento e matérias jornalísticas a respeito da temática da velhice e envelhecimento. Já no segundo capítulo, descontadas as redundâncias, foram encontrados cerca de 120 matérias envolvendo as personagens abordadas, enquanto no terceiro capítulo o número foi bem mais reduzido, cerca de 45 matérias. Resguardadas as devidas proporções, o número de matérias encontradas para cada personagem confirma a maior visibilidade desta temática quando está associada às experiências femininas.

Utilizo a noção de gênero neste trabalho como desconstrução da ideia de que as diferenças entre homens e mulheres se inscrevem numa ordem natural em que seus padrões de comportamentos e identidades são pensados como resultados de uma dimensão biológica humana. Portanto, os atributos identificados como femininos e masculinos devem ser pensados não de um ponto de vista substantivo e essencialista, mas como conteúdos simbólicos construídos relacionalmente em determinado contexto social e histórico. Seguindo

o que Lia Zanotta Machado indica em seu texto “Gênero, um novo paradigma?” (1998c), defendendo a utilização das relações de gênero tendo em conta a sua transversalidade, que perpassaria diversos domínios da vida social.

Por fim, é necessário ressaltar que, tendo em vista a natureza do próprio material do qual me ocupo, não pretendo retratar os enquadramentos da diversidade de experiências de envelhecimento que estão relacionadas às sexualidades divergentes e não hegemônicas, como as vivências homossexuais ou outras que não são registradas ou foram abordadas apenas residualmente nos textos midiáticos que encontramos⁴. Portanto, o universo empírico desta pesquisa é pautado pela heterossexualidade normativa, para tomar emprestado o termo cunhado por Judith Butler (2003), em que se pressupõem as relações heterossexuais como modelo de normalidade e as noções de gênero e sexualidade como reversos do mesmo processo de construção identitária em que ser homem e mulher implicam determinados padrões de conduta sexual. Assim, o sexo é visto como um campo de afirmação e reprodução simbólica de masculinidade e feminilidade, onde são desempenhados ou performatizados atributos ligados às diferenciações de gênero e suas assimetrias.

⁴No caso da homossexualidade masculina, ver texto de Julio Assis Simões (2004): Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais.

CAPÍTULO 1

A luta contra o Cronos – imagens e narrativas midiáticas do envelhecimento

Neste capítulo, pretendo explorar as narrativas midiáticas através das quais são constituídas aquelas que seriam as novas concepções de envelhecimento. Farei isso a partir da utilização de textos publicados em duas reconhecidas revistas semanais, *Veja* e *Istoé*, e duas revistas dirigidas a públicos específicos, *Men's Health* para o público masculino, e *Revista Cláudia* para o público feminino⁵. Essa seleção se justifica pela tentativa de abranger uma diversidade maior de enquadramentos em virtude das características advindas dos públicos potenciais de cada revista, tendo em vista que os textos são elaborados a partir da interlocução com estes segmentos. No entanto, de acordo com a proposta deste trabalho, não pretendo explorar as especificidades próprias a cada um desses veículos, mas retratar, a partir desse recorte, as tipificações acionadas para caracterizar as mudanças e novidades que compõem o novo envelhecimento, assim como analisar as diferenças de gênero que fundamentam as variadas possibilidades e perspectivas que incidem sobre o envelhecimento masculino e feminino.

Dentre as questões que abordo na caracterização das novas imagens de envelhecimento, destaco os seguintes: a constituição de roteiros prescritos no sentido de alcançar uma vida longa com saúde e autonomia; a extensão da preocupação com os impactos trazidos por este processo para todas as idades, deixando de ser uma temática relacionada somente a uma faixa etária específica para ganhar um amplo reconhecimento público; e o enquadramento da sexualidade enquanto parte do conjunto de aspectos relacionados ao quadro de saúde dos sujeitos. Em todos eles se mantém um diálogo constante com os estereótipos negativos relacionados à velhice, que não são mais vistos como consequências inevitáveis, mas como resultados de um envelhecimento mal sucedido.

Longevidade, Projeto e Negação da Velhice

Dando início à abordagem dos textos nos quais se verifica esta concepção acerca do envelhecer, parto de um excerto bastante esclarecedor a este respeito:

⁵ Enquanto a revista *Cláudia* tem publicação semanal, a revista *Men's Health* tem publicação mensal.

O TEMPO NÃO PERDOA. Se você não levantar um dedo, ele leva tudo o que você conquistou ao longo da vida. A boa notícia é que 70% dos fatores que aceleram o envelhecimento estão sob seu controle. “As pessoas aceitam que vão parecer e se sentir mais velhas quando, na verdade, isso é desnecessário”, afirma o especialista em envelhecimento Steven Austad, da Universidade do Texas, em San Antonio (EUA). Você pode superar o deus Cronos – ao menos por um tempo. Veja um arsenal de armas contra o relógio, montado por cientistas que estudaram fontes da juventude, para ajudar você a parecer, se sentir e continuar no auge.⁶

Apesar de ter sido extraído de uma revista que se dirige especificamente ao público masculino, este trecho aciona ideais fundamentais para a caracterização daquelas que são consideradas as novas formas de envelhecimento, tanto masculinas quanto femininas. Estas narrativas são profundamente marcadas por uma perspectiva individualista que privilegia e, ao mesmo tempo, convoca os indivíduos enquanto protagonistas do próprio envelhecimento. O texto supõe o leitor como um interlocutor, tratando-o pelo vocativo “você” e tomando a experiência de envelhecimento como um pressuposto. O fato das pessoas “se sentirem mais velhas” é exposto como algo não mais necessário tendo em vista que a superação das marcas trazidas pelo tempo poderia ser alcançada através do uso do “arsenal de armas contra o relógio” disponibilizado pela ciência.

A mensagem explicitada é que o sucesso desse empreendimento estaria sob a responsabilidade do indivíduo-leitor: “você pode superar o Deus Cronos”. Assim, o que se defende é que cada um e cada uma assumam para si um projeto pessoal de longevidade, assentado tanto no consumo de determinados serviços e produtos antienvelhecimento, profusamente divulgados em revistas e jornais, quanto na adoção de estilos de vida que preservam valores e ideais anteriormente associados à juventude. Apesar de reconhecer determinada dimensão que é inegociável e intocável e que se impõe aos indivíduos, já que não se trata de 100% de controle sobre os fatores que causam o envelhecimento, o texto conclama os indivíduos a assumirem a conquista daquilo que se abre ao empreendimento individual na luta contra o tempo.

Guita Debert, em seu livro *Reinvenção da Velhice* (2004), investiga diversos campos que de alguma forma se envolveram com as definições do que veio a ser considerado como o novo envelhecimento ou a velhice reinventada. A autora assinala as imagens e formas de como o envelhecimento é tratado:

As novas imagens e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro, como mostrarei a seguir, são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado, desestabilizando

⁶ Edição Março/2010. Revista Men's Health. (Grifado no original).

imagens culturais tradicionais. As novas imagens oferecem também um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase. Possibilitaram, ainda, a abertura de espaço para que as novas experiências de envelhecimento pudessem ser vividas coletivamente. Neles é possível buscar a auto-expressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Esses espaços estão sendo ocupados rapidamente pelos mais velhos (Debert, 2004, 65)

Segundo a autora, a antropologia não deveria se satisfazer com o argumento muito frequente que explica o destaque da temática do envelhecimento como epifenômeno das transformações demográficas que ampliaram os segmentos etários mais velhos e que prometem transformar ainda mais profundamente a composição etária do mundo. Seria importante ir além desse ponto de vista, buscando as implicações simbólicas e semânticas que dão forma e sentido à velhice e ao processo de envelhecimento ao longo do tempo. Assim, Debert aborda os percursos da constituição do envelhecimento enquanto uma preocupação teórica e política, analisando o desenrolar deste processo no campo médico, político e das instituições de cuidado e assistência à velhice dependente e doente⁷.

Refletindo sobre o que denomina de cronologização da vida – utilizando um termo que atribui a Kohli e Meyer (1986) - Debert observa que o pano de fundo para as discussões referentes às várias idades enquanto marcadores identitários é a institucionalização de uma classificação social cronologicamente orientada. Este processo teria ganhado força a partir do século XIX e se generalizado ao longo do século XX, interferindo tanto nas relações intra-familiares, como também na implementação de diversas políticas em que a idade seria uma demarcação fundamental, como as políticas destinadas à infância e aos menores, e aquelas destinadas aos aposentados e idosos. A idade, no caso do tratamento dado ao envelhecimento, passou a ser um critério inquestionável na conquista de direitos como a aposentadoria e outros benefícios sociais, que foram amplamente marcados pela apelação ao imaginário que associa a velhice à decrepitude e à decadência física, condições que impediriam o trabalhador de se manter ativo e autônomo, necessitando assim de assistência estatal para a garantia da sua dignidade.

Sem querer apostar em uma única explicação para as mudanças ocorridas no tratamento dado à velhice nas últimas décadas, em um contexto em que a idade já havia se

⁷ A respeito da questão da seguridade e proteção social da pessoa idosa ver : BATISTA, A. S. et al. Envelhecimento e dependência: desafios para a organização da proteção social. Brasília: Ministério da Previdência Social, 2008.

consolidado como um importante traço identitário- seja nas relações domésticas, seja nas relações dos sujeitos com o estado - Debert aposta em três eixos analíticos fundados em diferentes agências relacionadas entre si: o movimento de aposentados, o campo da gerontologia e as instituições asilares e associativas.

Primeiramente, o movimento de aposentados, ocupando cada vez mais espaço político e econômico em virtude do crescimento de beneficiários e o prolongamento do período de vida dos mesmos, teria desempenhado um papel fundamental na revisão dos estereótipos negativos atribuídos à aposentadoria e, assim, quebrado o vínculo quase naturalizado entre os aposentados, a velhice e decadência física.

Em segundo lugar estaria o campo da gerontologia, que desconstrói a ideia de que o envelhecimento está naturalmente ligado a doenças e ao sofrimento físico e aposta em medidas paliativas para retardar e amenizar qualquer acontecimento médico associado à velhice de uma forma genérica.

Por último, estariam as associações asilares e associativas que, cada qual ao seu modo, apostam na ideia de que a velhice deve ser ocupada com projetos e estilos de vida que refratem a dramaticidade envolvida no envelhecimento com período de sofrimento e perda.

De acordo com Debert (2004), como parte constitutiva destes movimentos em torno da redefinição da velhice e do envelhecimento, os termos classificatórios utilizados para se referir a eles têm se transformado ao longo do tempo. Deixam-se de lado categorias consideradas carregadas de valores negativos e depreciativos- como os termos “velhos” e “velhice” - dando preferência a outras formas encaradas como mais amenas e positivas - como as palavras “idosos”, “terceira idade”, “melhor idade” ou “nova juventude”. Neste processo de revisão de vocabulário, verifica-se um constante diálogo com palavras relacionadas aos mais jovens, que são utilizadas de modo a amenizar os termos de outrora, que passam a ser considerados antiquados. Assim, mais do que um momento da vida humana, a juventude se consolida enquanto um valor social reconhecido e valorizado amplamente, independente da idade cronológica.

Outro aspecto levantado pela autora para explicar estas mudanças, que segundo ela perpassariam todas as dimensões citadas anteriormente, é a expansão do capitalismo. Esse processo teria, em sua perspectiva, consolidado e intensificado os diversos nichos de consumo, entre os quais o grupo dos idosos também seria enquadrado como detentor de um potencial econômico a ser explorado através da venda de produtos e serviços patrocinados

pelas novas imagens do envelhecimento. Tal aspecto, descrito pela autora de forma crítica, revelaria as incongruências ofuscadas pela aparente liberalidade e tolerância vendida pelo discurso de reinvenção da velhice que a autora analisa, pois se os projetos de longevidade estariam sendo expostos a cada dia de forma mais frequente e diversificada, o acesso de cada um e cada uma seria pautado pela sua capacidade de consumo e adesão e por condições muito diversas e assimétricas.

Seria, contudo, ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. As oposições entre o “jovem velho” e o “jovem jovem” e o “velho jovem” e o “velho velho” são formas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, criando mecanismos de diferenciação, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais”. (Debert, 2004, 66)

A constituição de modelos de envelhecimento pautados em ideais de longevidade associados à juventude traria um efeito identificado pela autora como reprivatização do envelhecimento. Tal efeito é caracterizado tendo como referência dois momentos distintos:

Primeiramente, estaria o momento em que o Estado teria consolidado o papel público da classificação etária de seus cidadãos como elemento norteador de identidade e políticas públicas, o que teria feito com que a idade deixasse de importar apenas no universo das relações familiares para ser uma questão pública.

Em um segundo momento, já no final do século XX, o movimento seria o inverso, ou seja, a responsabilidade pela velhice e envelhecimento seria relegada aos próprios indivíduos, pesando sobre seus ombros o sucesso de uma trajetória longa. Esse segundo momento não implicaria na perda de importância da idade como fator identitário e político, e tampouco no fim das distinções criadas a partir desse aspecto. No entanto, os indivíduos passariam a ser confrontados com possibilidades mais diversificadas e, até então desconhecidas ou desconsideradas, sendo convocados a assumirem um papel ativo na condução da sua própria trajetória de envelhecimento.

Para Debert, a abordagem desta responsabilização individual da trajetória de envelhecimento deveria ser acompanhada pelo reconhecimento da heterogeneidade que marcaria as diferentes condições dos indivíduos de aderirem aos múltiplos programas recomendados para superação da velhice. No entanto, levando em consideração as concepções expostas nas narrativas midiáticas que analiso, vejo que os modelos de projeto de

longevidade são apresentados como sendo universalizáveis. Desse modo, não fazem maiores referências às distinções de classe social e de raça, e tampouco a outros tipos de marcadores sociais que poderiam caracterizar mais detalhadamente o perfil dos seus interlocutores. Esta indiferenciação pode ser lida como uma forma de estabelecer uma identificação com um público mais amplo, ao mesmo tempo em que revela a força e reconhecimento da ideia de que projetar e ocupar a velhice com projetos individuais seriam a grande saída para os problemas enfrentados ao longo desta experiência.

A abordagem etnográfica da armação de projetos individuais como uma forma de superação do envelhecimento evoca o trabalho de Myriam Moraes Lins de Barros. Em sua pesquisa sobre um grupo de militantes católicas idosas, no final da década de 70, no Rio de Janeiro, esta autora procurou compreender as diferentes trajetórias de vida e envelhecimento dessas mulheres, explorando as articulações e tensões entre os diversos domínios (o familiar, o profissional e a Igreja Católica) pelos quais transitavam. A opção pelo voluntariado no âmbito da Igreja Católica é colocada como um projeto de envelhecimento que prefere a individualização deste tipo de trabalho ao tipo de relação desenvolvido no âmbito das relações domésticas e familiares, frequentemente marcados pela diminuição do status feminino, tanto para mulheres solteiras, quanto para as casadas e viúvas – resultados de vários aspectos como a solidão, o distanciamento dos filhos crescidos e a morte dos cônjuges. O exercício desse trabalho militante é visto como uma escolha em que é ressaltado o valor de uma individualidade deliberadamente estabelecida:

No caso estudado não há uma ruptura com os padrões familiares em termos de valores, mas a família é substituída por outras áreas onde a mulher enquanto indivíduo pode se apresentar. Para as mulheres desta pesquisa, a ligação com uma visão de mundo altamente hierarquizada da Igreja poderia servir de barreira à valorização do ser individual, capaz de escolha e opção. Mas a própria posição neste domínio abre possibilidades para um aspecto mais leigo e portanto mais voltado para outras áreas da sociedade. Esse aspecto mais leigo é apresentado pelas mulheres como uma inserção real ou não no mercado de trabalho. O termo **trabalho**⁸ está assim intimamente ligado à sua individualidade. Nesse sentido, fica mais claro o fato de se referirem com esse termo às suas atividades junto às organizações religiosas. (...) É esta mulher que ao chegar à velhice é capaz de armar um **projeto**⁹; é ela o indivíduo apto a optar, a pôr em prática sua liberdade de escolha. É também o indivíduo que tem a frente um maior espaço de alternativas dado pela própria existência de múltiplas áreas de relações sociais que a metrópole possibilita. (Barros, 2006, 162).

A reflexão de Barros a respeito da temática do envelhecimento em contextos urbanos

⁸ Grifo da autora.

⁹ Grifo meu.

evoca a discussão da fragmentação e das fronteiras simbólicas que demarcariam as diversas experiências e trajetórias, desenvolvidas nos trabalhos de George Simmel¹⁰ e Alfred Schutz. A influência do primeiro está assentada principalmente na reflexão teórica do ator sobre a vida social em contextos metropolitanos, em que são pensados as diversas dinâmicas tanto de proximidade quanto de distanciamento e conflito entre os diferentes grupos e atores que são colocados em interação. O segundo, cuja influência sobre o trabalho de Barros é ainda mais notória, faz-se presente pela instrumentalização do conceito de *projeto*, utilizado tanto para trabalhar as diferentes trajetórias de envelhecimento em suas particularidades, tanto para captar a ideia amplamente defendida de que é necessário ocupar a velhice com projetos que mantenham os indivíduos em atividade.

A abordagem das trajetórias de envelhecimento a partir de uma análise fundada no conceito de projeto é uma apropriação do trabalho de Alfred Schutz que não esgota o potencial desse autor para a compreensão dessa temática. Mais do que pensar as diversas narrativas biográficas de determinados sujeitos no sentido de compreender seus projetos de velhice, também podemos lançar mão do arcabouço teórico do autor para o entendimento dos processos intersubjetivos através dos quais as fronteiras simbólicas são construídas na vida social. É possível, assim, aplicar suas ferramentas analíticas para a compreensão dos diversos esquemas e conjuntos de tipificações que estabelecem os sentidos envolvidos em torno do que é envelhecer. O movimento de análise de Barros consiste na compreensão dos referenciais que compõem o campo de significação das experiências das mulheres idosas que estuda. Contextualiza, assim, as particularidades envolvidas em cada uma de suas trajetórias, ao mesmo tempo em que indica que a “armação de projeto” seria a unidade principal para caracterizar a experiência de envelhecimento bem sucedido.

Proponho-me, nesse capítulo, a rastrear e mapear as tipificações e significados construídos textualmente em matérias jornalísticas que retratam a velhice e o envelhecimento e lhes conferem um conjunto sistemático de significados que compartilham a ideia de projeto individualmente realizável como o caminho para o enfrentamento e superação do tempo.

Tendo esse empreendimento em vista, a utilização de matérias jornalísticas que versam sobre os vários aspectos do envelhecimento como material empírico se justifica e se legitima pelo desempenho que estas narrativas exercem não somente como expressão de um modo particular de tratar a questão, mas também como algo dotado de agência na constituição

¹⁰ Sobre o tema ver Simmel, Geoge. A metrópole e a vida mental. In: Velho, O (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

dos sentidos atribuídos ao envelhecimento. Assim, tais construções tem uma duplicidade marcada por essa interface entre a expressão de uma forma ou sentido particular e a constituição deles próprios enquanto modelos a serem reconhecidos e seguidos.

Como evidencia o trabalho de Schutz, (1979) em seu livro Fenomenologia e Relações Sociais, a intersubjetividade característica da vida social é constituída pelo compartilhamento de um quadro de significados e tipificações a partir do qual é possível haver comunicação e interação significativa.

O significado subjetivo que o grupo tem para os seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum e, com ela, de um sistema comum de tipificações e relevâncias. Essa situação tem a sua história, da qual participam as biografias dos membros individuais; e o sistema de tipificações e relevâncias que determina a situação forma uma “concepção relativamente natural do mundo” comum. Aqui, os membros, individualmente a vontade, isto é, encontram seu caminho sem dificuldade, no meio comum, guiados por um conjunto de receitas e hábitos, costumes, normas, etc., mais ou menos institucionalizados, que os ajudam a viver em harmonia com seres e semelhantes pertencentes à mesma situação. O sistema de tipificações e relevâncias compartilhado com os outros membros do grupo define papéis sociais, as posições e o status de cada um. Essa aceitação de um sistema comum de relevâncias leva os membros do grupo a uma autotipificação homogênea. (Schutz, 1979, 82)

As tipificações compartilhadas constituem não somente a relação dos indivíduos com o que seria o mundo natural, mas também as relações interpessoais, em que cada indivíduo possuiria identidades construídas a partir de uma interlocução permanente com as categorias utilizadas para a classificação de cada sujeito, sejam elas de gênero, idade, classe social, ou qualquer outro tipo de status social. São essas tipificações que dão condições para que os atores sociais se orientem no mundo, dando-lhes antecipações e expectativas para que possam, a partir delas, se movimentar e agir. Portanto, partindo desta perspectiva, a percepção do próprio envelhecimento pode ser entendida como algo dado no bojo dessas relações de atribuição e compartilhamento de sentido, no curso da vida social, em diálogo permanente com olhar exterior daqueles que são contemporâneos.

A análise da atuação dos sujeitos neste mundo significativo é desenvolvida por Schutz (1979) por meio do conceito de *projeto*. A partir do repertório de valores e regras de comportamento que têm à mão, os indivíduos procurariam traçar caminhos a serem percorridos na direção de determinados objetivos de seus interesses. Tais interesses, do mesmo modo como os caminhos a serem percorridos, seriam também constituídos pelo conjunto de referências disponibilizado pelos grupos sociais aos seus membros sendo,

portanto, um projeto essencialmente social desde o início. Assim, os limites para a elaboração destes projetos, bem como as possibilidades de execução dos mesmos, seriam delimitados pelo conjunto de tipificações e pelos campos de possibilidade estabelecidos coletivamente.

Em contextos em que coexistem diversos grupos em uma relação de proximidade tanto sociológica quanto geográfica, haveria uma maior abertura para a heterogeneidade de experiências e trajetórias. Neste ponto, nos aproximamos do trabalho de Simmel (1973), para quem a vida em contextos urbanos, onde inúmeros *ethos* e visões de mundo distintos estão em constante contato, favorece a emergência da consciência e valorização da individualidade, reforçando o reconhecimento da ideia de que cabe a cada indivíduo as escolhas de seu percurso biográfico, como um forma de estabelecer uma distinção dentro de um contexto marcado pelo anonimato. Esse aspecto, característico ao mesmo tempo da vida metropolitana e da modernidade, pode ser utilizado para pensar a profusão de projetos divulgados, assim como o valor dado ao ideal segundo o qual as ações individuais devem ser orientadas por eles, tendo em vista que a capacidade de projetar e dirigir a própria trajetória faz parte de uma imagem de autodeterminação e individualização muito cara a este contexto social.

Nesse sentido, as abordagens desenvolvidas por Schutz e Simmel podem ser associadas ao trabalho de Foucault (1993) a respeito da dimensão política do discurso. É característica dos textos midiáticos aqui retratados, a adoção de uma linguagem que reforça sua autoridade enquanto definidores de projetos válidos de envelhecimento. Mais do que um registro, os textos se dirigem aos seus leitores com a proposta de informar e formar as suas expectativas e intenções, delimitando o campo de possibilidades disponível e, para usar a linguagem foucaultiana, produzindo verdades a respeito das “boas formas” de vivenciar o envelhecer.

É importante notar que, mesmo nos casos das narrativas aqui apresentadas, em que se ressalta uma imagem de liberalidade e incentivo às decisões individuais, o que está em jogo nesta oferta de informação própria da atividade jornalística, é a constituição de modelos e tipificações que são não somente incentivados e divulgados, mas também autorizados. E, como ensina Foucault a respeito da micropolítica, ao tornar pública uma versão enunciada, acaba-se por deslegitimar outras tantas.

Como explanado no início deste capítulo, o entendimento dos significados sociais da velhice e do envelhecimento não devem ser pensado de maneira isolada das demais fases identificadas como parte do desenvolvimento humano, tendo em vista que estas estão

intimamente ligadas umas às outras nos diversos discursos que circulam sobre tais questões. Nos textos analisados ao longo deste capítulo, há a recorrência de uma associação entre as condições da velhice e aspectos biográficos ligados à infância e ao começo da vida adulta, em que os hábitos e práticas de um período influenciam as fases posteriores. Desse modo, a preocupação e os cuidados com a passagem do tempo e as marcas dessa passagem sobre os corpos são estabelecidos como empreendimentos para toda a vida, exigindo um cuidado diligente e constante no sentido de garantir no futuro o sucesso na luta contra o envelhecimento. Esta questão encontra ressonância principalmente nas matérias que tratam de questões relacionadas à saúde, que ocupam grande parte do conjunto de reportagens sobre o tema do envelhecimento, como pode ser visto a seguir:

A primeira receita para ter vida longa é nascer com predisposição genética para a longevidade. Ou seja, algumas pessoas têm capacidade inata para atingir 120 anos, o limite biológico do homem. Fatores ambientais, sociais e culturais determinarão a qualidade do envelhecimento. “Tudo o que é feito desde a gestação terá consequência na idade avançada”, explica a médica Andréa Prates. Por isso, a OMS prega que as ações em busca do envelhecimento ativo começam na barriga da mãe. Nessa fase, a gestante deve fazer pré-natal, balancear a dieta e evitar o cigarro, por exemplo. Para que o filho viva bastante, a amamentação por no mínimo quatro meses é sagrada. Além da alimentação e da atividade física compatíveis com o crescimento da criança e do adolescente, os pais não podem esquecer também da vacinação. Por volta dos 20 anos, o corpo está formado e vive seu auge. A partir daí, começa um processo de declínio. Seu ritmo dependerá da exposição a fatores de risco e da atenção a medidas preventivas, como checagem do colesterol.¹¹

Este trecho permite vislumbrar o desenho de um ciclo de desenvolvimento humano, estabelecido a partir de um diálogo com o que seria sua dimensão genética. Embora seja apresentada como algo dado e inevitável, da forma como o texto elabora é possível estabelecer com essa dimensão uma relação senão de superação, pelo menos de amenização de suas características e problemas. Mesmo que a genética traga a predisposição para diversos problemas de saúde, cabe aos indivíduos lutar para que tais inclinações sejam evitadas através de práticas saudáveis de prevenção, que os distancie dos tais fatores de riscos que prejudicariam o seu envelhecimento. A fase inicial deste ciclo de desenvolvimento é identificada já na gestação e, mesmo nesse período, observa-se a incidência da ideia de “envelhecimento ativo”, onde diversos aspectos são levantados como meios de se conquistar para o nascituro um corpo saudável no futuro. Assim, essa postura de enfrentamento dos males próprios do processo de envelhecimento não deixa de ser considerada mesmo em um

¹¹Edição: 1685 de 16.Jan.02 – Revista Istoé

contexto de dependência das crianças, visto que a responsabilidade pelo seu sucesso é atribuída aos pais e a preocupação com a longevidade aparece antes mesmo da posse de autonomia enquanto indivíduo.

Em outro excerto desse mesmo texto, continuando o desenho de um ciclo de desenvolvimento ao relacioná-lo com os cuidados próprios a cada idade, encontra-se outro caso em que a conquista de um corpo saudável e longo aparece como projeto de longo prazo:

As enfermidades cardiovasculares merecem cuidado especial. Elas são uma das maiores causas de morte no mundo. E para manter a saúde do coração é preciso seguir um estilo de vida saudável, com espaço para o lazer e o descanso da alma. Controlar a diabete é outra orientação para acrescentar alguns anos ao relógio natural. “Observe se há tendência familiar para a doença. Depois dos 45 anos, atente para sintomas como aumento do volume de urina”, ensina Andréa. A transformação de hábitos não se faz de uma hora para outra. Por isso, o paciente não deve sentir culpa se não conseguiu alterar a rotina rapidamente. Mudanças feitas aos poucos têm mais chances de sucesso. Muitos dos problemas que tentamos resolver na velhice deveriam receber atenção bem antes. O mais correto seria na infância. É o que concluiu a nutricionista M. F. M., professora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, após anos de trabalhos com idosos. “Vi a necessidade de estender o acompanhamento para adultos. As pessoas não sabem o que é necessário comer, quanto e como substituir nutrientes”, observa. Ela afirma que muita gente não quer abrir mão de prazeres (como gordura e doce), preferindo viver menos a ser comedido à mesa. “A questão não é essa. Não cuidar da alimentação significa mais do que viver menos. Significa viver pior”, alerta. A boa notícia é que os jovens de hoje estão entendendo isso. “Os idosos do futuro serão diferentes porque terão absorvido os valores da nutrição há mais tempo”, julga.¹²

Nessas narrativas que tratam das novas formas de lidar com o envelhecimento, há um deslocamento da duração do envelhecer enquanto processo para todas as faixas etárias, estabelecendo uma agenda de terapias e hábitos que se estendem durante toda a vida, de acordo com as especificidades de cada idade. Como se trata de um projeto cujo protagonismo é atribuído aos indivíduos, os especialistas assumem o papel não de meros terapeutas, mas também de educadores, cuja proposta pedagógica se baseia na direção de toda população, em todas as idades, no sentido de assumir a responsabilidade sobre sua própria trajetória. Merece atenção o fato de que, diante da resistência à postura ascética de abrir mãos dos prazeres trazidos por hábitos não saudáveis (como a ingestão de gordura e doce), a voz do especialista, representada pela figura da nutricionista, assume uma autoridade que reivindica para si a definição do que é viver bem e viver mal.

¹² Edição: 1685 de 16.Jan.02 – Revista Istoé

A extensão da preocupação com o envelhecimento para todas as idades está presente em diversos textos, sempre ressaltando a responsabilidade individual dos sujeitos na definição dos rumos de sua trajetória de envelhecimento, como pode ser observado no texto a seguir:

...enquanto os conhecimentos obtidos em laboratório não se materializam em terapias reais, necessita-se seguir a orientação de que é preciso cuidar da saúde no presente para que, no futuro, ela ainda seja vigorosa. Os especialistas sugerem que os cuidados devam se intensificar a partir dos 35 anos, quando o corpo começa a envelhecer. “Identificar fatores de risco para doenças é uma atitude que deve ser tomada. Assim como abolir o cigarro, o álcool e o sedentarismo e manter uma alimentação rica em fibras, evitando frituras, gorduras e açúcares”, afirma o geriatra C. A., do Hospital A. E. (SP). Segundo ele, os exercícios também são importantíssimos. A atividade física regular ajuda a reduzir a perda da massa muscular, uma das primeiras manifestações do envelhecimento. “Dos 30 aos 50 anos de idade, o ser humano perde 10% da massa muscular. Dos 50 aos 80 anos, esse índice chega a 30%. Ao perder força, perde-se também resistência. Por isso a relevância de praticar caminhada, natação, musculação e até modalidades como o tai chi chuan para tentar reduzir essas perdas”, afirma.¹³

Os roteiros indicados aos leitores para alcançarem o projeto de saúde e longevidade que ambicionam são diversos e podem, inclusive, se encontrar ou se sobrepor, dependendo das características de cada contexto. Estas narrativas prescritivas são as mais recorrentes nos textos jornalísticos que tratam do envelhecimento, em que também novas técnicas e hábitos são constantemente divulgados, revisados e revisitados, nos mais diversos veículos midiáticos, sempre se afirmando a partir da autoridade de algum especialista¹⁴ das diversas áreas que tratam da questão, como médicos, nutricionistas, psicólogos e outras modalidades de terapeutas.

No entanto, além da questão da saúde, existem outros aspectos importantes que se fazem presentes e que também são fundamentais na caracterização dos novos modelos de envelhecimento e velhice ativos. Tais aspectos encontram-se ligados à prescrição de estilos de vidas e hábitos que embora não estejam diretamente relacionados à questão da saúde, são dispostos ao seu lado, como parte desse projeto de envelhecimento positivo que se afasta dos estereótipos que associam a velhice à decadência física, à debilidade mental e ao isolamento.

Dentre os itens relacionados na composição desse roteiro de envelhecimento ativo, está o exercício de atividades que teriam como principal papel manter os idosos engajados em

¹³ Edição nº 1857 de 18.Mai.05 – Revista Istoé.

¹⁴ Esta noção de especialista remete ao conceito de perito de Giddens, do livro *As consequências da modernidade*, que diz: “Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”. O repertório de conhecimento ratificado por estes sistemas consistiria em importantes referências para a vida cotidiana, pois “criam grandes áreas de segurança relativa para a continuidade da vida cotidiana” (GIDDENS, 2002: 126).

relações sociais constantes e intensas, assim como em atividades que os façam exercitar a mente e o corpo, mantendo-os afastados de um estado de paralisia e sedentarismo e também de isolamento:

Outro consenso é a necessidade de manter a capacidade funcional do corpo. Para a geriatra A. P., coordenadora do Centro Internacional de Informação para o Envelhecimento Saudável, a idade não é parâmetro para definir a velhice. A questão funcional, sim. “Poder gerir a própria vida desempenhando suas atividades com autonomia e independência é o que importa”, afirma. Para o médico Wilson Jacob Filho, diretor do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, há também muitas outras maneiras de prolongar a jovialidade. “Manter o equilíbrio emocional e uma rede de suporte social é essencial”, diz. A professora aposentada Maria Helena Vieira, 63 anos, se encaixa nesse perfil. Depois que parou de dar aulas, procurou um curso de artes plásticas para realizar um antigo desejo: pintar. Hoje, entre uma tela e outra, faz inglês, oficinas de artes e ainda sai com as amigas. Tudo isso sem abrir mão da sagrada caminhada matinal. **“Não tenho tempo para pensar que estou envelhecendo. Tenho uma família adorável que me apóia e, além disso, faço coisas que me dão muito prazer e alegria. Não sobra tempo para nada. Nem para as doenças”**, diz Maria Helena, muito feliz com a idade que tem.¹⁵

Nesse texto, podemos identificar alguns elementos importantes para o entendimento dos sentidos e valores atribuídos ao que é considerado o novo envelhecimento. Primeiramente, está a valorização da independência e autonomia como principal característica de uma experiência bem sucedida de longevidade. Mais do que qualquer outro aspecto, ser capaz de administrar a própria vida desempenhando atividades sem a necessidade de maiores cuidados e assistência seria uma qualidade fundamental para um “bom” envelhecimento. Essa questão é discutida por alguns autores a partir da sua relação com a ideologia individualista.

Segundo Debert (2004), tendo em vista a importância atribuída à agência dos indivíduos na condução de sua própria vida, em que cada um é responsabilizado pelas suas escolhas e trajetórias, a perda de autonomia e independência seria considerada uma espécie de morte social, tomada como algo degradante e que deveria ser evitado com todos os recursos disponíveis e pelo máximo de tempo possível.

Outro fator relevante mencionado no texto analisado é o envolvimento com atividades diversas de aprendizado e sociabilidade, cuja importância seria manter os idosos ocupados, de modo a não sofrerem o drama de sua experiência de envelhecimento com a mesma intensidade, caso estivessem ociosos.

Considero, portanto, o trecho em destaque, em que a entrevistada diz não ter tempo

¹⁵ Edição nº 1857 de 18.Mai.05 – Revista Istoé .

para pensar que está envelhecendo e avalia isso como um aspecto positivo da sua vida ocupada e ativa, bastante profícuo para pensar esta questão. Da forma como é elaborada, tal fala aborda a experiência de envelhecimento como algo que depende do reconhecimento constante pelo próprio sujeito. Tal concepção dá margem a uma postura furtiva que, ao pretender preencher todas as lacunas da vida cotidiana com atividades e exercícios, criaria subterfúgios para que o envelhecimento não ganhasse tanto destaque e atenção. Mais uma vez, vemos ser ressaltada a desnaturalização do processo de envelhecimento, tornando-o potencialmente contornável e passível de ser enfrentado por indivíduos ativamente engajados na busca por qualidade de vida.

Continuando na análise da mesma matéria, há outro trecho que aprofunda a ideia, já antes mencionada, da importância da dimensão afetiva e emocional para a consolidação de um projeto de longevidade bem sucedido. Como é apresentada a seguir, a linguagem para tratar das emoções é propositiva e caracterizada por um tom convocatório, que enfatiza a importância do engajamento individual, assim como traça e recomenda o caminho certo a ser seguido:

As emoções também merecem atenção. No processo de envelhecimento, fatores como depressão, stress e ansiedade encurtam a longevidade. Essas situações comprometem a qualidade de vida, implicando riscos à saúde. Para combatê-las, é fundamental valorizar os sentimentos positivos. A tarefa não é tão difícil assim. Estudo da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, feito com apoio da Unifesp, mostrou que 57% dos idosos com mais de 80 anos moradores de Veranópolis – cidade conhecida pelo grande número de habitantes longevos – vivem a velhice com otimismo. As principais causas da satisfação foram a possibilidade de continuar realizando atividades domésticas e o bom relacionamento com a família. “Cada um tem sua receita de bem-estar. Mas uma solução é seguir criando. Pode ser o cultivo de uma parreira. O que vale é a sensação de realização”, comenta o autor da pesquisa, o psiquiatra F. X., da PUC/RS. O gerontologista A. Z. corrobora o argumento. “Uma das coisas mais importantes para ter a cabeça ativa é manter os vínculos pessoais e sociais”, diz. O idoso deve ter um projeto. Pode ser um trabalho formal ou uma atividade voluntária. “Ele tem de dar continuidade à vida participativa”, afirma o psicólogo J. C. F., do programa da terceira idade do Sesc de São Paulo. Por isso, enquanto a velhice não chega, é importante elaborar planos para essa fase. E prestar atenção nos velhinhos que nos cercam. Eles têm voz, desejos e necessidades.¹⁶

Nesse trecho, é possível identificar algumas associações muito significativas em relação à valorização de uma velhice ativa e autônoma. As questões emocionais são vistas a partir da importância que exerceriam para a consolidação de um quadro de saúde satisfatório. Sendo assim, uma vida emocional problemática e tensa poderia acarretar riscos e redução na

¹⁶Edição nº 1685 de 16.Jan.02 – Revista Istoé

expectativa de vida de cada sujeito em processo de envelhecimento. Em seguida, há uma associação entre uma vida emocional positiva e o engajamento em algum tipo de atividade, seja profissional ou de aprendizado, e em relações sociais familiares ou associativas que mantenham, para usar as palavras usadas no texto, a continuidade de uma “vida participativa”. Independentemente do tipo de atividade ou de relação, mais uma vez o importante é ocupar o tempo para não deixar brechas para a inatividade e o isolamento: há que se movimentar para obter o almejado sentimento de satisfação pessoal.

A voz do especialista, que continua sendo a autoridade para a definição de quais questões devem ser consideradas em relação ao modo de envelhecimento desejável e legítimo, chama atenção para o fato de que a responsabilidade por uma vida afetiva equilibrada e que contribua para seu estado de saúde, é uma responsabilidade de cada indivíduo, a quem cabe a postura diligente de valorizar os sentimentos positivos, em detrimento daqueles que poderiam lhe ser prejudiciais. O conceito de *projeto*¹⁷ ganha um imenso destaque, fazendo parte do vocabulário próprio para expressar as diversas modalidades de ocupações possíveis. Tais ocupações, se pensadas de maneira dialógica com os traços que têm sido tradicionalmente utilizados para caracterizar o envelhecimento, podem ser pensadas como a antítese do isolamento, da inatividade e da dependência que marcariam a velhice senil e debilitada.

Outro aspecto revelado pela ideia de movimento presente na noção de *projeto* é a valorização da autonomia e independência confirmadas pela capacidade de projetar. Esta concepção emerge da ampla divulgação que é realizada acerca da importância que a agência dos próprios indivíduos teria na manutenção de uma vida longa e de qualidade, aqui definida pela capacidade de auto-administração, sem dependência física e emocional. Dentro desse contexto em que se ocupar é uma parte fundamental do bom envelhecer, é possível encontrar, em alguns textos, a caracterização da maturidade e velhice – em alguns casos, representadas pela aposentadoria– como períodos diferenciais para se aproveitar novas oportunidades e realizar anseios e sonhos que não foram realizados em momentos anteriores:

O ser humano ganhou mais 20 anos de expectativa de vida nas últimas décadas. O que fazer com eles? Aproveitá-los da melhor forma possível. O recuo dos preconceitos, o avanço da medicina e a reforma da Previdência afastam cada vez mais a imagem da cadeira de balanço, do arrastar dos

¹⁷ “Todo projetar consiste numa antecipação da conduta futura por meio da fantasia (...) Porém projetar é mais do que fantasiar. O projeto é a fantasia motivada pela intenção posterior, antecipada, de desenvolver o projeto. A possibilidade prática de desenvolver a ação projetada, dentro do quadro imposto da realidade do *Lebenswelt*, é uma característica essencial do projeto. No entanto, ele depende do nosso estoque de conhecimento à mão na ocasião do projeto. A possibilidade de praticar a ação projetada significa que, de acordo com o meu conhecimento atual, a ação projetada, pelo menos com relação ao seu tipo, teria sido viável se tivesse ocorrido no passado...”(Schutz, 1979, 138)

chinelos e estimulam realizações de projetos sempre adiados. Nesse contexto, aumenta a popularidade de um conceito que nos velhos tempos soaria estranho: aposentadoria empreendedora, ativa, repleta de vitalidade e associada à prática de um esporte. A idéia vem seduzindo sessentões, setentões, octogenários e até nonagenários. O raciocínio é simples: em vez de esperar o dia D com um olho no calendário, o negócio é se convencer de que a vida começa aos 60 e planejar o pulo-do-gato. É verdade que a aposentadoria no Brasil não é céu de brigadeiro. As carências são muitas e as falhas do sistema de saúde, insanáveis. Por outro lado, que outra fase pode ser mais propícia para um homem ou uma mulher saudável dedicar-se a fazer o que gosta? Os filhos já cresceram, o Fundo de Garantia pode ter reservas consideráveis, o stress ficou no passado e as economias pessoais garantem o mínimo de segurança. A busca da felicidade foi o que inspirou a ruptura do empresário Afonso Freitas, há 20 anos. Da fabricação de móveis ele se mudou para o surfe, atividade que começou a praticar aos 38. Hoje, aos 74 anos, tem uma loja de pranchas e só sai do trabalho para surfar. Com cinco filhos e “dez ou 12 netos”, é pai do tricampeão mundial de surf board Marcelo Freitas, 28 anos. “O surfe melhorou minha saúde, meu humor, e virou um alimento. Se eu passo quatro dias sem pegar uma onda, fico ansioso”.¹⁸

O quadro desenhado pela narrativa, nesse trecho, é o de um envelhecimento economicamente amparado pela renda proveniente de uma aposentadoria, em um texto que não se dirige apenas aos aposentados, mas a todo público interessado nessa questão. Uma possível explicação para tal fato pode estar relacionada ao perfil de leitores destas revistas por assinatura, em que o acesso a tais fontes de informação estão intimamente ligadas a determinados potenciais de consumo. Esse recorte já limita o horizonte de interesse dos textos aos estratos médios, financeiramente capazes de consumir a produção desses veículos midiáticos impressos. No entanto, mesmo tendo uma clara delimitação dos seus campos de interesse, na linguagem adotada nas diversas narrativas analisadas neste trabalho, transparece a pretensão de produzir modelos genéricos e universalizáveis, sem refletir especificamente sobre em que medida as diferentes condições de classe social interferem nas composições de um projeto de envelhecimento válido e qualitativamente superior.

Dentro desta linha de raciocínio, a liberação do trabalho e também das responsabilidades familiares para com os filhos e dependentes geraria uma liberdade de oportunidade para se dedicar a outros projetos antes tolhidos por tais ocupações, projetos estes prioritariamente desenvolvidos fora do ambiente doméstico e das relações familiares.

Novamente, são apresentados diversos termos utilizados para reificar a responsabilidade da atuação dos próprios sujeitos: empreender, planejar, ser ativo, praticar. Este envelhecer em movimento é contrastado com a imagem inicial que evoca a figura da

¹⁸ Edição nº 1909 de 24.Mai.06 – Revista Istoé.

cadeira de balanço e o uso de chinelos, utilizados metaforicamente como uma referência ao isolamento próprio da velhice que se limita à vida cotidiana e ao isolamento ao espaço doméstico. Assim, em um contexto em que ficar parado e isolado é um risco, a atividade profissional e pública, sejam elas quais forem, são eleitas como fundamento de outro envelhecimento marcado pela atividade e pelo engajamento.

Como consequência desse argumento que tenta reduzir ao mínimo o período de vida destinado ao recolhimento – resultado da decadência física que advém do envelhecimento–, há a extensão de outros aspectos e valores próprios da juventude e de outras faixas etárias para a velhice, o que resultaria numa intensa flexibilização da idade cronológica. Este processo se daria a tal ponto que a idade não seria mais um marcador identitário tão sólido quanto já teria sido na definição dos comportamentos individuais. A relativização da idade como critério definidor de fronteiras geracionais encontra voz em diversos textos, como pode ser visto a seguir:

Nas últimas três décadas, a expectativa de vida aumentou mais do que em qualquer outro momento na história na maioria dos países. No Brasil, ela pulou de 62 anos, em 1980, para 73, hoje. O aumento da longevidade propiciou o surgimento de outro fenômeno, desta vez no terreno do comportamento - o de pessoas maduras que cruzam as fronteiras entre as gerações e não apenas agem, mas também se sentem como se fossem mais jovens. **São homens e mulheres que já passaram dos 40 ou 50 anos, gozam de boa saúde, disposição e acreditam que os hábitos de vida e a forma de se expressar não devem se atrelar à idade, mas à personalidade de cada um.** Os americanos, sempre rápidos em dar nome aos fenômenos culturais, os chamam de *ageless* (sem idade, em português). "No mundo de hoje, em que vivemos mais e melhor, a idade cronológica deixou de ser tão relevante para determinar o modo de vida de uma pessoa. O que mais importa é sua capacidade no terreno funcional, social e emocional", diz o gerontologista carioca A. K., conselheiro da Academia de Medicina de Nova York e ex-diretor do programa de envelhecimento da Organização Mundial de Saúde. (...) ¹⁹

Nesse texto, há uma radicalização da lógica pela qual o envelhecimento pode ser enfrentada e derrotada com esforço pessoal em prol do prolongamento da juventude até as idades mais avançadas. A desconstrução do envelhecimento teria como consequência a não submissão dos indivíduos aos constrangimentos que cada faixa etária imporia em termos comportamentais. Ao contrário de uma marca corporal indelével, com a qual não é possível negociar, o envelhecimento e a juventude seriam características da personalidade de homens e mulheres, cabendo a si o direito e a atribuição de escolher com qual estilo de vida se identificar. O resultado provocado por esse processo de reelaboração da classificação etária traria, segundo estas mesmas narrativas, mudanças que impactariam os diversos padrões de

¹⁹ Edição 2121, de 15.Julho.2009 – Revista Veja

identidade e de comportamento, incluindo também valores e preferências estéticas que dirigem o consumo, como o texto a seguir aponta:

Com essa espécie de democratização da juventude, produtos e serviços antes direcionados exclusivamente ao público adolescente ou jovem começam a ganhar adeptos entre os mais velhos. A carioca Mara Lúcia Sarahyba, de 52 anos, mãe da modelo Daniella Sarahyba, de 25, é uma típica representante dos sem-idade. Mara e Daniella, apesar da diferença de geração, compram roupas nas mesmas lojas, costumam viajar juntas e não raro frequentam as mesmas festas. "Minha mãe é jovial e ativa, o que faz dela uma ótima companhia para qualquer hora", afirma Daniella. "Temos algumas peças idênticas no guarda-roupa, apesar de a Dani policiar os meus decotes", conta a mãe. "Os ageless rompem com o padrão convencional em que o comportamento é ditado pela faixa etária", disse a VEJA a inglesa R. Marshall, da consultoria internacional WGSN, especializada na análise e previsão de tendências de consumo.²⁰

Este último texto revela explicitamente que, na construção social da ideia da nova velhice, há uma forte pressuposto de um modelo que tende à declaração de uma indiferenciação ou indistinção comportamental das faixas etárias. A ideia de *ageless* (sem idade) é aceita e até mesmo defendida em diversos contextos. É aqui explicitada no contexto dos padrões de vestimenta, que não devem mais se diferenciar por idade. A velhice pode, assim, não interferir no modo de se vestir de cada faixa etária, apesar de não estar de todo ausente na determinação de outros padrões comportamentais como, por exemplo, a prática de determinado esporte ou do empreendedorismo após a aposentadoria (tal como apresentado nos textos anteriores, extraídos das mesmas narrativas midiáticas). No entanto, quando se trata de comportamentos sexuais verifica-se que os discursos a este respeito revelam uma série de resistências morais que tentam estabelecer quais manifestações de indistinção etárias são legítimas ou não.

A sexualidade aparecerá, então, como um ponto bastante profícuo para se pensar as tensões geradas por essa tentativa explícita de romper e transformar padrões de comportamento orientados por uma classificação etária dos sujeitos, no que diz respeito a essa modificação das fronteiras etárias, no sentido da indistinção, exposta ao longo dos três últimos textos. Ora, a sexualidade, aspecto até então não retratado, é tratada como se devesse seguir os mesmos padrões de indistinção, ora, apresentam-se as distinções ou restrições que deveria lhe ser impostas.

Como pode ser visto a seguir, a sexualidade é dotada de sentido como parte de um mesmo projeto de longevidade que inclui outros itens já mencionados (como o cuidado com a

²⁰ Idem

saúde, o engajamento em relações sociais e atividades lúdicas e esportivas). A manutenção de uma vida sexual ativa na maturidade e velhice é apresentada de maneira genérica e a partir de uma linguagem especializada que não explora os seus pormenores, restringindo-se apenas a ressaltar a importância do sexo para o equilíbrio da saúde física e mental:

A prática do sexo, de modo saudável e com segurança, promove dois benefícios em qualquer idade: emocional e orgânico. O primeiro é notório. A satisfação sexual está associada a uma boa auto-estima, entre outros aspectos. Do ponto de vista fisiológico, ela também contribui para uma vida futura mais saudável. O ginecologista Nelson Vitiello, integrante da Sociedade Brasileira de Estudos da Sexualidade, explica que o relacionamento pressupõe algum tipo de atividade física. Por isso, ajuda a perder peso. Essa interferência sobre o metabolismo também se reflete na melhora do apetite e da digestão. Além disso, o sexo favorece a circulação sanguínea, o que facilita a distribuição de hormônios e a oxigenação das células, entre outros benefícios. “Não há contra-indicações”, assegura.²¹

Analisando este trecho, podemos perceber que o exercício de atividade sexual é associado tanto ao equilíbrio emocional quanto ao biológico em um discurso normativo que, assim como os demais retratados até aqui, constroem uma narrativa prescritiva tendo como principal característica o prolongamento de uma vida marcada por um conceito de *qualidade* pautado nas condições de saúde. Diversos são os elementos mencionados como consequência de uma sexualidade vivida “adequadamente”, cobrindo um amplo espectro de benefícios que vão desde a melhoria da autoestima até o aumento da circulação sanguínea. Assim, a vivência sexual se faz legítima na medida em que está relacionada com esse projeto de longevidade saudável e não expõe os sujeitos a situações de risco que poderia interrompê-lo ou confrontá-lo.

Embora não haja nenhuma orientação substancial sobre qual é o modo saudável de se comportar sexualmente, a questão colocada pelo texto permite verificar, através das ressalvas que foram feitas, a existência de algum tipo de definição a esse respeito. Em outra parte desse mesmo texto, ocorre um tratamento mais direto do choque de códigos normativos identificados como referência para o enquadramento da sexualidade na maturidade e velhice:

Com o passar do tempo, porém, é comum ocorrer a ridicularização da sexualidade. “No caso do idoso, a sociedade costuma vê-la como safadeza”, observa Vitiello. Não deveria ser assim. O psicanalista Arnaldo Risman, professor de sexualidade na terceira idade na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), sabe disso. “A família é um grande obstáculo. Os filhos dizem para os pais que eles não têm mais idade para ‘isso’ e consideram ridículo um eventual namoro”, conta. Ele trabalha há oito anos na Uerj com velhinhos que querem melhorar a vida sexual. No início, o programa

²¹ Edição 1685 de 16.Jan.02 –Revista Istoé.

consistia apenas em aulas. Depois, transformou-se em encontros semanais enriquecidos com debates sobre temas como masturbação e camisinha. Há sessões de filmes com temática sexual, como *Chuvas de verão* (Cacá Diegues). Pornôs, só na casa de cada participante do grupo. Uma vez por semestre, a aula é substituída por uma visita a um sex shop. E os alunos fazem biodança para estimular a sensualidade. “Mexemos com a mente e o corpo. Tudo o que abordamos é voltado para a conscientização de que a energia sexual só morre quando o nosso corpo pára”, diz Risman. E as dicas valem para quem tem 40 ou 80 anos.²²

Alguns aspectos mencionados são bastante significativos para o entendimento da complexidade envolvida na caracterização da sexualidade que é própria dos novos projetos de envelhecimentos pautados pelo ideal de longevidade e pela afirmação de atributos anteriormente exclusivos da juventude. Primeiramente, podemos destacar o diálogo traçado entre o que seria uma nova postura que advoga a vivência sexual dentro do que é definido como saudável e seguro, inclusive benéfica à saúde, e uma suposta crítica moral contra tal prática, que a considera como sendo algo impróprio a pessoas mais velhas e que está muito bem caracterizada no texto através das categorias “ridicularização da sexualidade” e “safadeza”.

Posteriormente, é exposto um enquadramento que posiciona os sujeitos em processo de envelhecimento dentro de um contexto familiar em que a interferência dos filhos é vista como uma fonte de resistência e censura à suas vivências sexuais. Tal fato revela a importância ideológica e conceitual da família, enquanto referência para o entendimento desse contexto, em que a sexualidade ganha sentido em relação a outros repertórios ideológicos e morais relacionados à questão de gênero e às relações familiares.

Desse modo, pode ser observada na apresentação feita pelos textos a respeito da relação entre sexualidade e envelhecimento, a ocorrência de tensões entre a ideia de *ageless*, em que as fronteiras etárias são totalmente apagadas, e a prática sexual de pessoas na velhice, como se essa indiferenciação fosse legitimada apenas em determinados contextos moralmente menos comprometedores.

Depois de ter me ocupado com a caracterização dos projetos de envelhecimento apresentados ao longo destes textos em termos genéricos, passo ao exame das construções dos modelos e tipificações relacionados aos casos masculinos e femininos, retratando as diferentes

²² Idem

abordagens constituídas em função de cada gênero. Sublinho que a referência a diferentes formas de envelhecimento nestes textos midiáticos não explicitam diferenciações segundo contextos e situações sociais de classe ou distinções de raça. São apenas as questões de gênero que são levadas em conta. Não somente as revistas diferenciadas segundo o público de referência (Cláudia e Men's Health), mas também as revistas Istoé e Veja, expressam distinções entre o envelhecer masculino e o feminino, embora os dois subsumidos às concepções genéricas que apontamos.

Como diversas autoras²³ que trabalham com as relações entre gênero e envelhecimento têm apontado, o enquadramento dado ao envelhecer ganha contornos distintos em função das particularidades da identidade de gênero do indivíduo em questão. Embora essa discussão seja também objeto de investigação dos próximos capítulos que estão centrados no envelhecer das personagens notáveis, neste momento focarei as narrativas sobre envelhecimento feminino e masculino, no sentido de mapeá-las em suas especificidades genéricas de maneira comparativa, para termos um pano de fundo a partir do qual poderemos a seguir tratar da construção social do envelhecimento feminino e masculino tal como realizado em torno da exposição dos notáveis.

Projetos de envelhecimento feminino

Analisando os textos jornalísticos que tratam direta e indiretamente do envelhecimento de mulheres, tanto nas revistas Veja e Istoé - dirigidas a um público genérico, sem distinção de gênero - quanto na revista Cláudia - específica para o público feminino - encontra-se aspectos cuja recorrência permite ter segurança em considerá-los como característicos desse universo específico do envelhecimento. Dentre eles, destaco: a valorização da beleza e dimensão estética do próprio corpo, a revisão do estereótipo, segundo o qual a sexualidade feminina se esvazia após a menopausa, durante a maturidade e velhice e a compreensão relacional da sexualidade feminina em um diálogo constante com o desejo masculino. Tendo em vista que tais narrativas se propõem a expor e, ao mesmo tempo, promover uma revisão dos ideais e modelos que orientam a direção das trajetórias femininas de envelhecimento, é interessante pensar que o que é apresentado como novidade está em diálogo constante e direto com o que é considerado como superado ou passível de superação.

²³ DEBERT, Guita. Envelhecimento e Gênero. Estudos Feministas. Nº 1/94.
MOTTA, Flávia. Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 1998.

A primeira observação a ser feita é que a preocupação com a beleza, e os cuidados com o corpo e a aparência que dela decorrem, são muito mais recorrentes nos textos que tratam dos casos femininos que nos dos masculinos, fazendo com que esta seja uma característica própria do repertório de preocupações das mulheres, em relação ao envelhecimento. Mesmo nos textos que não se dirigem diretamente ao público feminino, quando esta questão é sublinhada, são as mulheres as personagens que exemplificam o drama vivido em decorrência dos efeitos do tempo sobre a própria aparência:

A estética é importante para quem sonha viver muito sem denunciar a idade. É compreensível. A aparência interfere na auto-estima e gostar de si é fator fundamental na conquista da longevidade. Mas seja para uma pessoa centenária, seja para um trintão, o cirurgião plástico Paulo Müller, do Rio, diz a mesma frase: “Para quem se estragou demais não existe mágica.” Mas é bom saber que a cirurgia plástica pode “consertar” quase tudo. As alternativas vão de miniliftings (pequenas intervenções para esticar a pele do rosto) a lipoaspiração. Para evitar intervenções mais drásticas é fundamental cuidar da pele desde cedo. “Nós podemos suavizar as marcas do tempo, mas a pessoa tem de fazer a parte dela”, assegura Müller. Hoje existe um bom arsenal anti-envelhecimento, como peelings (descamação da epiderme) e produtos preenchedores de sulcos. E as opções não param de crescer. Uma das novidades é uma fórmula que hidrata e regenera a pele, retardando o fotoenvelhecimento (provocado pela exposição aos raios solares). A solução, chamada de TNS Recovery Complex, foi criada pelo laboratório americano Advanced Tissue Sciences. (...) É indicado para mulheres a partir dos 30 anos. Deve chegar ao Brasil ainda este ano. Também deve crescer a oferta de produtos de maquiagem com efeito duplo: embelezar e agir contra os sinais de envelhecimento.²⁴

Como pode ser averiguado na leitura do texto acima, o estabelecimento da preservação estética do próprio corpo como item da agenda anti-envelhecimento é instituído a partir da enumeração de diversas tecnologias e produtos, que prometem como resultado, benefícios tais como conservação e até mesmo regeneração da pele.

A pele aparece como o principal objeto de preocupação e tratamento, assumindo um papel de destaque enquanto marca definidora da idade cronológica, merecendo, por isso, uma atenção especial. Assim como acontece em vários textos que foram aqui mencionados, nesse a preocupação estética também é defendida como um projeto de longo prazo, cujo início deve acontecer ainda aos 30 anos, para que o sucesso seja maior e mais efetivo; sucesso esse que depende também do empenho pessoal para ser alcançado.

²⁴Edição 1685 de 16.Jan.02- Revista Istoé

O envelhecimento, outra vez, é redistribuído ao longo das várias faixas etárias, não se restringindo assim apenas a um período específico da vida humana. Mesmo que não haja uma referência explícita, quando se fala de estética, são as mulheres as eleitas como interlocutoras potenciais. Assim, observa-se que nestas narrativas há uma associação implícita e não questionada entre o feminino e a valorização da estética corporal.

Embora se reconheça a legitimidade das mulheres desejarem e fazerem plásticas (e isso seja um lugar comum) e haja, inclusive, uma apologia (e até mesmo louvação) das novas técnicas e tecnologias disponíveis para tais fins, os múltiplos discursos encontrados a respeito dessas práticas exibem uma diversidade de opiniões frequentemente conflitantes. Em geral, questiona-se principalmente a qualidade dos resultados, assim como também a sua pertinência e necessidade:

Cada vez mais precisa, sutil e natural, a cirurgia plástica anti-envelhecimento tornou-se recurso indispensável para quem vive da boa aparência ou simplesmente gosta de esconder a idade que tem e dispõe dos recursos para isso. Aliada a cremes e procedimentos estéticos cada vez mais sofisticados, a mulher que já passou dos 60 pode muito bem continuar bonita, viçosa e elegante – com certo empenho, claro, mas pode. O mais difícil mesmo, a essa altura da vida, é achar o perfeito equilíbrio entre, de um lado, não fazer nada e ficar velha – opção de Brigitte Bardot, a beldade francesa que hoje, aos 75 anos, expõe todas as rugas e manchas de quem não passou pelo bisturi – e, de outro, fazer tudo e virar outra pessoa – a triste escolha de Ursula Andress, beleza fulgurante que embasbacou James Bond e que agora, aos 74 anos, causa espanto por motivos bem diversos. Encontrar um meio-termo, ou seja, recorrer às providências disponíveis sem mudar de expressão, é fato raro e louvável; palmas, portanto, para a inglesa Helen Mirren, que aos 64 anos muito bem vividos não mostra a idade que tem, nem pretende mostrar uma idade que há muito tempo não tem. "Da mesma forma que a maneira de se vestir fica mais discreta com a idade, as intervenções na face têm de ser mais sutis. Senão, podem ser tão perigosas quanto sair de minissaia ou barriga de fora aos 70 anos", compara a chefe da equipe de cirurgia plástica da Clínica Ivo Pitanguy, Bárbara Machado.²⁵

Começando com uma frase em que não se define o gênero daqueles que supostamente precisam de plástica (por motivos profissionais ou simplesmente estéticos), o texto, logo em seguida, traz a figura da mulher madura para caracterizar a imagem de utilização das intervenções cirúrgicas com fins estéticos.

O texto expõe, de maneira favorável, a ideia de um envelhecimento em que se continua sendo bonita, vistosa e elegante. No entanto, os meios pelos quais este envelhecimento é constituído são criticados a partir de uma preocupação em não se demonstrar que o estado de conservação física e jovialidade são efeitos de cirurgia plásticas.

²⁵ Edição 2170 de 23.junho.2010 –Revista Veja.

Sob esse ponto de vista, o que se deve, é tentar atenuar as marcas do envelhecimento e ao mesmo tempo manter tais tentativas escondidas e interditas, como se o corpo e aparência alcançados pelas vias da cirurgia plásticas tivessem um estatuto diferenciado e inferior ao do corpo conservado sem esse tipo de intervenção. A partir dessa ótica, aparentar uma idade exageradamente diferente da idade “real” seria um erro, da mesma forma como seria optar por assumi-la integralmente.

A solução para o impasse gerado por este excesso de intervenções no próprio corpo e pela apresentação de uma aparência excessivamente jovem - fatos que são tomados neste texto como fonte de descrédito - é estabelecida no argumento desenvolvido no texto a partir da aposta no uso moderado dessas novas tecnologias antienvelhecimento, de modo a tornar imperceptível sua utilização.

Além desse fato, percebe-se na crítica feita a uma aparência muito abaixo da “idade real” da mulher, que o que está em jogo em tal discurso é, mais do que o resultado estético das cirurgias plásticas: é a suposição de que a mulher madura ou velha tem que demonstrar uma sobriedade e discrição incompatíveis com uma preocupação excessiva com a própria aparência. Esse exagero é criticado moralmente como sendo escandaloso e inconveniente, comparado ao uso de “minissaia ou barriga de fora por mulheres de 70 anos”, ou seja, algo inapropriado para tais mulheres. Podemos compreender, por meio deste enunciado, que mesmo que a preservação estética da juventude seja visivelmente valorizada e pautada num ideal de liberdade individual, ela não está completamente emancipada da uma submissão à regras, à julgamentos morais pautados em uma classificação etária, e nem tampouco há uma forma única e consensual de pensar os limites para este empreendimento.

Outro aspecto relacionado ao envelhecimento feminino bastante explorado é o fenômeno da menopausa, cujo enquadramento permite visualizar diversos elementos próprios para pensar o ciclo de vida da mulher. Esse fenômeno é posicionado dentro de uma série de outros que marcam o desenvolvimento biológico feminino, como a primeira menstruação e a gravidez, a partir dos quais o corpo da mulher é constituído enquanto algo dotado de uma natureza própria, em que o biológico teria papel fundamental enquanto fonte explicativa. No texto a seguir, extraído de uma matéria que trata do que seria uma baixa da libido feminina nos “tempos atuais” (para seguir a própria classificação utilizada)-, encontramos um claro desenho desse ciclo, que estabelece um diálogo diferenciado com a nomeada natureza

biológica, ao tratá-la, não como uma força absoluta, mas como apenas uma das dimensões que compõe a sexualidade da mulher:

O fenômeno é mais cultural do que biológico, pois, do ponto de vista físico, os momentos decisivos para definir a libido feminina continuam sendo a puberdade, a gravidez e a menopausa, quando o turbilhão hormonal exerce forte influência sobre o desejo. A biografia sexual de uma mulher, porém, não depende só da natureza. “Ela também é fruto de vivências psicológicas, históricas e sociais. A articulação de tudo isso vai determinar a sexualidade feminina, motivo pelo qual aos 50 anos algumas mulheres estão com a libido em alta e outras perdem o apetite sexual”, explica Faisal.²⁶

Esse texto procura identificar os motivos pelos quais as mulheres estariam fazendo sexo com menor frequência, tendência já anunciada logo no seu início. Sua explicação evoca outros fatores para além do biológico, mostrando que a sexualidade feminina não seria determinada apenas por questões ligadas a sua constituição física. Diante deste propósito, a importância da natureza fisiológica da mulher ainda é reconhecida, tendo em vista que continua sendo apresentada como um marco inevitável na definição dos “momentos decisivos” da libido feminina. Porém, esta dimensão é vista como apenas uma dentro de um conjunto maior de determinantes elencados, como os nomeados aspectos psicológicos, históricos e sociais. A abordagem da sexualidade feminina após a menopausa continua no fragmento seguinte, do mesmo texto citado anteriormente:

Perto dos 50 anos, a menopausa divide as mulheres. Embora estudos comprovem que há mesmo um declínio do desejo e desconfortos à vista, como a diminuição da lubrificação vaginal, nem todas estão dispostas a deixar de lado a vida sexual. De acordo com Carmita, quem tinha uma libido forte antes do climatério pode continuar interessada no assunto. Acontece que nem tudo é hormônio nessa fase – conta também o enredo, a vida de cada mulher. “Estou entrando na menopausa e não acho que isso tenha afetado a minha libido”, afirma Lola Dias, 51 anos, artista plástica paulistana. “Questões como stress ou problemas familiares comprometem muito mais o desejo.” Separada, mãe de dois filhos, ela está há três meses sozinha. “Gostaria de conhecer alguém e me apaixonar. Mas essas coisas não acontecem só porque você quer. Então, não crio expectativas. Curto o que a vida traz de bom, como o trabalho e os amigos – e assim vou me distraindo.”²⁷

Ao mesmo tempo em que reconhece aqueles que seriam os impactos da menopausa sobre a sexualidade feminina, o texto aposta no fato de que não haveria uma única e absoluta forma de vivenciar esse fenômeno, chamando atenção para experiências em que foi possível continuar tendo uma vida sexual após esse período. Uma expressão que foi utilizada boa para pensar essa desconstrução do climatério enquanto fenômeno homogêneo que representa um

²⁶ Publicado em 26.04.2011 – Revista Cláudia.

²⁷ Idem.

mesmo destino fatídico do declínio da sexualidade é a seguinte: “nem tudo é hormônio nessa fase - conta também o enredo, a vida de cada mulher”. Essa afirmação, ao mesmo tempo em que expressa uma modificação na forma como a maturidade sexual feminina é significada, também deve ser vista dentro de uma série narrativa que orienta as mulheres a assumirem a responsabilidade pelo próprio envelhecimento, buscando superar inclusive as barreiras e obstáculos impostos pelo seu corpo, enquanto entidade biológica.

Em seguida, o texto traz para o centro do seu argumento a importância da trajetória biográfica de cada mulher, bem como das questões emocionais próprias das relações destas com seus parceiros (ou a falta deles) e familiares. Enquanto o primeiro caso citado menciona a mulher que não se sente afetada pela menopausa, reforçando a imagem de superação dos problemas trazidos por este fenômeno, no outro, destacam-se a falta de um parceiro após o divórcio e a dificuldade de ingressar em novos relacionamentos – ambos apresentados como barreiras não biológicas para uma vida sexual ativa.

É interessante notar que diante do insucesso na busca de novas relações, a opção por deslocar as expectativas em relação ao sexo para outras dimensões aparece imediatamente como algo possível, revelando assim um enquadramento que descaracteriza a atividade sexual enquanto um imperativo da natureza biológica feminina. Segundo este ponto de vista, não são todas as mulheres que possuem o sexo como algo de grande importância e a movimentação da vida sexual dependeria mais das características da personalidade de cada uma a este respeito do que propriamente de uma imposição fisiológica por parte dos seus corpos. Essa discussão tem prosseguimento no mesmo texto, como pode ser visto a seguir:

Erotismo e velhice não combinam ou isso é preconceito? Não dá para generalizar. “Com a idade, as limitações físicas e psicológicas podem ser difíceis de transpor”, diz Faisal. Para os homens, o fantasma da impotência foi atenuado graças aos remédios contra a disfunção erétil. Já para as mulheres, faz diferença o grau de autoestima e o modo como lidam com o envelhecimento. “Quem se estruturou em função da beleza corporal pode se angustiar com a idade e se afastar do sexo.” A viúva Sarah*, 60 anos, dona de casa paulistana, três filhos e dois netos, não sente a menor falta de homem. “A menopausa diminuiu a vontade de sexo. Ao ver a família multiplicar... Sabe quando você acha que felicidade é isso? Além do mais, sinto um delicioso gosto de liberdade ao sair para jantar ou viajar com amigas.” A verdade é que nem sempre sexo é fundamental para a realização feminina. “Muitas vezes, a mulher não coloca a libido em segundo plano, e sim em outro lugar”, pondera V.. “Ela pode investir na profissão, nos filhos... Não há problema nisso desde que essas outras atividades sejam satisfatórias. É o que chamamos de sublimação.” (...) Cabe à mulher decidir onde colocar o desejo. “Hoje em dia,

ela tem mais consciência da sua libido. Por isso mesmo, pode distribuí-la como quiser.²⁸

Os casos citados para retratar as variadas relações entre o sexo e o período pós-menopausa revelam aspectos importantes para o entendimento da construção da figura da mulher, a partir do seu envelhecimento. Primeiramente, como foi exposto anteriormente, há uma desnaturalização do declínio da libido feminina após este período, ressaltando-se que este processo não acontece inevitavelmente e que, portanto, existem várias possibilidades de contornar os problemas trazidos pelo climatério em prol de uma vida sexual ativa e estável. Porém, esta não é a única implicação trazida pela nova abordagem dada a esta experiência, pois, como fica claro, apreciar e fazer sexo na maturidade não é algo cuja abrangência é inquestionavelmente aplicada a todas as mulheres, de modo que suas relações com o sexo dependeriam, dentre outros fatores, da importância que já lhe atribuíam ao longo da vida.

Em outra matéria sobre o tema, intitulada “Sexo perfeito em qualquer idade”, publicada na revista *Cláudia*, encontra-se a proposta de trazer os conselhos de uma especialista, no caso uma sexóloga, a respeito de problemas enviados por algumas leitoras relativos às suas inseguranças e dúvidas em questões sexuais. A partir das falas das remetentes e dos comentários da especialista, é possível traçar algumas importantes tipificações a respeito do lugar estabelecido para a mulher e sua sexualidade naquilo que se refere aos impactos trazidos pelo envelhecimento. Em primeiro lugar, há a exposição de um caso que retrata a insegurança de uma mulher quanto ao seu relacionamento afetivo com o marido, diante do fato de que poderia ter o seu desempenho sexual prejudicado por modificações trazidas pela menopausa. O foco de sua preocupação se posiciona não apenas sobre o próprio prazer, mas também sobre a capacidade de dar satisfação ao cônjuge:

Aos 50+, os temores são... **Perder o prazer**

Aos 50, a menstruação falha ou para, e uma série de mudanças no corpo e também nas emoções se inicia, ditada pelas alterações hormonais da menopausa. A vagina às vezes não produz tanta lubrificação; o desejo não vem com a mesma intensidade; o orgasmo custa mais a ser alcançado. E bate o temor de não ser feliz na cama; de doer; de o sexo perder a graça; de ficar tão irritada a ponto de não suportar a presença de um homem ao lado. “Estou no climatério e me assusta a possibilidade de perder o tesão e a lubrificação quando a menopausa chegar, porque isso aconteceu com mais de uma amiga minha. Pensar que, por essa razão, meu marido pode um dia sair atrás de mulheres mais novas me entristece e me deixa muito insegura”. CRISTIANE, 50 ANOS, EMPRESÁRIA, CASADA. Conselho de Laura (sexóloga): “Há tratamentos para amenizar os sintomas da menopausa – veja com o ginecologista. E lembre-se de que sexo começa na cabeça: tenha abertura

²⁸ Publicado em 26.04.2011 – Revista *Cláudia*.

para se adaptar a essas mudanças, retomando sua segurança, e seu prazer não irá embora”.²⁹

Do modo como é exposto, as inquietações apresentadas pela leitora são elaboradas tendo em vista sua capacidade de proporcionar satisfação sexual ao marido e assim garantir que ele não procure outras parceiras por estar insatisfeito com as relações mantidas com ela. O medo de não conseguir contornar os transtornos advindos da menopausa é aumentado pela ideia de que outras mulheres mais jovens estariam disponíveis para que o marido pudesse “sair atrás” e assim alcançar a satisfação que sua esposa não teria sido capaz de lhe oferecer. Portanto, o sentido dessa experiência é constituído tendo em vista a existência da possibilidade de uma vivência sexual extraconjugal, vista como uma espécie de fracasso pessoal da mulher na busca por uma sexualidade ativa durante a maturidade. Em resposta a esta situação, a terapeuta se pronuncia seguindo o caminho, já enunciado anteriormente, de valorização do empenho pessoal na superação dos problemas advindos com o avanço da idade, utilizando-se do imperativo para advertir as leitoras: “tenha abertura para se adaptar a essas mudanças, retomando sua segurança, e seu prazer não irá embora”.

Este drama da impotência feminina diante de sua incapacidade de proporcionar prazer ao seu parceiro sexual ganha contornos ainda mais nítidos quando o caso se refere especificamente ao corpo da mulher. Neste caso, vemos como o corpo é apresentado enquanto importante mediador da relação entre as mulheres e seus parceiros sexuais, sejam maridos ou não, ocupando um lugar privilegiado para pensar a identidade sexual feminina.

Ficar nua - Tirar a roupa na frente de um homem pode ser uma delícia. Mas não quando a gente teme decepcioná-lo. Muitas vezes esquecemos que uma mulher de 50 anos tem o corpo de uma mulher de 50 anos. Assim como a de 20 aparenta 20. Claro que podemos cuidar da saúde e do visual para viver bem em todas as faixas etárias. Mas não adianta querer ser o que não é. Talvez mais interessante seja saborear o que cada fase traz. “Eu, que sempre gostei de transar à meia luz, agora só consigo no escuro, porque não deixo meu marido me ver sem roupa de jeito nenhum. Claro que ele sabe que meu corpo mudou, mas não tolero a ideia de ser rejeitada na cama. Preciso conversar logo com ele, só que eu ainda não tive coragem”. KÁTIA, 56 ANOS, SOCIOLOGA, CASADA. Conselho de Laura (sexóloga): “Tenha em mente que sexo é mais do que um corpo transando com outro. É você, como um todo, com seu repertório pessoal, se relacionando com o parceiro e a história dele. Esse olhar enriquece a relação e mostra que somos humanos, passíveis de falhas. Talvez isso nos ensine a deixar os temores de lado”.³⁰

Como pode ser visto no trecho acima, nenhuma referência é feita à idade do marido, e tampouco algum comentário sobre as condições de sua aparência física. As apreensões são

²⁹ Texto publicado em 23.05.2011, Revista Cláudia.

³⁰ Texto publicado em 23.05.2011, Revista Cláudia.

exclusivamente voltadas para o próprio corpo da mulher e a forma como ele é ou pode ser visto pelo parceiro. Tendo em visto o modo como foi exposto, pode-se notar, neste caso, que os conflitos trazidos pelo envelhecimento feminino não tem como referência o corpo daquele com o qual as mulheres estariam se relacionando – o corpo jovem de um marido mais novo ou o corpo também envelhecido de um parceiro da mesma idade - mas o corpo mais jovens de uma “mulher de 20 anos”, potencialmente mais atraente para os olhares masculinos. Enquanto isso, a resposta dada pela sexóloga permite visualizar uma tentativa de descolamento da atenção destinada ao corpo para outras questões nomeadas como “repertório pessoal”, que envolveriam tanto a sua história biográfica e a do parceiro, como o histórico da relação entre os dois. Assim, outros atributos emocionais e afetivos são evocados para influenciar a relação sexual que não aqueles relacionados à dimensão da estética corporal. Se, na dimensão física, o foco é posto exclusivamente no corpo da mulher, levando em conta este outro enfoque proposto pela terapeuta, outros aspectos envolvidos na relação com o marido também são utilizados para reverter este quadro de insatisfação sexual que estaria frustrando as mulheres em sua tentativa de manter uma longevidade sexual.

Porém, mesmo nesta retórica que busca aplacar este descontentamento, é possível identificar a reificação do envelhecimento do corpo como fracasso pessoal que tornaria inviável e inacessível o alcance de uma vida sexual satisfatória por parte das mulheres, o que é revelado pelo sentimento de incômodo e vergonha diante da utilização sexual do próprio corpo envelhecido. Esta questão fica bastante evidente na cena descrita pelo texto, em que ao fazer sexo a mulher procura fazê-lo no escuro, de modo a não exibir a nudez totalmente ao parceiro.

Tendo os casos masculinos como contraste, será possível verificar, a seguir, que tal preocupação não encontra toda esta dimensão nos textos que tratam do envelhecimento masculino, em que os anseios e preocupações estão ligados a outras questões como, por exemplo, a potência sexual representada pela capacidade de ereção.

Projetos de Envelhecimento Masculino

A respeito dos textos que tratam do envelhecimento masculino, cabe dizer, já de início, que são bem menos numerosos do que aqueles relacionados às experiências femininas e que não se detêm nas mesmas questões.

Em geral, nos diversos discursos a respeito do que deve ser feito na direção de um envelhecimento bem sucedido, os temas que dominam a agenda são questões ligadas à saúde, em especial ao conceito de saúde sexual. Assim, diversos tópicos são abordados como alimentação recomendável, benefícios das diversas modalidades de atividade física, conselhos a respeito dos perigos à saúde trazidos pelo stress, dentre outras questões relativas ao modo de envelhecer bem, em termos físicos. Embora a questão da estética do corpo apareça em alguns momentos, mostrando como a vaidade masculina estaria em ascensão, ainda podemos visualizar um enquadramento que coloca esta situação no campo de algo ainda visto com estranhamento e surpresa.

Seguindo a mesma tendência que temos explorado ao longo deste capítulo, em relação à abordagem da sexualidade masculina, sob o ponto de vista do envelhecimento, vemos uma valorização da iniciativa e do investimento pessoal dos indivíduos na constituição de hábitos e práticas que favoreçam a preservação da vitalidade sexual mesmo nas idades mais avançadas, trazendo a responsabilidade sobre o sucesso desse projeto como algo a ser assumido em todas as fases da vida, muito antes da maturidade.

Em um texto publicado na revista *Men's Health*, no qual encontramos uma série de conselhos para melhorar a vida sexual dos leitores, que vão desde diminuir o consumo de álcool e cigarro até procurar viver sob menos stress ou tensão, vemos já em sua chamada uma espécie de convocação aos homens a apostarem em uma longevidade sexual que lhes seria própria:

O sexo, apesar do grande prazer que proporciona, pode ser bastante trabalhoso. Claro, você não pode – e não vive – sem sexo. Agora, se você gasta tanta energia com isso, pare de encará-lo como passatempo ou válvula de escape. Considere o sexo um segundo emprego, sua carreira sexual. E o que torna a carreira de um homem bem-sucedida – qualidade e longevidade – também serve para julgar sua carreira sexual. De Picasso a Charles Chaplin, os homens fizeram história (e amor, e bebês) com mais de 70 anos. Não há razão para você não fazer o mesmo³¹.

Do modo como é afirmado, o sexo deveria ser encarado como uma carreira, tendo-se como modelo a carreira profissional, ou seja, algo que deveria ser levado a sério, não no sentido negativo de gerar apreensões ou servir como compensação para problemas pessoais, mas como um campo de atividade que necessita de investimento pessoal para crescer em qualidade e duração. Nesse sentido, estaria se realizando uma vocação que o texto apresenta como própria do mundo masculino, pois como é afirmado “de Picasso a Charles Chaplin, os

³¹ Edição de Outubro de 2007 –Revista Men's Health.

homens sempre fizeram história (e amor e bebês) até os 70 anos” e “não há razão para você não fazer o mesmo”. Assim, para o homem, permanecer ativamente sexual - ao contrário dos casos femininos em que se destaca o declínio da libido após o climatério- não é algo considerado incomum e tampouco como uma novidade.

Para alcançar este estado de longevidade sexual são apresentadas diversas prescrições a partir da divulgação de novas pesquisas científicas e produtos farmacêuticos e alimentícios, tanto na revista *Men's Health*, diretamente voltada para o público masculino, quanto nas revistas *Veja* e *Istoé*.

Dentre estes, o grande destaque foi dado ao aparecimento do Viagra como remédio contra a impotência sexual, que traria o fim dos problemas de ordem fisiológica que antes impediriam o homem de alcançar a tão valorizada virilidade, vista como uma vocação natural masculina. Diversos textos mostram o entusiasmo com que o surgimento do remédio foi recebido, evidenciando a importância que lhe foi atribuída através do uso de algumas expressões elogiosas como, por exemplo, “A revolução azul”. Essa expressão foi título de uma matéria da revista *Veja*, onde é estabelecido um interessante enquadramento que relaciona o sucesso do medicamento à melhoria não apenas da vida sexual dos homens, mas também das mulheres:

Na história da sexualidade humana, ocorreram duas grandes revoluções químicas. A primeira delas foi o surgimento da pílula anticoncepcional, na década de 60, que liberou as mulheres do risco de uma gravidez indesejada. A segunda, a entrada do Viagra no mercado farmacêutico. Lançado há dez anos, a pílula azul livrou milhões de homens do fantasma da impotência e, com isso, promoveu mudanças radicais no comportamento sexual masculino – e feminino. Casais que se davam por encerrados os prazeres do sexo reencontraram a felicidade das noites de amor. Além disso a disfunção erétil deixou de ser um tabu nas conversas íntimas, entre amigos e nos consultórios médicos. (...) O impacto do Viagra vai além dos limites da cama. Com os homens mais abertos para falar dos seus problemas sexuais ficou mais fácil fazer diagnóstico de diabetes e hipertensão, distúrbios que podem ter a disfunção erétil como sintoma.³²

Segundo o texto, o fim das barreiras que foram superadas pelo Viagra facilitaria a abordagem e o tratamento não somente das questões ligadas à saúde sexual masculina, mas também outras que antes eram escondidas em função do medo e vergonha de expor a própria impotência sexual. Este fato, da maneira como é mencionado, registra uma dificuldade por parte dos homens em verem algo ligado à sua identidade sexual e status de masculinidade expostos, mesmo que seja em um contexto médico. Neste ponto, pode ser averiguada uma possibilidade de diferenciação entre o tratamento dado à sexualidade feminina daquele dado à masculina. Se o interesse pelo sexo por parte de mulheres mais velhas - principalmente depois

³² Edição 2052 de 19.março.2012 – Revista *Veja*.

do climatério, quando cessam as funções reprodutivas femininas - é apresentado como algo novo e que depende da importância dada pela mulher a essa dimensão ao longo de sua vida, no caso masculino, tal interesse é inquestionável e a ausência de libido ou potência sexual é vista como um motivo vexatório difícil de ser compartilhado.

Esta narrativa permite a apuração do sentido atribuído a esta retomada tardia da sexualidade, que é compreendida de uma maneira relacional em que o lado masculino está ligado intimamente ao feminino, tendo cada parte uma espécie de dependência em relação à outra. Assim, devolvendo-se a ereção aos homens antes impotentes se devolveria também às suas parceiras a oportunidade de manterem uma vida sexual ativa.

Enquanto nos textos que tratam do envelhecimento feminino há uma frequente menção ao medo de que o parceiro procure uma mulher mais jovem, dada sua insatisfação com o desempenho e aparência física da mulher, nos textos que falam sobre a sexualidade masculina na maturidade, a preocupação que ganha ênfase é muito mais centrada no caráter vexatório da impotência sexual e na afronta que representa à masculinidade. Esse medo de ser exposto pelo que seria um indício de fraqueza, afastaria os homens inclusive dos recursos terapêuticos disponíveis para o tratamento deste problema.

Continuando a análise das construções narrativas que dão enquadramento ao envelhecimento masculino, há em outro texto a apresentação de um diagnóstico das transformações da atividade sexual das pessoas mais velhas de um modo geral, em que a saúde sexual masculina é apresentada como resultado do empenho feminino em incentivar os parceiros a procurarem tratamento médico. Evidencia-se mais uma vez o caráter relacional envolvido na abordagem da sexualidade tanto do gênero masculino quanto do feminino, em que as transformações no âmbito de um polo afetariam o outro:

A ciência que estuda as disfunções sexuais avançou tanto nos últimos anos que causou uma reviravolta na vida dos brasileiros mais velhos. Hoje, o desempenho dos sexagenários que recorrem a tratamentos médicos para continuar na ativa é praticamente igual ao dos jovens que não precisam fazer esforço para esquentar os lençóis. É o que revela um levantamento inédito do Núcleo de Estudos da Sexualidade e Gerontologia, instituto paranaense ligado à Sociedade Internacional de Sexologia, depois de acompanhar 25 mil pacientes, de 14 a 94 anos, nas últimas duas décadas. Entre os participantes com mais de 60 anos, as mulheres foram o motor das mudanças. Interessadas em superar as limitações físicas que chegam com a idade, elas arrastaram seus parceiros aos consultórios para colocar seu desejo em prática. Resultado: nas últimas duas décadas, a média de relações delas mais que dobrou, saltando de oito por mês, em 1981, para 17, no primeiro semestre de 2005. Os homens saíram de dez para 18. A esticada no prazo da validade sexual ocorre basicamente por dois fatores: a oferta de mais medicamentos e os cuidados com a forma. Sem doenças, o corpo pode funcionar por décadas após os 50 anos. E quanto mais vigorosos, mais os maduros se entregam sob

os lençóis. É por isso que a atenção com a saúde deve começar cedo. Afinal, há várias doenças que podem atrapalhar o desempenho sexual.³³

O texto coloca as mulheres na condição de incentivadoras da procura masculina por cuidados médicos para a recuperação da potência sexual e a manutenção de condições de saúde que permitam manter uma vida sexual satisfatoriamente, indo assim ao encontro dos seus próprios desejos. O quadro traçado por este argumento diferencia-se profundamente daquele visível no enquadramento dos casos femininos em que a mesma situação se repete invertidamente, ou seja, quando o desejo e o desempenho sexuais da mulher estão aquém aos do homem.

Neste segundo quadro, vemos duas outras situações bastante esclarecedoras para a análise dos diferentes lugares ocupados nestas construções narrativas em função do gênero: em uma delas, a mulher sente medo de que o parceiro a abandone para ficar com uma mulher mais jovem (caso já registrado anteriormente) e na outra, o marido procura uma mulher mais jovem para desfrutar da sua capacidade sexual já que não estava satisfeito com a parceira anterior. Esta segunda cena, presente também em outros textos que foram encontrados durante esta pesquisa, é apresentada a seguir:

O Viagra salvou muitos casamentos, mas serviu de estopim para a dissolução de outros tantos. Homens mais velhos, animados com o novo fôlego sexual, passaram a buscar companhia de mulheres mais jovens. “a coisa chegou a tal ponto que as mulheres boicotam o uso de remédios por temer que o marido arrume outra”, diz o urologista C.G. do Hospital C.S.P³⁴.

A imagem de um homem maduro que com a potência sexual restaurada troca uma parceira mais velha por outra de idade inferior é frequentemente encontrada nos textos que tratam da questão da saúde sexual masculina. A partir deste e de outros casos já mencionados, é possível averiguar uma construção tal que associa a sexualidade da mulher a outras questões que a circundam, como o seu envolvimento afetivo e emocional com seus parceiros e a preocupação com a preservação de suas relações, enquanto que a sexualidade masculina é enquadrada como algo cuja constância e perenidade são inquestionáveis e que somente é ameaçada por disfunções físicas passíveis de serem tratadas. Quase nenhum espaço é aberto para narrativas que coloquem o exercício sexual das mulheres em primeiro plano, acima do compromisso com a relação conjugal ou amorosa. A busca pelo gozo e satisfação sexual por si, conduzida de tal forma a valorizar a qualidade do sexo em detrimento do que seria a

³³ Edição 1763 de 16.Jul.03 – Revista Istoé.

³⁴ Edição 2052 de 19.março.2012 – Revista Veja.

qualidade e duração da relação, é algo que, textualmente, é vinculado ao homem, como se a mulher estivesse para o sentimento assim como o homem estaria para o sexo.

A esse aspecto soma-se a questão estética, na qual também encontraremos um tratamento profundamente diferente nos casos masculinos, pois não há tamanha preocupação com a preservação do corpo contra as marcas adquiridas com o avanço da idade, como rugas e cabelos brancos. Algumas características trazidas pelo envelhecimento seriam inclusive consideradas como ponto positivo para a aparência dos homens maduros, como é sugerido no texto a seguir:

Como comprovam as contas do dermatologista, da academia e da farmácia, as mulheres precisam se dedicar com afinco à missão de estar bem na metade da vida. Homens, um pouco menos, para a eterna inveja delas. Como cabelo grisalho e rugas discretas nunca foram impedimento para o sucesso social masculino, permanecem galãs apesar (ou por causa) da idade madura os irresistíveis Pierce Brosnan, um poço de charme aos 55, Richard Gere, inalterável jeitinho carente aos 58, e José Mayer, que, aos 59 e longe de sua melhor forma (por força do papel, ressalte-se), anda aos beijos com Juliana Paes em *A Favorita*, folhetim das 8 da Globo. Com ou sem muito esforço, o fato é que a população de meia-idade (termo, por sinal, cada vez mais impopular) envelhece (mais impopular ainda) com muito menos marcas, internas e externas, do que seus pais.³⁵

Deste modo, o visual de homem maduro, como pode ser observado, não está dissociado de um potencial de sedução junto às mulheres. Não se trata de um total descuidado ou despreocupação em relação à aparência, pois como é dito no texto, os atores atraentes são aqueles que possuem cabelo grisalho, rugas discretas e uma boa forma. Outro desdobramento desse raciocínio é o fato de que o cuidado necessário consigo mesmo seria bem menor no caso masculino porque o nível de exigência imposto aos homens seria inferior àquele aplicado à aparência feminina, de modo que as mulheres teriam que se empenhar muito mais na luta contra as marcas trazidas pelo envelhecimento.

Mesmo em alguns textos que trazem elementos que parecem contestar este padrão segundo o qual a preocupação masculina com a própria beleza não está no mesmo patamar que a feminina, verifica-se que, apesar das mudanças apresentadas, ainda há certo deslocamento quando o homem adentra este campo que é tido como tipicamente feminino. Tal situação pode ser vista no texto a seguir, a respeito do que seria o primeiro salão de beleza

³⁵ Edição 2068 de 09.junho.2008 – Revista Veja.

exclusivamente masculino, cujas informações indicam que os homens estariam procurando cada vez mais o consumo de produtos e serviços dessa área:

Trata-se da Garagem, uma clínica de beleza de São Paulo onde mulher não entra. Exceção, claro, para as recepcionistas, manicures e esteticistas. “Nos salões mistos, os homens que gostam de fazer as unhas costumam ser alvo de olhares desconfiados da maioria das mulheres. Aqui, a gente fica mais à vontade”, afirma o estudante de publicidade Enrico Montes, 24 anos.(...) O testemunho de Montes referenda a teoria do publicitário Celso Forster, um dos três donos do empreendimento, que, segundo ele, é o primeiro do Brasil a restringir o sexo do cliente. “A falta de privacidade afasta os homens das clínicas mistas. Muitos ficam inseguros entre mulheres”, teoriza. (...) Para satisfazer esse público, não param de surgir novidades. Vale tudo: potinhos de todos os tamanhos e preços prometem vencer rugas e marcas de expressão, adiar o envelhecimento, garantir a alvura dos cabelos grisalhos, manter a pele livre de poluição e oleosidade, proteger e suavizar o rosto após o barbear, e ainda brindar os mancebos com rituais impecáveis de aromaterapia. (...) O economista Ismar José Abrão, 53 anos, fez um botox há dois meses e está radiante. Desde então, já se rendeu ao peeling a laser e está tirando algumas manchas do rosto com aplicação de ácido. “Sou vaidoso. Há cinco anos, eles eram obrigados a se virar com os cosméticos femininos. Para escolher os produtos nas prateleiras das perfumarias, quase enterravam a cabeça no chão, tamanha a vergonha. À sua disposição varonil havia apenas desodorantes, colônias e cremes de barbear.”³⁶

Como o texto afirma, há um desconforto por parte dos homens ao estarem em salões de beleza utilizando tratamentos e produtos anteriormente relacionados ao público feminino. Este desconforto parece ganhar ainda mais destaque quando os clientes estão em contato com o “olhar desconfiado das mulheres”, a denunciar um estranhamento em relação à presença masculina nesse ambiente. Portanto, a ideia de um salão exclusivamente masculino é apresentada como uma forma de atenuar essa insegurança e assim propiciar um espaço mais favorável aos homens para que possam frequentar este espaço e consumir os serviços que ali são oferecidos. Ainda que na prática o interesse dos homens por tratamentos estéticos esteja supostamente em crescimento, fato que implica uma mudança em curso, o enquadramento dessa situação ainda revela uma inadequação entre este comportamento masculino e as expectativas que fazem parte das tipificações acionadas para a definição do que é próprio à masculinidade. Se, como se lê no texto, a demonstração de preocupação por parte do homem com sua beleza é considerada como algo estranho ou até mesmo vexatório, é porque os parâmetros utilizados para pensar sua identidade masculina não mudaram de modo a assimilá-la por completo.

Após ter percorrido os principais aspectos que tratam do envelhecimento feminino e masculino, buscando explorar tanto os pontos comuns entre eles, quanto às particularidades

³⁶ Edição: 1668 de 26.Set.01 – Revista Istoé.

de cada um, podemos afirmar que apesar destes textos serem marcados por uma ênfase dada aos movimentos de mudança e transformação dos valores e tipificações que dão sentido ao envelhecer, verificamos a reprodução de diferenciações de gênero já consagradas, que fazem com que as experiências das mulheres e homens sejam enquadradas de modos distintos. Embora o individualismo seja algo marcante nas narrativas que tratam da elaboração de novos projetos de envelhecimento – enfatizando-se o valor da autonomia, empenho e liberdade individual - tais projeções são delimitadas por expectativas e julgamentos que continuam pautados por uma interpretação fundada na ideia de que homens e mulheres possuem identidades e modos de ser e agir distintos.

Tendo vislumbrado estas diferenças de maneira sumária, pretendemos nos próximos capítulos investigar a fundo as nuances por detrás destes enquadramentos, de modo a compreender de maneira sistemática quais são as rupturas e continuidades mantidas em meio a todo esse discurso de liberalidade e autonomia individual.

CAPÍTULO 2

As notáveis: envelhecimento feminino, estética e sexualidade

Neste capítulo identifico e discuto as categorias e tipificações utilizadas para pensar as experiências de envelhecimento feminino a partir das narrativas midiáticas relacionadas a esta temática, construídas através de um conjunto de matérias publicadas em diversos canais de comunicação brasileiros, digitais e impressos, de diferentes linhas editoriais, que trazem informações sobre personalidades públicas femininas tematizando questões relacionadas às suas idades. Este material consiste, basicamente, em notícias envolvendo mulheres ditas famosas, em contextos em que sua conduta, principalmente a sexual ou afetiva, é abordada tendo como referência um conjunto de pressupostos relacionados à classificação etária que orienta o julgamento moral dos seus atos e comportamentos. Também utilizo algumas notícias jornalísticas que, mesmo não tratando diretamente das personalidades aqui destacadas, abordam algumas mudanças no comportamento sexual feminino durante a maturidade.

A partir de uma série de casos específicos, analiso os diversos aspectos encontrados nestas narrativas, entre as quais destaco os seguintes: a valorização da dimensão estético-corporal na caracterização do envelhecimento feminino; a associação entre a maturidade e velhice feminina com o declínio da libido e sexualidade; e os enquadramentos das experiências e relações sexuais das mulheres consideradas maduras ou velhas, inseridas ou não no âmbito familiar e conjugal. Todos estes aspectos são construídos na intersecção entre vários códigos de classificação social, dentre os quais sublinho aqueles utilizados para pensar as diferenciações etárias e de gênero. É importante ressaltar que embora não sejam objeto de preocupação central, outras questões classificatórias aparecerão ocasionalmente, como as questões de classe social e de raça, na medida em que contribuam para o entendimento dos arranjos significativos constituídos em torno dos casos que serão apresentados.

Iniciando a abordagem da série de tipificações que interessa a este trabalho, faz-se necessário a apresentação de um contexto etnográfico que possibilite a compreensão do repertório de ideias e expectativas acionado na constituição das questões que pretendo examinar. Em uma das edições de maio de 2009, a atriz Susana Vieira apareceu na capa da revista Quem, estampando um corpo cuja imagem foi acusada de aparentar muitos menos anos do que sua idade de então, quando já se encontrava com 66 anos. Na mesma revista são

trazidas, além das imagens fotográficas tiradas em estúdio, outras tantas que registravam o cotidiano da atriz com o namorado, juntamente com frases soltas que expressavam a sua indisposição em aceitar as atribuições sociais idealizadas a partir de uma classificação etária. Um dos momentos mais emblemáticos da entrevista pode ser visto a seguir, em que se revela uma resistência em relação ao uso da idade cronológica como fator identitário:

QUEM: Você usa biquíni e namora homens mais novos. Essas pequenas atitudes acabam servindo de parâmetro para mulheres de sua faixa etária.

Suzana Vieira: Eu não vi escrito em lugar nenhum qual é o número de roupa que tenho que usar, qual é a idade do homem que tenho que namorar. Nada disso está escrito, nem na Bíblia, nem nas sagradas escrituras. Tem alguma legislação? Nenhuma. Então, quem acha que sou um parâmetro, graças a Deus, são pessoas que transpuseram essa mentalidade inadequada, velha e preconceituosa daqueles que agora resolveram achar que tenho que namorar pessoas da minha idade. Ora, façam-me um favor, vão comprar uma carne fresca e fazer em casa³⁷.

A postura da atriz pode ser pensada como uma tentativa de subverter a lógica segundo a qual, cada faixa etária deveria assumir um padrão de comportamento específico, questionando a autoridade deste sistema classificatório ao tratá-lo como inadequado, velho e preconceituoso. Ao mesmo tempo em que a fala de Susana Vieira reconhece a existência de críticas à sua postura, também ratifica a imagem de que estaria exercendo o papel de modelo junto às mulheres da sua faixa etária, situando sua posição no embate entre dois enquadramentos distintos e antagônicos: em um, as mulheres são livres para se comportarem do jeito que quiserem, independente de códigos morais lidos como inadequados, e no outro, devem se submeter aos padrões impostos à faixa etária que lhes corresponde. Desta forma, atriz parece assumir a polarização entre esses dois enquadramentos da maturidade feminina.

Já na colocação feita pela revista é possível visualizar dois elementos fundamentais para nossa discussão, representados pelas imagens do uso de biquíni e do namoro com homens mais jovens. Eles podem ser tomados respectivamente como uma evocação da exibição pública do próprio corpo e do exercício intenso e explícito da sexualidade, vistos aqui como duas condutas inovadoras em relação ao comportamento feminino na maturidade.

Em relação ao corpo feminino exposto publicamente, encontramos outro texto publicado em um sítio da internet de notícias de famosos, em que é estabelecido um diálogo com esta rompimento anunciada das barreiras e limites etários usados para pensar o comportamento feminino. Nele são ressaltados os aspectos considerados negativos de tais

³⁷ Revista Quem, edição 452 de 06/05/2009.

elaborações, no que concerne à reprodução massiva de uma imagem corporal idealizada e preservada das marcas do tempo:

Susana Vieira, é capa da revista “Quem” do mês de maio. Junto à entrevista exclusiva, a moça fez algumas fotos bem sensuais. Tudo bem, acho que para a divulgação do seu trabalho esse tipo de ato é essencial, e o fato de estar com 66 anos seria uma ótima forma de mostrar que a sensualidade e feminilidade da mulher não estão apenas presentes em idades mais tenras. O problema é que as fotos tiveram uma edição digital absurda. Susana Vieira desapareceu das fotos e temos alguma modelo de 20 anos em seu lugar. Acima de tudo foi um desserviço para as mulheres de sua idade que, com certeza, vão marcar hora com seus cirurgiões plásticos depois de verem essas fotos.³⁸

Nessa passagem, há a indicação de um ponto bastante discutido pela mídia em relação às imagens de artistas mulheres e mais velhas que buscariam omitir as imperfeições e marcas de envelhecimento, como rugas, celulites e flacidez. Ao mesmo tempo em que reconhece a importância da exibição de um corpo bonito e conservado para o tipo de trabalho que desenvolvem, o texto aponta em tom acusatório a busca de perfeição para todas as idades, que é revelada por esta postura de edição de imagem. Pode-se deduzir, a partir deste ponto, o argumento de que a beleza não deveria ser pensada enquanto um padrão único e constante e que, portanto, uma mulher jovem bonita não deveria ser equiparada a uma mulher madura bonita, tendo cada uma delas formas próprias de demonstração de sensualidade e feminilidade.

A tentativa de estabelecer o mesmo parâmetro através das imagens veiculadas pelas mídias de mulheres mais velhas sem sinais de “imperfeição” exerceria uma influência perversa sobre o público das mulheres maduras que, tendo esse modelo como referência, também passaria a reproduzir a mesma negação da própria imagem difundida por estes meios. Assim, por mais que a construção e preservação de um corpo bonito e bem conservado sejam legitimadas enquanto um projeto para a maturidade, o texto não deixa de reconhecer uma diferenciação etária evidenciada na crítica que é feita à busca de uma imagem excessivamente jovem.

Por detrás desta discussão a respeito da manipulação da imagem do corpo feminino, de modo a minimizar a visibilidade dos efeitos do envelhecimento, o que está em jogo é a valorização da dimensão estética do corpo, que tem sido trabalhada no Brasil pela antropóloga Mirian Goldenberg, ao tratar do contexto específico do Rio de Janeiro, como pode ser visto no trecho a seguir:

³⁸ Acessado em 01/03/2011, no sítio <http://www.sitedosfamosos.com.br>.

No Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido. Pode-se pensar, neste sentido, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo da moda. (GOLDENBERG, 2006: 118)

Na interpretação da autora, o corpo é uma fonte produtora de distinção que se apoia fundamentalmente sobre três ideias básicas: uma insígnia que indica um autopolicimento bem-sucedido, capaz de se controlar e domesticar para atingir uma “boa forma; uma grife que dá ao seu portador um status superior aos outros que não a possui; e por fim uma premiação por ter alcançado através de um esforço e sacrifício pessoal as formas físicas consideradas como superiores” (GOLDENBERG, 2002). Partindo desta leitura, as tipificações que orientam os sentidos e valores do corpo envelhecido são contrastadas com aquelas aplicadas aos jovens e ambas se situam dentro de um contexto maior de significação social do corpo, com o qual mantêm constante diálogo. Numa sociedade em que a beleza e uma boa forma física são extremamente valorizadas, é plausível esperar que tais expectativas incidam também sobre o envelhecimento.

A ideia de que a mídia exerce uma influência negativa sobre as mulheres maduras, bombardeando-as com imagens de corpos jovens e belos, é discutida por Mary Del Priori (2000), ao explorar a trajetória histórica dos significados sociais do corpo feminino no contexto brasileiro. Para a autora, a intensa divulgação de imagens de mulheres jovens e bonitas - muitas vezes em um estado de perfeição intangível -, assim como de inúmeros receituários para a obtenção de um corpo adequado aos padrões de beleza estabelecidos, contribuem para que as mulheres sejam submetidas a uma série de prescrições que as limitam e oprimem, uma vez que nem todas têm as mesmas condições de alcançarem os recursos e resultados propagados. Essa negação da velhice, que teria ganhado maiores dimensões no começo do século XXI, se estabeleceria cerceando a aparição de qualquer indício de envelhecimento, tornando as experiências deste processo ainda mais dolorosas em função dos valores negativos que lhe são associados e da falta de referências sobre as quais possa ser desenvolvido algum tipo de identificação.

Voltando para o caso Susana Vieira, temos um trecho de uma entrevista publicada na revista *Veja*, no dia 28 de maio de 2003, muito interessante para pensar a caracterização do envelhecimento enquanto um projeto individual. Nele, a atriz responde duas questões a respeito da sua idade e da preocupação que teria com a própria aparência, apostando mais

uma vez na crítica a um modelo etário essencializado. Susana desconstrói a ideia de que a idade cronológica é um determinante que deve ser seguido como referência para o seu comportamento. A juventude é apresentada novamente como um estado ou disposição independentemente da idade cronológica:

Veja – A senhora não esconde que é vaidosa.

Susana– Um pouco de vaidade é imprescindível. O que já não tenho mais é aquela ansiedade para ser reconhecida que os atores mais jovens têm. Eu me acostumei com os ciclos da carreira. Sei que em certos períodos você é mais lembrada do que em outros, que uma personagem da novela das 6 tem menos repercussão do que uma personagem da novela das 8, e por aí vai. Não me atormento por causa disso. Mas continuo a ter muito orgulho da minha inteligência. E adoro o fato de estar bonita até hoje, aos 60 anos.

Veja – Suas biografias dizem que a senhora tem 57 anos.

Susana– Eu nunca diminuí a idade, meu amor. Quem diminuiu foi uma revista, muito tempo atrás. E todo mundo foi copiando. É até mais bonitinho dizer 57, mas a verdade é que estou prestes a fazer 61. E daí? O que importa é a boa cabeça, a aparência física, o sex appeal. Se fosse só uma questão de idade, vários dos melhores atores da Globo estariam em casa há muito tempo.

As falas deste último trecho podem ser vistas como a valorização de uma estética corporal. Ao afirmar que ser considerada bonita aos 60 anos seria um motivo para comemorar, Susana Vieira explicita a importância atribuída à aparência física e sensualidade na constituição da sua identidade. Assim, não seria vergonha ter 61 anos se a sua imagem continua aparentando uma idade menor. Essa postura defensiva da atriz, que revela uma resposta dada a um diálogo já colocado de modo acusatório, antecipa o quanto as narrativas que abordam o seu caso são profícuas para pensar as tipificações e enquadramentos dados ao envelhecimento feminino, pois reúnem aspectos diferentes e divergentes a esse respeito, registrando não somente o que é visto como positivo na ideia de superação dos limites impostos pelas classificações etárias, mas também aquilo que é pensado como excessivo e, portanto, reprovável.

As críticas tecidas à postura de Susana em relação à própria imagem, bem como as respostas dadas às acusações recebidas, tornam possível verificar um complexo e sinuoso processo de negociação em torno da legitimidade da série de atributos elencados para caracterizar sua trajetória de envelhecimento. A tensão própria deste embate é reconhecida algumas vezes em falas da própria atriz, ao se dizer perseguida e injustiçada pelo tratamento recebido por parte da imprensa e da mídia:

A atriz reclama ainda de ter virado alvo de chacota da imprensa: ‘Ficam cobrando porque não envelheci. Sou muito pichada por parte da imprensa. Sou um alvo fácil. Me ridicularizam, desrespeitam. Falam do meu cabelo como se ele fosse meu, como se eu não fosse uma atriz. Já se passaram

quatro meses da estréia da novela e isso continua sendo alvo de chacota. Não entendo como as pessoas até hoje sentem prazer em pichar meu cabelo”.³⁹

Cabe aqui a interrogação sobre o porquê uma figura tão bem sucedida em sua carreira artística e publicitária se sentiria vítima de uma campanha acusatória por parte da imprensa. Acredito que as cobranças e críticas em relação a sua postura enquanto mulher madura não envolvem somente a preocupação excessiva com a conservação de um corpo e imagem excessivamente jovem, mas também por outros tipos de comportamento da atriz acompanhados e expostos exaustivamente pela mídia.

A figura pública de Susana Vieira é marcada por vários episódios que reforçam a imagem de uma pessoa arrogante, intempestiva e espontânea, como, por exemplo, quando a atriz aparece dançando freneticamente em uma boate com seus jovens colegas de elenco ou quando toma o microfone da voz de uma entrevistadora e passa ela mesma a conduzir sua própria entrevista, ou quando num programa de auditório de grande audiência, a atriz deixa os mamilos à mostra ao se sentar no colo do namorado e do filho⁴⁰. Em geral, exhibe-se uma pessoa com comportamento incongruente com as definições correntes de maturidade.

No entanto, penso que é outro fato da vida de Susana Vieira que mais esclarece os motivos pelos quais a atriz não é vista como um modelo positivo de envelhecimento, mesmo sendo uma atriz considerada bonita, talentosa e bem sucedida, a saber, a sua vida afetiva e sexual movimentada e exposta midiaticamente. Dentre os episódios mais marcantes temos o casamento mal sucedido da atriz com um homem 26 anos mais jovem, que foi acompanhado pelo grande público como se sua vida fosse, ela própria, uma novela. Susana Vieira o teria conhecido no ensaio de sua escola de samba, onde ele trabalhava como segurança. Após alguns meses juntos os dois se casaram com grande repercussão nos sites de notícia das celebridades. No entanto, passado um ano do casamento, o marido se envolveu em um escândalo bastante noticiado de violência, em que foi preso em um motel após espancar uma suposta prostituta com a qual teria tido relações sexuais. Também foi acusado na ocasião de ter destruído boa parte do quarto onde esteve hospedado. Esse episódio teve repercussão nacional, envolvendo não somente o autor do crime, mas também a própria Susana Vieira,

³⁹ do sítio Istoé gente, www.istoegente.com.br, publicado em 17/01/2008.

⁴⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/848209>, de 19/12/2010.

que responsabilizou-se pelos prejuízos financeiros gerados e se reconciliou-se com o marido⁴¹.

Um ano depois, a atriz se envolveria novamente em uma situação pública constrangedora quando a suposta amante do marido o delatou, pela imprensa, relatando com detalhes a vida sexual que tinham mantido paralelamente ao seu casamento. Com a repercussão da delação, ela própria teria se inteirado da veracidade dos fatos e rompido a relação. Após alguns meses, o agora ex-marido de Susana ameaçou publicamente expor as intimidades de sua vida conjugal com vídeos que tinha gravado, caso ela não lhe concedesse uma oportunidade de conversa. Logo após, volta a ser exposto na mídia com uma tentativa de suicídio, até ganhar as manchetes de jornal, pela última vez, com a notícia de que tinha falecido em virtude do excesso de uso de cocaína⁴².

A própria atriz comenta todo o drama registrado pela imprensa em uma entrevista concedida à revista *Veja*, publicada no dia 14 de Janeiro de 2009, que explora toda a complexidade do diálogo estabelecido por sua trajetória com os rótulos e expectativas que constituem as referências para se pensar o envelhecimento feminino:

Veja: Muita gente apostou que o seu casamento terminaria depois do episódio do motel.

Suzana: Eu chorava de saudade do Marcelo. Era uma mulher apaixonada. Ele era sedutor, me amava e a gente transava bem. Aliás, só soube agora que pessoas com deformidade da mente, como ele, transam muitíssimo bem. Não me nego ao amor e estou cheia dessa história de que mulher de 60 anos tem de namorar homem de 70. Sou uma estrela. Não estou nem aí para preconceitos.

Veja: As traições de Marcelo têm relação com o fato de que ele tinha quase trinta anos menos que a senhora?

Suzana: Só diz isso quem se sente no direito de me julgar. Apareceram até uns psicanalistas para falar do caso da Susana Vieira, a sessentona que se casou com um jovem de 35 anos. Eles diziam que eu estava com um garoto. Por favor, quem tem 35 anos não é jovem nem garoto. Jovem é o Cauã Reymond (*de 28 anos*). Mais velho do que ele já é senhor. Sei o que estou dizendo. Antes de casar com o Marcelo, passei dezessete anos com o Carson Gardezabal. Quando nós começamos, ele tinha 24 anos e eu, 43. E quer saber? Sou mais jovem em curiosidade, energia e disposição do que o Marcelo e o Carson juntos. Não fico procurando garotão em porta de universidade, mas não tenho culpa se sou desejada por jovens.”

Veja: Por que a senhora resolveu se casar com Marcelo em vez de apenas namorar com ele?

Suzana: Foi Marcelo quem quis casar. Pensei: por que não? Por que não me casar de noiva? Não é pecado nem crime. Eu estava apaixonada e não devia nada a ninguém. O problema era que ele tinha 35 anos e era policial militar. Aliás, o preconceito por ele ser PM era pior do que o da diferença de idade. Dias antes do casamento, soube que ele era dependente químico. Lidar com

⁴¹ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67107.shtml>, publicado em 21/12/2006.

⁴² <http://celebridades.uol.com.br/ultnot/2008/12/11/ult4233u309.jhtm>, extraído em 11/12/2011.

isso, com um adicto, foi uma novidade a mais para mim. Eu acreditei na reabilitação dele.

Na fala inicial do entrevistador, vemos o registro da expectativa tida por parte do público a respeito da reação da atriz, em que se supunha que ela terminaria a relação com o marido em vista da traição sofrida, a fim de preservar sua imagem pública. Como o texto registra, esta presunção não se concretizou e a justificativa dada por Susana, ao ser interrogada a respeito, foi a qualidade da vida sexual que tinha e o ímpeto de se permitir viver uma história de amor e paixão a despeito dos julgamentos e preconceitos que poderia sofrer. Ela se nega abertamente a se submeter à ideia mencionada de que mulheres mais velhas não devem se relacionar com homens com idades inferiores, assim como também procura destituir a autoridade moral daqueles que supostamente se “sentem no direito de julgá-la”. Essa postura é sustentada através da evocação de sua condição de “estrela”, ou seja, o poder advindo da fama lhe traria recursos para que pudesse impor os seus atos, se sobrepondo ao escrutínio da opinião pública.

Todos estes posicionamentos reforçam a imagem de deslocamento e incoerência do comportamento de Susana mostrando um choque de diferentes enquadramentos nas entrelinhas do texto, no diálogo estabelecido entre as questões propostas pelo entrevistador e as respostas da entrevistada, mesmo que isto não aconteça explicitamente. Neste processo de negociação de sentido outros aspectos envolvidos além da questão da idade são fundamentais para a composição desta cena, pois se de um lado há uma mulher sexagenária que também é uma artista consagrada, detentora de poder e prestígio provenientes desta condição, do outro se tem um homem que além de mais jovem possuía uma ocupação profissional mal reconhecida e, portanto, com menor poder econômico. Assim, se por um lado o envelhecimento inferioriza, o poder e prestígio compensam esta posição dando um novo peso à relação.

Em outro trecho da mesma entrevista citada anteriormente, a atriz continua falando a respeito da abordagem que, em sua opinião, estaria recebendo da mídia, por ser mulher e por expor sua sexualidade transgressora, em relação aos códigos de comportamento estabelecidos para a sua idade:

Veja: Como, aos 66 anos, a senhora foi tão ingênua?
Suzana: Ingênua e generosa. Ainda bem. O mundo não é feito de gente má, ladrões e assassinos? Sou boa. O nosso problema não era a diferença de idade, de nível social nem de formação. Quantas pessoas vieram do nada, viraram famosas e não roubaram? O desnível cultural pode ser suprido por outras qualidades. Namorei o jornalista Renato Machado (*da Rede Globo*) e casei com Carson, que fazia motocross. Não falava só de vinho e ostras com

Renato e nem só de moto com Carson. O Marcelo me beijava muito. Imagina se eu não gostava? Eu, que sempre gostei de sexo, amor e carinho? Se ele me completava nesse departamento, não precisava falar de museu.

Veja: A senhora se dizia muito feliz. Essas descobertas apagaram as boas lembranças?

Suzana: Posso ser ingênua, mas não sou burra. Uma traição de sete meses é uma covardia com uma pessoa famosa. Fui obrigada a ler um artigo de uma revista que me chamava de ridícula. Dizia que eu devia arrumar garotos apenas para transar, e não me casar com eles. Estou cheia de ouvir que velha tem de arrumar garotão só para transar. O que é isso? Se o cara trai, é ele o errado, não nós. Aliás, idade não existe para mim. Em primeiro lugar, sou uma estrela brasileira, como a Fernanda Montenegro e o Pelé. Não se pergunta em que ponto nós três deixamos de ser estrelas por causa da idade. Não somos sessentões, somos estrelas: Marília Gabriela, Elba Ramalho, todo mundo que chegou lá... Em segundo lugar, minha vida não é pautada por encontrar homem. Sempre gostarei de alguém, sempre beijarei e transarei. A gente tem o direito de amar quem quiser. Quem é que não gosta de homem bonito? Homem velho tem ex-mulher que vai encher a paciência e filho que vai chatear. Envelhecer deve ser horrível, mas, como não envelheço, estou ótima⁴³.

Aqui o entrevistador desenvolve sua pergunta inicial fazendo uma associação entre a maturidade sexagenária da entrevistada com a posse de uma maior capacidade de julgamento e discernimento, o que pode ser identificado na acusação explícita de ingenuidade feita pelo entrevistador. Na resposta dada por ela, há uma reiteração ainda mais elaborada do contraponto colocado pela atriz aos questionamentos que lhe são impostos por ter mantido uma relação conjugal com um homem mais jovem e menos poderoso. Segundo Susana Vieira, todas as assimetrias provenientes da diferença de idade, de origem, de classe social e de formação poderiam ser apagadas em favor de uma identificação pela atração sexual entre ela e um parceiro.

Pela forma como os atos da atriz foram caracterizados e tendo em vista a surpresa e visibilidade que causaram negativamente, pode-se postular como tipificação construída em torno da sexualidade das mulheres em suas trajetórias de envelhecimento, a vivência de uma vida sexual discreta e que não chame atenção por diferenças extravagantes de status em suas relações. Essa dimensão da sexualidade feminina na maturidade, de se permitir ter uma vida sexual pública fora do âmbito familiar e com homens mais jovens e menos poderosos, tem sido explorada pela mídia, principalmente se tratando de mulheres artistas. Diversos são os exemplos que confirmam o que seria uma tendência de relacionamento para mulheres mais velhas, ricas e famosas. O texto a seguir traz alguns deles, apresentando alguns elementos interessantes para a análise desta questão:

⁴³ Revista Veja, Edição 2095, de 14/01/2009.

A primeira providência é a lipo. Depois um botoxizinho, talvez até uma siliconada nos seios. Em seguida, parte-se em busca do complemento ideal para a mulher abandonada por aquele canalha do ex-marido, mas bem provida em matéria de partilha de bens: o namorado muitos, muitos anos mais novo. A descrição é caricatural, mas, lentamente, a turma das divorciadas maduras convertidas aos encantos dos garotões se amplia – ou se assume. Não que os preconceitos tenham desaparecido. Devido a padrões sociais profundamente arraigados, um cinquentão se derretendo pela gatinha recém-conquistada ainda é recebido, no máximo, com um sorrisinho de maliciosa compreensão, enquanto o inverso provoca bem mais do que sobrancelhas franzidas. Mas num segmento bem específico, em que circulam mulheres invariavelmente ricas, bonitas, bem-sucedidas e bem resolvidas, está ficando cada vez mais corriqueiro expor-se com um namorado mais jovem diante dos amigos, da família, dos filhos e filhas (garotas, às vezes, quase da idade do amado)⁴⁴.

Nesta matéria, pode ser vista a utilização de alguns estereótipos importantes para a compreensão do enquadramento a partir do qual o envelhecimento feminino é constituído: as mulheres são caracterizadas como divorciadas e tendo um conjunto de relações familiares com ex-maridos e filhos, em que fica evidente a expectativa de toda uma vivência familiar anterior à sua atual relação; em segundo lugar, é enfatizada uma transformação corporal empreendida através de procedimentos estéticos e cirúrgicos que trariam de volta às mulheres o poder de atração junto aos olhares masculinos. Tal autotransformação é seguida pela busca de novos relacionamentos que substituiriam as relações anteriores e compensariam a carência deixada pelo casamento desfeito; As mulheres financeiramente poderosas, mas afetivamente e sexualmente abandonadas, encontrariam, nas relações com homens mais jovens, a retomada de suas vidas amorosas.

No decorrer desta construção narrativa tem-se o desenho de um arranjo em que, mais uma vez, as diferenças de status nas relações entre mulheres mais velhas e homens mais jovens são definidas e situadas. Se, por um lado, as figuras das mulheres são diminuídas pela idade e pela saída de um casamento fracassado, do outro se encontra, em um momento posterior, a reparação desta situação decadente pelo envolvimento com um homem mais jovem, denominado no texto pelo termo “garotões”. O reconhecimento da existência de tratamentos desiguais para homem e mulheres neste tipo de relação evoca a condição financeira e poder adquirido por meio do sucesso profissional delas, como base para a ousadia de assumirem relações lidas não somente como atípicas, mas também como reprováveis. Seriam o dinheiro e o sucesso que lhes permitiriam ingressar e manter os relacionamentos com seus jovens parceiros, assim como voltar ao âmbito familiar exibindo suas relações aberta e publicamente.

⁴⁴ Revista Veja, Edição 1765, de 21/08/2002.

A sexualidade feminina é apresentada em sua diversidade seguindo um percurso de trânsito dentro e fora do âmbito das relações familiares. Estas relações não deixam de ser uma importante referência para pensá-la, mesmo quando se trata do fim de uma relação conjugal e o período que segue posteriormente. Nesse contexto, um importante ponto de análise é fundado na abordagem da família enquanto instituição social e moral, fundamental para apreensão do enquadramento dado ao envelhecimento feminino. Como Lia Zanotta Machado (2001) aponta, essa discussão, no Brasil, tem se caracterizado no âmbito das Ciências Sociais pela oposição do que seriam dois lados, com diferentes desenvolvimentos teóricos: no primeiro, teríamos uma ênfase da família enquanto um reflexo de dinâmicas reificadoras de tradições culturais; já no segundo, teríamos a valorização da abordagem das diversidades de configurações familiares como produtos das relações modernizadoras entre estado e família. Segundo a autora, uma possível solução para o empasse teórico poderia se dar da seguinte forma:

Busco aqui afirmar que o grande desafio é aprofundar o debate articulando os argumentos contidos numa e noutra posição. Não se deve deixar que a disposição da arena reifique e simplifique o debate e se parta para uma exaltação do 'familismo' ou do 'individualismo'. Nada há de seguro ou inercial na longa duração do valor da família no Brasil, ou de garantia na pretendida crença de que o individualismo das sociedades desenvolvidas reforme em um só sentido o futuro das formas e dos valores familiares (2001: 12).

Tomando o caso masculino como comparação, será possível verificar no próximo capítulo que os diversos discursos gerados sobre o envelhecimento também manifestam de algum modo essa dicotomia criada entre a imposição de padrões familiares supostamente tradicionais e novas formas de comportamento dos sujeitos que privilegiam as aspirações individuais. Ao invés do abandono do uso do quadro de relações familiares enquanto linguagem para pensar as relações e identidades sociais, o que pode ser verificado é um processo complexo e heterogêneo de atualização desses modelos e conceitos, em que os sentidos das trajetórias individuais são constituídos a partir de um conjunto de tipificações e expectativas que longe de ser linear e monolítico, é sinuoso e, em alguns momentos, abertos à contradição.

Derivada dos estudos de parentesco, a discussão contemporânea acerca da família tem sido desenvolvida sobre o legado de diversos autores que revisitaram a noção de parentesco, apontando problemas teóricos que aqui merecem destaque, ainda que sumariamente.

O primeiro deles é o trabalho de Schneider (1973), que problematizou a naturalização que a antropologia teria realizado das noções ocidentais de parentesco fundadas essencialmente no compartilhamento de vínculos sanguíneos, projetando esse esquema cultural para o entendimento de relações inscritas em outros sistemas simbólicos. Essa projeção etnocêntrica de uma linguagem particular à cultura “nativa” dos próprios antropólogos desembocou em uma crítica ainda mais profunda aos estudos do parentesco enquanto um campo da produção antropológica, ao questionar a existência de um domínio específico constituído a partir das supostas relações entre “parentes”.

Outra discussão que segue os passos do trabalho de Schneider é a que foi desenvolvida pelos estudos feministas, como o de Collier e Yanagisako, que criticaram a naturalização do parentesco como um artifício para a invisibilidade de assimetrias sociais, entre elas, as geradas pela questão de gênero. Para tanto, mais que uma instituição universal, o parentesco e a família, enquanto sistemas de relações, deveriam ser estudados contextualmente, dando cuidadosa atenção para a articulação desse tipo de vínculo com outras dinâmicas políticas, como a relação entre o feminino e o masculino. Também seria necessário desnaturalizar a ideia da natureza enquanto produtora das diferenças entre homens e mulheres em suas inserções no parentesco e na sociedade de uma forma em geral (COLLIER e YANAGISAKO, 1987).

Essa linha de desenvolvimento teórico encontra prosseguimento, já mais recentemente, no trabalho de Janet Carsten (2000) que procura, na organização de um compêndio com trabalhos etnográficos assentados em diversas localidades como China, Madagascar e Inglaterra, superar uma dicotomia entre parentesco social e parentesco biológico e entender os diversos códigos culturais utilizados para pensar as relações anteriormente tidas como de parentesco, utilizando outras formas de criação de identidade e vínculo além do compartilhamento de substâncias corporais como sangue, sêmen e leite. Para tanto, faz um deslocamento conceitual da ideia de parentesco para a ideia de *relatedness* – conceito que estaria aberto a essa diversidade de linguagens culturais para expressar e estabelecer relações de “compartilhamento de substância”.

Fazendo uma leitura da trajetória dos estudos que, de alguma forma, estão pautados na noção de família, Cláudia Fonseca (2007) nos traça um quadro sintético interessante para uma compreensão das diversas questões desenvolvidas nesse campo, a partir da década de 80, indagando também sobre a inter-relação entre a emergente agenda de pesquisa antropológica e o contexto social mais amplo de suas sociedades nacionais:

Devemos lembrar que, ao longo dos anos 80 e 90, acontecimentos na sociedade dos pesquisadores impulsionaram novas perspectivas sobre a vida familiar. Muito foi dito sobre a popularização de novas tecnologias reprodutivas, além da visibilidade crescente das relações gay e lésbica – práticas que ressaltaram a noção de “famílias que escolhemos” (...) Mas cabe também lembrar que na década de 80 se iniciou uma onda de adoções transnacionais – processo pelo qual muitas famílias, na América do Norte e na Europa, passaram a incluir nos seus lares crianças adotadas de além-mar. A existência dessas famílias, muitas vezes “transraciais”, desmascarava as origens não biológicas da filiação. Será por acaso que, praticamente ao mesmo tempo, o parentesco, enquanto conceito analítico, volta revigorado justamente por estudos etnográficos sobre a circulação de crianças na Oceania – um parentesco “dessubstancializado”, que incluiria, cada vez mais, formas de conectividade além do sangue? Modificar a noção de natureza que subjaz a família, rompendo a associação necessária entre sexo, conjugalidade e família, não seria uma inovação teórica que vem ao encontro das sensibilidades de um “imaginário” que investe grande valor afetivo no laço adotivo? (2007:20)

Todo esse percurso teórico ratifica a consolidação de um quadro de desnaturalização do parentesco e das relações familiares - em que, ao invés de buscar um fato universal, procura-se ressaltar as construções simbólicas referentes à noção de família nas mais diversas culturas e sociedades. Isto interessa na medida em que permite pensar as relações de gênero presentes na construção dos diferentes enquadramentos dados ao envelhecimento feminino, em que a mulher é associada a uma série de expectativas e papéis dentro do universo de relações familiares. Estes enquadramentos são reveladores na medida em que esclarecem as inter-relações existentes entre a representação da maturidade feminina e a instituição da família, enquanto um valor social.

Um caso emblemático dessa discussão pode ser encontrado no episódio envolvendo a apresentadora de TV Ana Maria Braga, registrado na matéria a seguir:

Se Ana Maria Braga aparece diariamente nas manhãs da TV, com suas inúmeras lições de vida no *Mais Você* (Globo), na vida real ela derrapou feio. Um paparazzo fez um registro da loira, na manhã desta sexta-feira (15), que não é um bom exemplo para seu público. Na foto, Ana Maria Braga fuma despreocupadamente em um bar ao lado da neta, de apenas dois meses de idade, que estava no colo da filha da apresentadora, a seu lado. Ela passeava com a família na Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio.⁴⁵

Como podemos ver, o questionamento colocado sobre a apresentadora a respeito de sua conduta enquanto avó, ao fumar perto da neta despreocupadamente, evidencia uma quebra de

⁴⁵ <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/ana-maria-braga-fuma-ao-lado-da-neta-de-dois-meses-20110415.html>, acessado em 12/02/2012.

expectativa gerada pela incoerência entre essa atitude e o que é esperado de uma avó em relação aos seus netos. Essa imagem da avó irresponsável faz todo sentido se visualizada ao longo de uma série de outras matérias que, aos poucos vão delineando a abordagem que a figura da atriz recebe no que se refere aos atributos relacionados à sua idade. Há um esforço reiterado em sublinhar os contrastes entre as atitudes dessa personagem e as expectativas relacionadas a mulheres da sua idade. Como no caso anterior da matéria sobre mulheres que se casam com homens mais jovens, o universo familiar também é acionado como uma importante característica dos comportamentos da mulher na maturidade.

Em outro trecho, extraído de uma matéria sobre o ensaio fotográfico feito pela apresentadora - em que ela apareceria jovem e sensual, mostrando o sucesso do seu projeto de longevidade- encontra-se um comentário que revela um importante aspecto para pensar a questão da beleza no universo destas mulheres famosas e reconhecidas, cujo poder e prestígio profissional seriam usados para a construção de um corpo jovem sem as marcas trazidas pelo envelhecimento:

Ana Maria Braga fez um ensaio sensual cujas fotos ela postou em seu blog. As fotos foram tiradas em Angra dos Reis. Ficaram muito boas e prova que no mundo de hoje só envelhece quem não tem dinheiro para fazer plásticas e mais plásticas. Realmente não parece que ela tem 60 anos.⁴⁶

A questão levantada a respeito da juventude da apresentadora no ensaio fotográfico é novamente, como pode ser observado, a quebra de um padrão segundo o qual beleza, jovialidade e sensualidade não são atributos ligados às mulheres mais velhas. Sendo assim, a preservação de tais características numa idade mais avançada é relacionada ao poder, expresso neste caso pela posse de dinheiro, que permitiria a estas mulheres a realização de intervenções estéticas em sua aparência. Seguindo a lógica desse argumento, a personagem em questão utilizaria a força proveniente de sua situação financeira e profissional para compensar a fragilidade exposta pela decadência estética do próprio corpo.

Esta relativização da idade enquanto marco identitário pode ser novamente encontrada a seguir, onde há uma referência direta a esta questão da estética corporal como parte de um projeto de longevidade:

Tenho a idade que quiser. A gente se vê no espelho o tempo todo e envelhecer hoje é muito relativo. Claro que meu jeito de pensar mudou, mas dou banho em menininha de 18 anos” “Meu corpo ainda responde super bem. Posso namorar ou saltar de paraquedas. Tô feliz como estou. Tenho um

⁴⁶ <http://voutecontar.net/ana-maria-braga-em-fotos-sensuais.htm>, acessado em 10/01/2012.

marido que amo, uma casa linda. Hoje, olho a quantidade de sapatos que tenho e lembro que já tive apenas dois”.⁴⁷

No caso Ana Maria Braga, há a recorrência de um argumento acusatório que também é encontrado nas falas da atriz Susana Vieira, segundo o qual as mulheres maduras seriam perseguidas pela imprensa por não se enquadrarem nos estereótipos usados para pensar as suas idades, sendo vítimas de diversos comentários maldosos e rumores de relacionamentos fictícios com o intuito de explorarem a sua popularidade. Sem citar diretamente a sua idade como justificativa para as críticas da imprensa, a apresentadora diz em uma entrevista dada a folha de São Paulo porque não estaria mais disposta a conceder entrevistas:

Em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo desta quarta-feira (15), a apresentadora do *Mais Você* (Globo) explicou o motivo de não falar mais com as revistas, jornais e sites especializados neste tipo de noticiário há dois anos. Eu parei de falar com a imprensa de celebridades porque cansei de ter palavras distorcidas, e de ler coisas horrorosas, maldosas sobre mim. Como disse antes, eu sou feliz, realizada e em paz. Eu não preciso de energia ruim. O relacionamento da apresentadora com a imprensa azedou de vez há um ano, quando a revista Quem - que pertence às Organizações Globo - noticiou que a então separação de Ana Maria de Marcelo Frisoni teria sido motivada por um caso extraconjugal dela com o professor do quadro *Dança dos Famosos* Renato Zóia. A loira usou seu programa para se defender, **lendo um comunicado negando tudo**, às lágrimas. E processou a publicação e os jornalistas que assinaram a reportagem.⁴⁸

A iniciativa de resguardar a vida pessoal, evitando dar entrevistas que poderiam levar a exposição de sua intimidade e a criação de novos rumores infundados sobre seus relacionamentos, pode ser entendida como uma reação à criação de uma imagem negativa que apesar de publicar diversas matérias sobre o sucesso e ascensão profissional da apresentadora também não deixaria de criticá-la pelos maridos mais jovens, pelas plásticas no rosto, pelos supostos usos de *photoshop* e também por hábitos íntimos como o ato de fumar perto de sua neta, fazendo com que ela se sentisse perseguida e aviltada. Assim, mesmo sendo um exemplo notório de juventude na maturidade, a figura de Ana Maria Braga não deixa de apresentar uma série de tensões e assimetrias em torno da definição de um projeto bem sucedido de envelhecimento: se ela é rica e famosa, não aparentando ter a idade que tem e estando em boa forma, não deixa de pecar pelo excesso de plástica, pela vida sexual movimentada e exposta e pelos maus comportamentos como avó.

Outro caso interessante para a reflexão a respeito dos diversos modelos constituídos em torno do envelhecimento feminino e suas tensões é o da jornalista Marília Gabriela. Assim

⁴⁷ <http://br.omg.yahoo.com/noticias>, acessado em 04/03/2012

⁴⁸ <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias>. Acessado em 04/03/2012

como as demais personagens analisadas até o momento, a apresentadora também é apontada com um notável modelo de envelhecimento feminino, abordada tanto com comentários elogiosos sobre a sua beleza e jovialidade, quanto com comentários críticos em relação aos seus relacionamentos com homens mais jovens e suas cirurgias plásticas. A relação mais conhecida da apresentadora foi com o ator Reinando Gianechini, que, segundo diversas matérias, seria 24 anos mais jovem que a jornalista. Eles teriam começado a relação no exterior, quando o marido ainda era um modelo, alguns anos antes de Gianechini ter se tornado um ator bastante famoso graças à interpretação de um galã no horário nobre do principal canal da televisão brasileira, a TV GLOBO⁴⁹.

Sendo uma mulher mais velha, casada com um homem considerado bonito e ainda bastante assediado pelo sucesso como protagonista de novela, Marília Gabriela também disse, em diversos comentários que fez sobre o seu casamento, ser bombardeada por críticas e comentários maldosos a respeito da natureza da sua relação com o jovem marido:

Em entrevista para a revista Poder, edição de agosto, a apresentadora Marília Gabriela diz que sofreu muita pressão durante o relacionamento de oito anos com o ator Reynaldo Gianecchini. "Confesso que foi um verdadeiro massacre. Inventaram boatos horríveis envolvendo meus filhos, o assédio era constante. Mas sobrevivemos graças a um cordão de isolamento que criamos à nossa volta", disse.⁵⁰

Em outro momento, a jornalista comenta diretamente o assédio da imprensa durante o seu casamento, explicitando que a sua idade teria influenciado decisivamente a forma como foi exposta e criticada pelo fato de estar casada com um homem jovem, somando-se a isto o fato do marido ser um homem famoso e desejado:

Entrevistador: Você sempre buscou a notícia e agora é alvo dela...

Marília Gabriela: Estou na praça há tanto tempo, já namorei tanto rapaz, tantos, mas tantos... Sou a rainha dos namorados mais jovens. Nunca o assédio tinha sido tão avassalador como foi com o galã da hora. Levei um susto, foi desconfortável, meu telefone em casa não parava. Também foi desconfortável porque atingiu meus filhos. Me expuseram de uma forma viral. A sensação que eu tinha era de que estava escarrapachada na rua. Passou rápido porque decidi que não ia me aborrecer por causa dos outros.

Entrevistador: O preconceito existe pelo fato de você ser mais velha ou por ele ser o galã da novela das oito?

Marília Gabriela: As duas coisas. Acho até que, no Brasil e na minha posição, o preconceito é mais atenuado, tem aquela história de que essa gente de tevê é mesmo maluca. Mas, até na Europa, percebemos os olhares e lá ninguém sabe quem sou eu e quem é ele. O preconceito existe mesmo. Não é o Reynaldo Gianecchini, é o galã da novela das oito e todas as mulheres resolveram desejá-lo.

49 A novela se chamava Laços de Família e foi exibida ao longo de 2000.

⁵⁰<http://diversao.terra.com.br/gente/noticias/0,OI4640130EI13419,00.Casamento+com+Gianecchini+foi+um+m+assacre+diz+Marilia+Gabriela.html>, acessado em 24/03/2011.

Entrevistador: Sente que as mulheres gostariam de estar no seu lugar?
Marília Gabriela: Se forem espertas sim, mas acho que os homens também gostariam de estar no lugar dele.

Esta fala da apresentadora permite pensar que o que está em questão neste embate, visível nas respostas aos questionamentos da entrevista, é a legitimidade do seu relacionamento publicamente, tendo em vista que a união afetiva e sexual entre um homem jovem, bonito e cobiçado, com uma mulher mais velha e bem sucedida profissionalmente, não poderia ser explicado como uma relação desinteressada, recíproca e simétrica. Da forma como a questão é colocada, transparece a ideia de que Marília Gabriela estaria em um lugar privilegiado ao lado do marido, colocando-a assim numa posição inferior em relação a ele por ser mais velha e não ser vista como uma mulher excepcionalmente bonita e cobiçada. Ou seja, ela teria utilizado da sua fama e prestígio profissional para atrair o jovem modelo e seduzi-lo, como se não houvesse a possibilidade de interesse sexual e afetivo da parte dele de maneira gratuita e desinteressada.

Levando em consideração as consequências lógicas dessa ideia, é possível pensar a mulher madura como estando fora do âmbito de mulheres desejáveis aos olhos masculinos, principalmente dos homens abaixo da sua faixa etária. O seu poder de sedução diminuiria com a idade, deixando progressivamente de ser encarada sob um viés erótico. A apresentadora procura redefinir o lugar em que foi colocada na pergunta feita pelo entrevistador ao supor em sua resposta que muitos homens também desejariam o lugar do seu marido. Dessa maneira, ela renegocia o sentido assimétrico atribuído ao seu casamento, como fez em outras ocasiões em que dialogou com as resistências em relação à possibilidade de uma mulher mais velha despertar o desejo em um homem mais novo bonito e bem sucedido.

Na entrevista a seguir, concedida por Marília Gabriela (MG) à revista Marie Claire (MC), este diálogo em torno da credibilidade do seu relacionamento com Gianecchini continua trazendo mais elementos para a compreensão dos diferentes enquadramentos acionados para a caracterização das narrativas a respeito dessa relação:

MC – Posso concluir, então, que a sua vida está ótima...

MG – Quer morrer do coração?

MC–Fala.

MG – Vou te mostrar uma coisa [desliga o gravador e se afasta. Volta com uma pequena caixa na mão]. No Natal, fui para o Rio. No aeroporto, o Giane telefonou para dizer que estava no Projac e que precisava de um favor meu quando chegasse ao apartamento. Estava abrindo a porta, quando ele telefonou de novo: "Querida que você fosse na cozinha, tem um pacotinho de Plus Vita [um biscoito] e no papel tem uma receita. Lê para mim, por favor". Eu fui e tinha esse papel. Veja só o que está escrito.

MC – "Eu te amo, você é a mulher da minha vida".

MG – E dentro tinha isso aqui.

MC – Um anel de ouro branco com brilhantes, do Alexandre Herchcovitch.

MG – Tem alguém se aproveitando de alguém aqui? É isso que me deixa irritada. As pessoas não querem aceitar que a gente está junto porque se ama. E não entendo o porquê. Talvez seja aquilo que a Silvia Poppovic [apresentadora] disse: "Você vive uma situação revolucionária". Quer dizer, é uma mulher mais velha, não é a vedete, não é a diva, nem a mais bonita e, além de tudo isso, uma jornalista. Sinto dizer, mas somos um casal de verdade.

Partindo dos argumentos apresentados pela entrevistada, verifica-se a existência de uma posição desfavorável à relação entre um homem jovem e considerado bonito com uma mulher mais velha, sendo este tipo de relação, alvo de constantes questionamentos a respeito das motivações e interesses que o sustentariam. Como se não fosse possível uma relação amorosa fundamentada na reciprocidade em que tanto o homem quanto a mulher estivessem igualmente interessados. Esse tipo de raciocínio é bastante elucidativo a respeito da forma como a mulher mais velha é constituída no que se refere ao imaginário erótico da nossa sociedade, em que sua maturidade é dissociada da ideia de uma figura atraente e erotizada, pois se um homem mais jovem com todo o poder obtido através da sua beleza e sucesso resolve ficar com uma mulher madura e cuja beleza não é fonte de notoriedade, é porque certamente tem interesses outros que o puramente afetivo ou sexual.

A tipificação que emerge deste embate de enquadramentos, utilizada para pensar a relação entre o erotismo e a figura feminina na maturidade e na velhice, encontra respaldo no trabalho de algumas autoras, entre as quais, destaco Simone de Beauvoir. Embora esta autora não tenha se ocupado especificamente do envelhecimento de mulheres no livro que fez sobre a velhice, existem algumas passagens bastante iluminadoras que ratificam o que tem sido dito ao longo deste texto, como esta que pode ser vista no trecho a seguir:

Nunca encontrei mulher alguma, nem na literatura nem na vida, que encarasse com complacência a própria velhice. **De modo que, nunca se fala numa “bela velha”;** na melhor das hipóteses, fala-se numa “**encantadora velha**”. Ao passo que se admiram alguns “belos velhos” : o macho não representa uma presa, não se exige dele nem viço, nem doçura, nem graça, mas somente a força e inteligência do conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contrariam este ideal viril. (Beauvoir, 1979, 23)

Como pode ser visto no trecho acima, o enquadramento do envolvimento de mulheres mais velhas com homens mais novos é construído tendo como pressuposto um processo tal que, quanto mais velha a mulher se torna, menor é a possibilidade de ser desejada e encarada enquanto objeto de desejo ou de interesse sexual. Segundo Beauvoir (1971), enquanto espera-

se do homem apenas as qualidades de conquistador – registradas no texto como inteligência e força - das mulheres, seriam exigidas características não compatíveis com o envelhecimento, tornando suas trajetórias muito mais problemáticas que as masculinas, quando se trata da sua sexualidade. Embora só com a abordagem de casos masculinos, a ser realizada no próximo capítulo, essa comparação possa ser feita com maior profundidade, cabe ressaltar, de antemão, esta dimensão da sexualidade feminina que se projeta nas experiências de envelhecimento que têm sido registradas, em que a mulher é colocada na relação entre os gêneros enquanto o objeto de desejo por excelência, cuja estética assume, assim, uma importância sem correspondência do lado masculino.

No caso Marília Gabriela, soma-se à questão da idade outros elementos como, por exemplo, o fato do marido ter se tornado um ator de destaque na televisão brasileira após ter estado junto com esposa já bem estabelecida no meio midiático e televisivo. O trecho a seguir resalta esta mesma ideia de que ele teria se aproveitado da situação para se promover profissionalmente, sendo interessante também por atribuir a responsabilidade da relação às mulheres mais velhas e não aos seus jovens maridos:

Quando a notícia da morte de Marcelo Silva chegou, todos se lembraram da invectiva da apresentadora Ana Maria Braga, antes da tragédia: "Se você desaparecesse da face da Terra agora, seria uma coisa maravilhosa para todo mundo". E todo mundo pensou nas similitudes. Como Susana, Ana Maria é uma mulher famosa e poderosa que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos. Em qualquer faixa etária, as mulheres de grande projeção enfrentam problemas para encontrar parceiros – os sensíveis egos masculinos não suportam a comparação. A partir de determinada idade, o difícil vira impossível. "Ela pode escolher um mais jovem pelo puro prazer físico, um desejo respeitável, mas passível de riscos. Ou pode escolher um homem da sua idade, mas, além de raros, uma vez que também querem moças mais novas, esses homens envelheceram muito pior do que elas", diz a psicóloga Lidia Aratangy. Os finais infelizes não são surpresa. O casamento de Elizabeth Taylor com o caminhoneiro Larry Fortensky, ela aos 59 anos, ele aos 39, acabou entre bebedeiras e pancadaria. O deslumbramento com a fama é de desequilibrar qualquer um. Imaginem Daniel Ducruet na primeira vez em que entrou pela porta da frente do Palácio de Mônaco, não como guarda-costas, mas como marido da princesa Stéphanie (ele foi despachado ao ser fotografado em flagrante delito com outra; ela engravidou de mais um segurança). Isolada no mundo do alto estrelato, Britney Spears não viu alternativa que não um então desconhecido dançarino de sua trupe, Kevin Federline – que esperava um filho com outra. Uma das mulheres mais cobiçadas do mundo, mesmo com toda a loucura, até hoje ela não arranjou outro namorado propriamente dito. "Nunca tive um homem que ganhasse mais do que eu", diz, realista, Ana Maria, atualmente casada com Marcelo Frisoni⁵¹.

⁵¹ http://veja.abril.com.br/171208/p_132.shtml, acessado em 05/03/2012.

Como pode ser percebido, o foco da relação é colocado sobre a vulnerabilidade dessas mulheres mais velhas e bem sucedidas que, diante da carência e solidão provocadas pela falta de homens de mesma faixa etária para terem um relacionamento estável, acabariam recorrendo às arriscadas relações com homens mais jovens e também com diferentes status e condições financeiras.

Esse argumento evoca a discussão desenvolvida por Eduardo Viveiros de Castro e R. B. Araújo (1977) ao tratar do desenvolvimento histórico do ideal moderno de amor a partir da obra *Romeu e Julieta*. Os autores buscam situar esse sentimento como um produto de um contexto cultural específico em que a relação entre os indivíduos e a sociedade seria permeada pelo valor atribuído às especificidades e originalidades dos sujeitos, em contraponto às coerções impostas pelas instituições e normas sociais. O amor, assim como o poder, seriam, para esses autores, palavras-chaves para a compreensão da relação entre indivíduo e sociedade, tendo como fundamento o ideal de que seria um tipo de relação pautado pela igualdade e simetria, em que nada mais importaria além da autenticidade do sentimento dos dois amantes em suas personalidades e sentimentos.

Indo além no desenho desse esquema para o entendimento da modernidade, Castro e Araújo sugerem que enquanto a dimensão do “poder” revela o conflito de indivíduos juridicamente iguais diante das instituições oficiais e legais no âmbito do espaço público, o “amor” seria ligado ao “mundo privado, ‘natural’, povoado igualmente por seres associativos, mas dotado de uma personalidade e que o individualiza e eleva” (VIVEIROS DE CASTRO e ARAÚJO, 1977). Neste domínio, todas as assimetrias e constrangimentos sucumbiriam à força dos sentimentos recíprocos.

Nos contextos que analiso ao longo deste capítulo, por meio da abordagem de uma série de casos específicos e emblemáticos, verifico que os relacionamentos amorosos em questão envolvem duas diferentes dimensões relacionadas a este repertório ideológico. Em primeiro lugar, pode ser verificado nas falas das mulheres mais velhas que defendem os seus relacionamentos com homens mais jovens, a defesa deste ideal de amor, insistindo na ideia de que ele estaria acima de diferenças de idade, classe social ou condição financeira. E em segundo lugar, e no sentido contrário, encontram-se as acusações feitas a estas relações, em que são questionadas tanto a legitimidade das mulheres, quanto a honestidade do sentimento dos homens mais jovens, ressaltando-se as diferenças de idade e de status para destituir o envolvimento amoroso de sua imagem de autenticidade.

Outras artistas também receberam comentários semelhantes ao citado acima, como a cantora Elza Soares, que também é destacada pelas relações com homens mais novos. No

caso da cantora, ainda há um diferencial que é o fato de não ser considerada uma mulher “bonita” e “bem conservada” ou um modelo de longevidade bem sucedida e ainda pelo fato de ser negra. Diversas matérias citam o seu exemplo como um dos casos em que depois de uma série de intervenções estéticas na busca de uma aparência jovial prolongada, acabara-se provocando o efeito inverso: uma aparência desagradável que nem mesmo o rosto marcado pelo tempo teria.

As críticas à aparência da cantora se somam aos comentários sobre suas relações amorosas, com base no mesmo modelo segundo o qual a única explicação possível para um casal formado por uma mulher mais velha e considerada não atraente e um homem mais jovem seria o interesse por parte do marido em usufruir do prestígio e sucesso da artista. Diversas matérias publicadas sobre a cantora, em inúmeros veículos e sítios, se combinam no sentido de firmar sua completa inadequação aos códigos de conduta próprios a mulheres da sua faixa etária, construindo uma experiência caracterizada como atípica em relação às experiências comuns de envelhecimento feminino. Como também acontece no caso das outras personagens aqui abordadas, o cuidado com o corpo aparece como parte de um projeto pessoal de envelhecimento e longevidade:

A primeira plástica no rosto foi em 1963. De lá para cá, a cantora colecionou outras. "Não suporto ver uma ruguinha. Bato o pé e digo: 'Não quero!' Vou ao cirurgião, ele pede para eu retornar dali a 20 anos para tirá-la." Nessa hora, Elza fica malcriada: "Então o senhor quer me ver de cabelo branco e bengala? Daqui a 20 anos estou curvada ao chão! Saio de lá e procuro outro". E recomenda às mulheres: Não me condenem pelas minhas plásticas, façam também. Dá um bem-estar danado. A velhice seria bonita se eu vivesse num país que respeita as rugas. O Brasil não tolera velhos". Também mantém-se longe do cigarro e da bebida. "Vou só de vinhozinho. Cuido do corpo, malho na academia... beber só me faria engordar." A saúde dela está tinindo. Enfrentou dois problemas que a marcaram: a queda do palco em 2003 (três costelas quebradas) e a diverticulite, em 2007, que a levou para a mesa de cirurgia. Elza teve recuperação fantástica nos dois casos e voltou a cantar, escondido dos médicos, muito antes da alta⁵².

Nesta breve passagem, Elza Soares transita por algumas questões importantes já mencionadas, com destaque para o reconhecimento da recriminação sofrida pelo fato de ter realizado muitas cirurgias plásticas e não assumir os atributos e características ligados à velhice. Este reconhecimento pode ser identificado na fala em que a cantora aconselha as mulheres que supostamente lhe criticavam a procurarem também os tratamentos estéticos disponíveis, como se estivesse dialogando com as críticas que receberia. A imagem de envelhecimento representada pelo uso de “cabelo branco e bengala” é repudiada

52 <http://claudia.abril.com.br/materia/elza-soares-divina-3731/?p=/comportamento/atualidades>, em 09/03/12.

explicitamente, ratificando a desconstrução da ideia de que o corpo deve ser submetido às imposições da passagem do tempo sobre sua aparência resignadamente, de forma natural e sem artificialidades. A legitimidade desta postura é firmada a partir de uma acusação ao tratamento dispensado aos mais velhos no contexto brasileiro, onde a velhice não seria tolerada. Assim, uma vez que ter rugas seria indício da condição degradante de velho, a tentativa de retardamento da entrada nesta categoria através da utilização de todos os recursos acessíveis para parecer mais jovem seria um expediente compreensível.

Em outra entrevista, a cantora reforça esta ideia, ao afirmar que faria quantas plásticas achasse necessário para preservar a juventude de sua imagem corporal. Além disso, ela fala sobre suas relações com homens mais jovens, levantando elementos interessantes para a compreensão da dinâmica em torno da definição dos enquadramentos dados às experiências de envelhecimento feminino, lidos como inapropriados e repreensíveis:

Entrevistadora: Quantas plásticas já fez? Faria mais?

Elza: Se houver necessidade, meu bem... Se eu acordar de manhã, olhar no espelho e tiver um pedaço que eu não goste, mando tirar. Não fiz tantas plásticas como as pessoas imaginam, mas algumas. Boas e maravilhosas.

Entrevistadora: Por que a preferência por homens mais novos?

Elza: Eles é que vêm em cima de mim (risos). Não tenho culpa de ser gostosa, né? Meu casamento com o Bruno está maravilhoso. Por incrível que pareça, ele vem a ser parente do meu primeiro marido (Elza casou-se aos 12 anos, forçada pelo pai, antes de conhecer Garrincha). Já estávamos juntos quando descobrimos e foi como se eu tivesse voltado para meu ex-marido.

Entrevistadora: Você fica brava quando perguntam sua idade?

Elza: Fico. Porque acho que a vida são minutos, segundos. Porra, bicho, cada dia que passa tenho menos um. Aí, tem essas pessoas que falam: “Ai, que legal, hoje é meu aniversário!”. Não faço festa de aniversário porque acho uma besteira... Acorda, você perdeu mais um!⁵³

Nas respostas de Elza Soares, encontram-se alguns deslocamentos interessantes em que a cantora procura redefinir as posições que lhe foram atribuídas. Em primeiro lugar, ao ser indagada sobre a quantidade de plásticas que já teria feito, ela mais uma vez procura naturalizar a realização de intervenções cirúrgicas e deste modo legitimar estas práticas, enquanto um produto exclusivamente do seu desejo pessoal, que não deveria ser motivo para repreensões ou críticas.

Em seguida, a cantora fala sobre a preferência por relações com homens mais jovens, sugerida já na pergunta que lhe foi colocada, invertendo o sentido da questão, ao enfatizar que seria desejada por este público e não o contrário. Tendo em vista que, como já foi

53 <http://www.cidadeverde.com/elza-soares-nao-tenho-culpa-de-ser-gostosa-ne-68588>, acessado em 15/02/2012.

afirmado aqui anteriormente, há uma dissociação entre a imagem da mulher mais velha de um ideal de atratividade sexual junto ao público masculino, esta afirmação de Elza Soares dialoga de uma maneira direta com esse código, procurando subvertê-lo.

Outro caso de envelhecimento interessante para o desenvolvimento desta análise é o da atriz Betty Farias, personalidade que também tem sua trajetória e experiência de maturidade abordada por diversas matérias. Sua figura é relacionada a vários atributos como sensualidade, beleza e rebeldia, e tal caracterização teria sido construída pelas personagens interpretadas ao longo de sua carreira na televisão, consolidando uma imagem de mulher inovadora e irreverente. No episódio descrito na matéria a seguir, temos a discussão de uma das questões já tratadas anteriormente, sobre a exposição em público do corpo de uma artista ícone de beleza feminina na maturidade, em um contexto de valorização da juventude e da boa forma:

Em pleno verão fora de hora no Rio de Janeiro, a atriz Betty Faria decidiu fazer o programa óbvio: ir à praia. Até aí, nada de mais. Mas a praia carioca é o paraíso dos paparazzi. Betty, que além de ter 69 anos não está na sua melhor forma, foi fotografada de biquíni e acabou usando seu blog para um longo desabafo. “O problema é a burka. Sim, burka para as mulheres fora de forma, para as velhas e desabadas”, escreveu a atriz, que viveu no cinema e na televisão personagens provocantes e fogosas, como Tieta, na novela homônima, e Salomé, de *Bye Bye Brazil*. Ela diz que foi alertada sobre a foto por seu empresário, mas o que irritou mesmo foi o tom de crítica de um outro amigo, que recomendou que ela deveria se “proteger mais”. Essa foi a gota d’água para o protesto. “O que fazer se o fotógrafo tem mau gosto e publica uma foto minha branca, sem sol, gorda, paçuda, fora de forma e de biquíni pequenininho? É falta de simancol da minha parte ou é a minha liberdade?” Eterna rebelde - Filha de um general do Exército, Betty orgulha-se de ser uma eterna rebelde. A atriz, que sempre gostou de biquíni, decote, minissaia e roupa justa, diz que não vai deixar de usar o que lhe der na cabeça. “O mundo quer uma burka para as mulheres que estão tentando viver e sobreviver aos tempos, às décadas, às agruras da vida, e muito mesmo a uma vida bem vivida. Não quero burka, não!”, desabafou. “Vou morrer velhinha de biquíni na praia. É uma sensação de liberdade tão boa. É o mínimo nesse Brasil tão careta.” Moradora do Leblon, Betty adora caminhar pela areia até Ipanema, onde toma tranquilamente seu banho de mar. Depois de ser obrigada a passar alguns dias em casa por problemas de saúde, ela não via a hora de retomar seu ritual e relaxar. Só não contava com a presença de uma lente indiscreta. No blog, a atriz avisou que não vai abrir mão do velho hábito: “Quem não gostar que não olhe, não fotografe e não encha o saco.”⁵⁴

Primeiramente, é importante destacar que a crítica feita a Betty Faria no episódio descrito acima se encaminha num sentido distinto daquelas aplicadas a outros casos como o da Susana Vieira e Ana Maria Braga, pois, se nos dois últimos, o que estava sendo rechaçado era o abuso de intervenções estéticas para a conservação de uma imagem jovem e imaculada pelo tempo, neste caso o que está sendo criticado é justamente o contrário, a falta de

⁵⁴ <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/betty-faria-protesta-pelo-direito-de-envelhecer>, acessado em 02/03/2012.

preocupação da atriz, um ícone de beleza e sensualidade, ao se deixar fotografar sem um tratamento especial para encobrir os defeitos trazidos pela idade. A resposta dada pela atriz a este questionamento é construído sobre a defesa da liberdade de exibição do próprio corpo em público sem preocupações estéticas em relação a defeitos trazidos pelo envelhecimento, colocando em cheque o valor e o tratamento atribuído ao corpo feminino na maturidade que é revelado nesse tipo de crítica.

Em outra matéria, em que mais uma vez a imagem de sensualidade e rebeldia da atriz é citada, encontra-se uma entrevista bastante interessante para o entendimento do tratamento dado às mulheres maduras que se envolvem com homens mais jovens, tema de discussão sabidamente importante para esse trabalho. Como pode ser conferido a seguir, já no texto introdutório, o relacionamento da atriz com um marido 24 anos mais jovem é apresentado, assim como um histórico de suas relações conjugais e familiares:

Aos 59 anos, a atriz Betty Faria esbanja alegria. Casada há três anos com o ator Franklin Thompson, 25 anos, ela diz que a fase malcriada ficou para trás. “Quero plantar coisas boas e ficar nesse planeta por mais uns duzentos anos”, brinca Betty, que aos 16 anos saiu da casa dos pais para ser bailarina de boate. Na televisão, estreou em 1968 no programa Rei Rio, com Luiz Carlos Miéle. Um ano depois, estava no elenco da novela Acorrentados, de Janete Clair. Não parou mais. Mãe de Alexandra Marzo, do casamento com o ator Cláudio Marzo, e de João Daniel, da união com o diretor Daniel Filho, a atriz está longe da tevê desde Suave Veneno, que saiu do ar em setembro de 1999.⁵⁵

Em seguida, já durante a entrevista, encontra-se uma fala da atriz que também evidencia a sua diferença em relação aos outros casos que têm sido abordados, por adotar uma postura que, ao menos verbalmente, condena a valorização da juventude como um valor inquestionável. Traz, assim, em tom acusatório, uma crítica à desvalorização dos mais velhos, que segundo ela seria um traço da cultura brasileira. Como a atriz enfatiza abaixo, a idade não seria um motivo de vergonha ou algo a ser escondido a qualquer custo e a decadência física seria recompensada pela sabedoria adquirida ao longo da vida:

Entrevistador: Você nunca escondeu sua idade?

Betty Faria: Não minto idade por uma posição política. Lutei contra a ditadura, queimei sutiã em praça pública, estive à frente de todos os movimentos feministas, mesmo não sendo uma, e agora vou mentir idade? De jeito nenhum. É a grande negociação da vida: as coisas físicas vão piorando, mas a sabedoria e a sensibilidade vão melhorando.

Entrevistador: Mas as pessoas cobram.

Betty Faria: Quando fiz 40 anos, muitas colegas me falaram que eu não podia comemorar. Fiz uma festa e ficou público. Algumas, que eram do mesmo signo que eu no horóscopo chinês, já não são mais. E agora sou a

⁵⁵ <http://www.terra.com.br/istoegente/75/entrevista/index.htm>, acessado em 02/03/2012.

mais velha. Vivemos num país que não valoriza os mais velhos, artistas ou não. Mas tenho orgulho do que vivi. Acho deprimente você negar a própria história.

Posteriormente, em outro momento da mesma entrevista, Betty Faria se volta diretamente para a discussão da sua relação com o marido 24 anos mais jovem, combatendo com indignação a perseguição sofrida por conta do seu casamento e retificando o que tem sido dito até aqui sobre as recriminações que recaem sobre relacionamentos desse tipo:

Entrevistador: E com o Franklin?

Betty Faria: Vivemos uma linda história de amor há três anos. Ele diz que sou trabalhosa, porque sou uma menininha com muita experiência.

Entrevistador: Prefere se relacionar com homens mais novos do que você?

Betty Faria: Nunca foi um projeto de vida, não é uma preferência. O homem mais velho é mais duro, não pode te acompanhar. Tenho o espírito jovem e, para me relacionar com homens da minha idade, eles têm de ter esse espírito também. É barra pesada se relacionar com homens mais novos, a sociedade não perdoa e te cria mil dificuldades.

Entrevistador: Quais?

Betty Faria: Os amigos discriminam, fazem pouco de você com um monte de piadinhas. As amigas mais novas e sem homem, dão em cima. Ninguém mais te convida porque acham que você não tem nada a ver. Todo mundo massacra o homem, dizem que só quer se dar bem. Se o cara é aproveitador, aproveita. Mas se é bom caráter, acaba se trancando, é horrível.

Entrevistador: E sua família, o que pensa?

Betty Faria: O preconceito não está dentro de casa, está na rua. Todas as batalhas femininas que travei até hoje foram difíceis. Quando você se separa nos moldes tradicionais, geralmente o marido dá uma excelente pensão para a mulher. Quando a mulher quer se separar, tem de ficar calada e ir embora sem nada, rezando para não ser prejudicada. Relacionar-se com homens mais novos, não deixa de ser uma briga contra a falta de respeito da sociedade com as mulheres. O homem que está com uma menina é respeitado porque ainda faz filho. Um bom exemplo para isso é o Renato Aragão. Alguém critica?

Novamente, há uma manifestação explícita de incômodo e crítica ao tratamento dispensado às mulheres mais velhas que se relacionam com jovens, desta vez ressaltando a diferenciação existente entre os casos masculinos e femininos. Como a entrevistada pontua na sua fala, os questionamentos feitos à sua relação e às relações de outras mulheres na mesma condição não são estendidos aos homens que vivem uma relação com mulheres de faixa etárias inferiores. Enquanto as mulheres são extremamente criticadas, os homens não são repreendidos da mesma forma, nem pelo mesmo motivo. Tal compreensão, que será explorada com a devida profundidade no próximo capítulo, se aproxima do que já foi dito ao longo deste texto em relação ao assunto no qual, por uma questão de gênero, o exercício da sexualidade feminina na maturidade ganha um tratamento diferenciado do masculino, justamente por se tratar de gêneros cujas sexualidades são construídas e pensadas de maneiras distintas. Desse modo, a leitura dos casos em que homens maduros possuem esposas mais

jovens não é baseada no reconhecimento de algo tão anticonvencional e objeto de estranhamento como acontece nos casos femininos.

Mas não é somente a preferência por homens mais jovens que desperta a curiosidade e chama atenção, quando se trata do comportamento afetivo e sexual explícito e público por parte de uma mulher mais velha. Nos textos que tratam do fim do casamento da política Marta Suplicy, outras atitudes também são dissociadas do estereótipo da mulher madura, como a iniciativa apaixonada de terminar um casamento duradouro para viver uma relação com outro homem. Mesmo que o homem não seja mais jovem, o fato de não optar pela manutenção da família e do vínculo construído com o marido, arriscando-se a uma vida amorosa na maturidade fora do âmbito da vida conjugal e familiar, também é objeto de recriminação:

“Não é comum uma senhora de 58 anos, mãe de três filhos adultos e avó de dois netos, sentir-se subitamente rejuvenescida, perder 7 quilos, vencendo aos poucos uma antiga luta contra a balança, e de uma hora para outra transpirar alegria por todos os poros. A prefeita petista de São Paulo, Marta Suplicy, está assim. Em seu terceiro ano de mandato na administração da maior metrópole sul-americana, com um orçamento de 11,4 bilhões de reais e 125 000 funcionários, ela é uma forte candidata a se reeleger em 2004. Isso é bom para ela, apesar das críticas que sua administração vem recebendo. No campo afetivo, Marta parece igualmente realizada. Ela está, conforme descrição de uma de suas amigas, "apaixonadíssima". O príncipe encantado da prefeita é o franco-argentino Luis Favre. Bonitão, bom de conversa, elegante, Luis Favre não só conquistou sua quinta mulher, com quem se casa neste sábado 20, como na semana passada arrumou um empregão. Depois de algumas tentativas que ainda não deram certo de ganhar um cargo no governo federal, Favre vai prestar assessoria política na empresa do publicitário Duda Mendonça, o marqueteiro de Lula e do PT, com salário de 20 000 reais por mês.”⁵⁶

O caráter surpreendente e anedótico da matéria é construído a partir da oposição entre a figura da mulher mãe, avó e esposa, “senhora” de 58 anos, e da mulher que repentinamente se permite viver uma aventura amorosa e apaixonada, a despeito de todos os atributos e responsabilidades aos quais está submetida, não somente pela sua posição familiar, mas também pelo cargo político que exerce. O texto também não deixa de mencionar, alinhando-se aos outros casos dos quais tratamos até aqui, que o namorado da prefeita seria contratado por uma empresa publicitária ligada ao seu grupo político, como a insinuar que por detrás da relação amorosa também haveria outros interesses em jogo.

A ideia de que a adoção de uma atitude passional, em que o desejo está acima de outras questões como a manutenção da família e do conforto material, não condiz com o comportamento feminino na maturidade é a base para a construção de uma nova contradição

56 http://veja.abril.com.br/240903/p_052.html, acessado em 02/03/2012.

relacionada às inovações do comportamento das mulheres maduras, como podemos verificar no texto a seguir:

Diz um ditado machista que é mais provável uma mulher acima dos 50 anos ser atingida por um raio na cabeça do que casar-se de novo. A piada parte de um dado real, de que é muito mais fácil para os homens conseguirem um segundo casamento, já que mulheres mais novas não se importam de viver com companheiros "maduros". Talvez por isso a reviravolta que a prefeita paulistana Marta Suplicy deu em sua vida amorosa no último mês esteja mobilizando tanto a opinião pública: uma mulher de 56 anos, com três filhos, deixa o marido -bonito, rico, inteligente e honesto- depois de 36 anos de casamento. Aparece, pouco tempo depois, namorando um novo homem. A consultora Jeritza Gentil, 55, identificou-se rapidamente com a história de Marta. "Muita gente disse que eu era burra ou vadia, outros me chamaram de heroína. Mas eu fiz o que achava mais certo", conta Jeritza, que durante 20 anos foi mulher do empresário cearense Carlos Jereissati, 55, do grupo La Fonte, dono da rede de shoppings Iguatemi e um dos acionistas do consórcio de telefonia Telemar. Jeritza conhece Carlos desde que nasceu ("nossa diferença é de 20 dias") e foi sua primeira namorada. Mesmo assim, depois de 19 anos de casamento e três filhos -hoje com 31, 30 e 25-, decidiu separar-se para assumir o romance com um homem casado, seu namorado até hoje. "Ele nunca se separou e vivemos como amantes", diz. Tanto Jeritza, quanto Marta fogem à regra, mesmo considerando que as mulheres são responsáveis pela maioria dos pedidos de separação: embora cerca de 70% dos processos litigiosos partam delas, são quase sempre motivados pela chamada "conduta desonrosa" delas. "A expectativa geral é da desistência do amor a partir dos 50 anos. O gesto dessas mulheres mostra que elas estão sexualmente aptas. A atitude de Marta confere à mulher de 50 uma juventude que lhe era negada. É um ato libertário mesmo", afirma a psicanalista Betty Milan, uma das feministas que se levantou em defesa da ex-sexóloga.⁵⁷

Nesse excerto, encontram-se diversos elementos interessantes para a construção de uma tipificação do comportamento feminino na maturidade. Ele revela um olhar curioso e surpreso diante do que seria uma mudança comportamental das mulheres maduras que passariam a pedir divórcio, não somente em função do descontentamento com o comportamento sexual extra-conjugal do marido, mas também para satisfazer seus desejos sexuais e passionais, permitindo-se optar por uma relação fora do casamento de longa data.

Outro aspecto abordado nos exemplos trazidos é o risco assumido ao abrir mão do conforto financeiro ou do prestígio provido pelo marido em troca de uma relação puramente pautada pelo interesse afetivo-sexual. Tal atitude, ao ser tratada como algo inovador, acaba revelando que o estereótipo acionado para pensar a conduta feminina seria justamente o contrário, ou seja, uma atitude cuja orientação estaria pautada na preservação da família a despeito dos sentimentos e desejos da mulher.

Outro exemplo de envelhecimento feminino encontrado, mas exposto de maneira mais condescendente, é o da atriz Marieta Severo, interessante como contraponto para os demais casos aqui mencionados.

A imagem midiática de sua experiência de envelhecimento é uma das mais elogiosas dentre as diversas personalidades que até então viemos abordando. Por esse motivo, é um caso extremamente profícuo para o empreendimento analítico que tenho procurado desenvolver, a saber, buscando os modelos e anti-modelos de envelhecimento construídos a partir dos enquadramentos apresentados nas narrativas midiáticas a respeito do envelhecimento de personalidade femininas. Ao contrário dos casos anteriores, a atriz é elogiada por estar bonita e bem conservada mesmo não tendo feito cirurgia plástica:

Com tudo em cima, sem cirurgia plástica, cada vez trabalhando mais e melhor, e com um novo amor. A juventude se recusa a abandonar **Marieta Severo**, que fez 60 anos no início de novembro. "Nunca fiquei pensando nesta idade - de repente, quando eu vi, ela chegou. Estou me sentindo muito bem. Quero chegar aos 90 assim, fazendo e querendo muitas coisas. Não doeu envelhecer", afirma ela, no Espírito Santo, onde foi homenageada no 13º Vitória Cine Vídeo.⁵⁸

Nas diversas matérias publicadas sobre Marieta Severo, temos relatos sobre o seu envolvimento com um novo relacionamento após o término do casamento de longa data com o cantor Chico Buarque. No entanto, tal assunto é sempre acompanhado de comentários sobre a relação da atriz com suas filhas e netas, assim como com o ex-marido, sempre ressaltando a figura dele como o avô dos seus netos:

Na vida pessoal, no entanto, Marieta sempre teve certeza do talento para ser mãe. "Se pudesse, não pararia de ter filho. Crianças me fazem muito bem. Agora estou ansiosa para a chegada do meu quinto neto", revela, referindo-se ao próximo herdeiro de sua filha Helena (35) com Carlinhos Brown (44) - pais de Francisco (10) e Clara (8) -, previsto para dezembro. Aliás, Marieta garante que a relação com seu ex, o cantor Chico Buarque (62), com quem foi casada por 30 anos e teve ainda Silvia (37) e Luísa (31) - mães de Irene (1) e Lia (4), respectivamente -, é fortalecida pela união do clã. "Temos uma família juntos. Isso é o mais importante", resume. O namoro de dois anos com o diretor Aderbal Freire-Filho (64) completa a rotina feliz e bem resolvida. "A liberdade de hoje tornou as relações mais verdadeiras. Estar com alguém é questão de opção, uma escolha amorosa", ensina.⁵⁹

Tendo em vista que este caso não enfrenta tantas críticas e resistências como as demais personagens citadas até aqui, é interessante entender de que forma a construção da narrativa a respeito das experiências de envelhecimento da atriz é realizada.

⁵⁸ <http://caras.uol.com.br/noticia/marieta-severo-festeja-os-60-anos-bem-resolvida>; acessado em 05/03/2012

⁵⁹ <http://caras.uol.com.br/noticia/marieta-severo-festeja-os-60-anos-bem-resolvida#image0>, em/ 01/02/2012

Como é salientado em um dos textos que foram mencionados, a beleza física de Marieta Severo não é produto de tratamentos e cirurgias estéticas, e tampouco sua aparência destoa exageradamente do que é pensado para idade que tem, demonstrando-se assim uma moderação na construção de um projeto de longevidade distante dos supostos exageros acusados em outras matérias. Esta questão, já abordada no capítulo anterior a partir da análise de textos que tratam da ascensão das cirurgias estéticas entre o público feminino, revela uma hierarquização dos corpos a partir de um critério de definição de verdade, em que aqueles que são belos naturalmente (ou seja, sem intervenções cirúrgicas) são posicionados em um patamar superior aos que são produzidos cirurgicamente (sendo tais procedimentos vistos como um atributo de artificialidade).

Em relação à sua vida sexual e afetiva, é possível inferir, a partir das informações trazidas pelo texto, que a atriz não teria terminado o casamento em nome de um novo amor ou uma aventura amorosa - pelo menos, não publicamente. Diferentemente do que foi descrito no caso Marta Suplicy, esta atitude não é explicitada na abordagem do término da sua relação conjugal. Mesmo tratando da vida após o divórcio, Marieta faz questão de enfatizar sua vivência familiar, ressaltando o apreço que teria pelo papel de avó e a importância que atribuiria à sua família. Diferentemente das outras personagens que aparecem hipersexualizadas, ou seja, retratadas com uma ênfase sobre suas vivências sexuais, o relacionamento com seu atual namorado não é trazido para o centro da discussão, sendo situado textualmente apenas como um complemento dos demais detalhes de sua vida, sem se sobrepôr aos demais.

Em outra entrevista, concedida por Marieta à Revista Caras, a proposição de que a experiência de envelhecimento da atriz é apresentada tendo como destaque a sua inserção dentro do contexto de relações familiares ganha contornos mais nítidos, como pode ser observado a seguir:

Revista Caras: Gostou de fazer 60 anos?

Marieta: Não dói. Principalmente quando se está tão mergulhado na vida como eu.

Revista Caras: Você é muito ativa também como mãe e avó?

Marieta: Quis ser a melhor mãe que podia. E mesmo com muito trabalho quero ser uma avó presente à rotina dos meus netos. A família me estrutura.

Revista Caras: Como participa dessa rotina?

Marieta: Se não abrir espaço para isso não fico feliz. Crio tempo para ir buscá-los na creche, sentar no chão, brincar. Para mim, não tem nada melhor do que ouvir: "*Vovó, cheguei.*" A-do-ro.

Revista Caras: A família une você e Chico?

Marieta: Somos grandes amigos. Chico fez, faz e fará sempre parte da minha vida. Ninguém conhece a gente melhor do que um ao outro.

Revista Caras: Não foi estranho tirar a aliança após 30 anos de casamento?

Marieta: Acho que nunca usei aliança (*risos*). Sou da geração experimental,

queria romper padrões de casamento e de família. O que era isso, nem a gente sabia, nem tinha capacidade para romper tanto. Mas tentamos coisas diferentes e muitas funcionaram. Sou satisfeita.

Revista Caras: E que tal voltar a namorar?

Marieta: Em qualquer idade temos que estar abertos ao que a vida oferece, no trabalho e no amor. Antes as pessoas mantinham casamento por conveniência, por pressão, medo, sobrevivência financeira. Tudo distante do amor.

Revista Caras: A idade não tem lado ruim?

Marieta: O problema é quando você vira espectadora da vida. Isso deve ser ruim. Mas me sinto tão ativa que realmente não tenho noção dos 60 anos. Essa idade é uma abstração completa para mim.

Com base na leitura do texto acima, a maturidade de Marieta não é apresentada em um tom crítico e desfavorável e acredito que tal fato se deve, em grande parte, à exploração da importância dada pela atriz ao exercício da maternidade, como mãe e avó, e às suas relações familiares, reforçando deste modo que não deixaria de se enquadrar convencionalmente nestes papéis. Além disso, outro fator importante é a apresentação amena que é feita do seu divórcio, em que se enfatiza a continuidade do vínculo estabelecido com o ex-marido, estando ambos, respectivamente, na condição de mãe e pai de família.

A sexualidade da atriz não é colocada em foco, tendo a relação com o novo namorado um tratamento discreto, sem menções às nuances e detalhes da vida sexual do casal e nem à natureza e intensidade da relação, diferentemente dos casos anteriores que são criticados com mais intensidade e resolução. Ao invés de falar de sexo, o namoro após o divórcio é tratado tendo como mote a palavra amor, situando a discussão em outro terreno.

Por mais que a trajetória de envelhecimento de Marieta se alinhe com as narrativas que procuram dissociar o envelhecimento da decadência física e da inatividade, não há a tensão existente nos outros casos em relação à preocupação com a imagem corporal e com o comportamento sexual. Tal fato revela a importância destas questões para a compreensão dos diferentes enquadramentos em disputa em torno do envelhecimento feminino, uma vez que a sua ausência ou pouca visibilidade encontra-se justamente no caso em que o julgamento realizado é menos duro e depreciativo. Assim, em um texto que não traz informações sobre supostos desvios, exageros ou escândalos em relação a tais temáticas, não há também a caracterização negativa do caso abordado.

Em alguma medida, as duas questões mencionadas acima se articulam, tendo em vista que, frequentemente, a busca e a preservação de uma aparência jovial são associadas ao exercício da sexualidade e, conseqüentemente, de uma vivência sexual cuja intensidade ganha visibilidade, principalmente, no envolvimento com homens mais jovens. Para aprofundar esta discussão, cabe trazer alguns textos que, embora não tratem diretamente das personalidades

que até então temos abordado, registram em suas narrativas diversos aspectos do modo como a afetividade e sexualidade feminina na maturidade são exibidas pela mídia. No texto a seguir, o primeiro deste segundo tipo de texto, verifica-se a proposta de mostrar uma realidade diferente dos estereótipos divulgados sobre os relacionamentos entre mulheres mais velhas com homens mais jovens:

“Demi Moore e Ashiton Kutcher são um dos casais mais pop dos últimos tempos. Juntos há quatro anos, eles não escondem a felicidade da união. Nem a idade. Kutcher é 16 anos mais jovem que Demi. O relacionamento dos atores se tornou ícone de uma tendência crescente e comprovada por pesquisas no Brasil e no Exterior: romances em que as mulheres são mais velhas do que os homens estão em alta como nunca. Uma vitória contra o preconceito e a favor da diversidade nas relações. A tevê também começa a refletir positivamente sobre esse fenômeno social e cultural. Um dos seriados de maior sucesso da tevê nos Estados Unidos atualmente é “Cougar Town”, que estreou em setembro na rede ABC. A atriz Courtney Cox faz o papel de uma quarentona divorciada que descobre que os jovens a acham atraente. O seriado, dizem os críticos, tem o mérito de apresentar uma mulher bonita e confiante, que busca uma relação estável, não uma aventura. É o contrário do papel explorado até então, em que as senhoras maduras envolvidas com rapazes são criaturas desesperadas, que conseguem companhia graças ao dinheiro. “O que se via na mídia não refletia quem são essas pessoas na vida real”, diz Linda Franklin, autora do livro “Don’t Ever Call Me Ma’am! The Real Cougar Woman Handbook” (“Nunca Me Chame de Mamãe! O Manual da Verdadeira Pantera”).⁶⁰

Mesmo trazendo exemplos de mulheres na faixa dos 40 anos, a matéria levanta diversos elementos que compõe a imagem usada para pensar o caso de mulheres mais velhas que se envolvem sexualmente com homens mais jovens, assim como o que seria o novo perfil de envelhecimento feminino. O tipo de romance que descreve seria uma vitória sobre o preconceito existente sobre esse tipo de relação. Este argumento confirma, mesmo que o objetivo seja refutá-la, a ideia de que a maturidade feminina é convencionalmente associada à decadência da mulher enquanto um atrativo para o desejo masculino, principalmente no caso de homens mais jovens.

Esse estereótipo tem como correlatas duas suposições: primeiramente, a de que os jovens que se envolvem com mulheres mais velhas o fazem por interesse financeiro e não afetivo ou sexual e, em segundo, a de que uma mulher mais velha procura um homem mais jovem por carência e falta de parceiros sexuais da sua idade e status e que a desejem gratuitamente e em condição de igualdade.

Outro argumento importante encontrado nesse mesmo texto é o que associa a longevidade da vida sexual feminina aos progressos dos tratamentos médicos e cosméticos e à

⁶⁰http://www.istoe.com.br/reportagens/46116_A+QUIMICA+DA+DIFERENCA+DE+IDADE, acessado em 28/01/2012

liberação no mercado de trabalho. A independência financeira e a segurança garantida pelo sucesso profissional seriam os principais sustentáculos das novas possibilidades afetivas e sexuais que estariam se abrindo às mulheres maduras:

E o que torna esses relacionamentos tão atraentes? Justamente o perfil da mulher moderna. A medicina é sua maior aliada, garantindo longevidade, saúde e beleza. Com o mercado profissional conquistado, não depende de ninguém para seu sustento. A idade lhe trouxe segurança e equilíbrio para lidar com os problemas. Sexualmente é liberada, se permitindo buscar o prazer sem constrangimentos. “A única coisa que ela deseja é conquistar o que for bom emocionalmente”, diz Claudya Toledo, diretora da A2 Encontros, agência de relacionamentos. Tanta vitalidade e confiança encantam os rapazes. “Os mais velhos também são considerados por elas machistas e individualistas”, diz a psicanalista Dorli Kamkhagi, mestre em gerontologia.⁶¹

Em seguida há uma apresentação da face negativa que ainda persistiria nesse contexto de inovação do comportamento sexual das mulheres maduras, com a descrição das dificuldades encontradas pelas mulheres quando se envolvem em relacionamentos com parceiros mais jovens. Como o próprio texto indica, as transformações ocorridas não foram acompanhadas pela alteração do conjunto de referências morais que orientam o julgamento da sexualidade feminina:

Mas, apesar dos bons ventos de mudança, comprovados por pesquisas e numerosos casais felizes, nem sempre assumir um relacionamento assim é fácil. A numeróloga Regina Maura, 61 anos, enfrentou a resistência da família quando começou a namorar o webdesigner Marco Antonio Fonseca, 49 anos, há duas décadas. “Minha mãe achava uma vergonha”, conta. Amigas chegaram a se afastar de Regina, dizendo que um dia Marco a abandonaria. Ele também foi alvo de situações constrangedoras. As pessoas insistiam que Regina não servia para uma relação duradoura. Além de mais velha, era divorciada e tinha dois filhos. Hoje, eles se divertem ao relembrar, mas admitem que sofreram com o preconceito. O desafio atual é cada um superar os próprios medos dentro da relação. A mulher, o ciúme, ao ver o amado conversando com alguém mais jovem. O homem, de ser visto como um oportunista. Tudo bobagem. “Uma mulher dessas não se deixa explorar. E o rapaz, se a escolheu, é porque a considera melhor do que qualquer menina”, diz a terapeuta Ana Maria Zampieri. Um ponto positivo desse tipo de romance é não existir espaço para a competição, comum nas relações em que os parceiros têm faixa etária semelhante. “A troca entre as partes é mais marcante”, diz Claudya Toledo. Esses amores podem acabar – como qualquer outro. Não necessariamente por causa da idade, mas porque a vida a dois precisa de aceitação e tolerância para dar certo. O que importa é existir prazer, alegria, companheirismo. A data de nascimento na carteira de identidade é só um detalhe⁶².

⁶¹ idem

⁶² Idem.

A partir deste trecho é possível refletir sobre quais são os constrangimentos impostos aos relacionamentos das mulheres maduras que se envolvem com homens mais jovens, e como este tipo de relacionamento é paradigmático para entender a construção da maturidade feminina a partir da negação de sua sexualidade. O medo de ser trocada por uma mulher mais jovem e o medo do marido de ser rotulado de oportunista, mencionados como faces do que seria o grande desafio dos casais do tipo que estamos tratando, são exemplos de manifestação do pensamento, segundo o qual a mulher na maturidade torna-se desinteressante em termos sexuais, e que somente utilizando do seu poder financeiro e do seu status poderia atrair a atenção e o envolvimento de um homem, seja de idade igual ou menor que a sua. Além disso, o sentimento de vergonha retratado como a reação das mulheres diante desse tipo de crítica e resistência revela o peso moral recaído sobre elas pelo fato de vivenciarem uma experiência afetiva e sexual não convencional e vista com reprovação.

Buscando uma inspiração teórica nos trabalhos de Alfred Schutz e Erving Goffman, nas obras que já foram aqui mencionadas, adoto como preocupação central desta análise a dinâmica de constituição de uma determinada realidade social a partir do universo das relações intersubjetivas.

Para o primeiro autor, essa questão é colocada em termos de tipificações e sistemas de relevâncias que dariam aos atores sociais os modelos e o campo de possibilidades para sua ação no mundo. A passagem de um conjunto de referenciais para o outro seria dado tanto pela mudança entre diferentes províncias de significado, quanto pela superação das crenças e premissas que se mostrarem ineficazes na interpretação do mundo. Assim, a ideia de transformação apresentada pelo modelo desenvolvido por Schutz é algo que se dá em termos radicais, seja na passagem de um mundo para outro com regras e valores distintos, seja na atualização e reformulação impostas aos sujeitos por parte da realidade empírica do mundo social.

Revisando o trabalho de Schutz, em sua *Fenomenologia das Relações Sociais*, percebo que mesmo que tenha apontado a negociação de significado que caracteriza a interação na vida cotidiana, ele não apostou devidamente na instabilidade e complexidade envolvida em todo processo relacional. Portanto, mesmo que seja fundamental na reflexão acerca da importância das tipificações e expectativas que os sujeitos acionam na interpretação do mundo e para dar sentido a sua experiência⁶³, o arcabouço teórico de Schutz não nos permite

⁶³ A respeito dos processos de atribuição de significado à experiência no mundo social ver: TEIXEIRA, Carla Costa. *Em busca da Experiência Mundana e seus Significados*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

compreender situações como a que estamos estudando, em que os quadros de referências não são substituídos totalmente, numa relação de superação de um em relação ao outro, e nem tampouco compreendem diferentes zonas ou regiões de relevância, utilizando termos desse próprio autor.

Como foi enfatizado no exame do material levantado ao longo desse capítulo, embora haja uma hegemonia da valorização da juventude e da preservação da beleza física em relação às marcas da idade, tornando o envelhecimento um processo produzido através de projetos individuais que não mais supõe a decadência e a senescência como naturais e inevitáveis, essa valorização não é dissociada de uma série de regras e expectativas que continuam orientando o enquadramento a partir do qual a sexualidade feminina na maturidade é representada e também julgada, não havendo dessa forma uma total transformação dos códigos que versam sobre o que afinal deve se comportar uma mulher na maturidade.

Nesse sentido, o trabalho de Erving Goffman é um complemento indispensável às contribuições da sociologia fenomenológica de Alfred Schutz (1979), ao passo que suas preocupações teóricas e etnográficas se centraram justamente nas tensões e desencontros existentes na negociação de sentido de um dado contexto entre os atores sociais.

A partir do conceito de *primary framework*, que poderia ser traduzido como enquadramentos primários - aqueles referenciais mais básicos antes dos quais nada tem sentido, e a partir dos quais outras séries de sentidos serão produzidas - Goffman procura explorar as diversas modalidades de recriações e reinterpretções possíveis a partir de um mesmo quadro de referência inicial. Utiliza-se então de diversos conceitos como *Key*, *Keyings*, *Design* e *Fabrications*, todos pautados na idéia de que um enquadramento poderia ser reelaborado, sendo transformado em outros, de acordo com cada contexto de interação.

Apesar do material etnográfico trazido para caracterizar as experiências femininas de envelhecimento não se enquadrar especificamente em nenhuma das modalidades de transformação de enquadramento trabalhadas por Goffman, que são mais voltadas para as interações face-a-face, podemos nos apropriar do conceito de laminação que o autor desenvolveu para analisar as transformações que as redefinições de sentido de uma dada realidade contextual impõem aos enquadramentos já consolidados.

Nesse processo de laminação, um enquadramento primário que norteia determinado contexto de interação ganha uma outra camada adicional ao ser transformado através de alguma resignificação. Assim, os diferentes enquadramentos que tratam da velhice e do

envelhecimento também podem ser pensados, na medida em que se confrontam uns com os outros, ao invés de se substituírem numa relação de sucessão. Convivem em uma composição que os arranja em camadas, tais quais os enquadramentos de Goffman.

Desse modo, as novas imagens de envelhecimento, que se prolongam por diversas faixas etárias ligadas à juventude, não superam definitivamente todas as tipificações e expectativas que tradicionalmente cercam a velhice, mas tornam-se um quadro a mais no campo de possibilidades disponíveis para os sujeitos interpretarem tanto suas experiências, quanto as experiências de seus contemporâneos.

Essa laminação verifica-se na disposição das tipificações que, sustentando os enquadramentos dados ao envelhecimento, são construídas sobre categorias complementares, como a beleza e a feiúra, a juventude e a senilidade, a inexperiência e a maturidade, a dependência e a autonomia. Assim, mesmo quando se trata de caracterizar o bom envelhecimento, não se perde as referências de envelhecimento mal sucedido ou do lado ruim da velhice.

Outra dimensão que também pode ser explorada a partir da noção de laminação desenvolvida por Goffman é o complexo cruzamento entre o modelo das relações de gênero e os diferentes modelos etários. Estes norteiam os enquadramentos dados às experiências de envelhecimento e ao exercício da sexualidade na maturidade, que longe de apontar para quadros de referência delimitados entre si, parecem se agregar e conviver de forma incoerente e conflituosa.

Como observamos a partir do material empírico levantado, as diversas narrativas contruídas publicamente sobre a sexualidade feminina, ao mesmo tempo em que defendem e promovem a valorização da beleza física e da jovialidade estética das mulheres mais velhas, também criticam o culto exarcebado à juventude e o excesso de cuidados corporais muitas vezes rotulados como artificiais. Ao mesmo tempo em que louvam as conquistas femininas em relação à liberdade sexual e profissional, também apontam o que seria uma quebra de expectativa por parte das mulheres que não limitam sua vivência afetiva e sexual ao âmbito das relações conjugais e familiares, como mães, esposas e avós, vivenciando uma vida sexual vista como exagerada e repreensível.

Essa compreensão da imagem feminina na maturidade que nega a possibilidade da mulher enquanto um ser desejável aos olhos masculinos revela que apesar de haver uma constante apologia aos sucessos estéticos dos tratamentos para as imperfeições físicas trazidos

pelo tempo, não se apaga completamente o ideal de desenvolvimento humano em que a beleza e atratividade alcançam o ápice na juventude e a decadência na maturidade e velhice. Revela ainda separar as mulheres em sua capacidade de sedução e vivência sexual pela idade cronológica, adotando um conjunto de expectativas para cada segmento etário.

Também podemos perceber toda dimensão dada às assimetrias existentes entre os casais formados por homens mais jovens com mulheres mais velhas, revelando a percepção de que se trata de relacionamentos insustentáveis em termos de reciprocidade e gratuidade amorosa. Contrária, desse modo, o modelo segundo o qual a vida privada seria, por excelência, o espaço para o desenvolvimento das relações afetivas e espontâneas, livres de atributos sociais como idade ou classe social.

CAPÍTULO 3

Os notáveis: envelhecimento masculino, sexualidade e virilidade

Como afirmado no capítulo anterior, os enquadramentos dados pelos textos midiáticos às experiências femininas de envelhecimento são construídos a partir de uma clivagem de gênero que imprime a estas experiências uma série de aspectos relacionados à construção do gênero feminino.

De modo semelhante, no presente capítulo tento mostrar como as experiências masculinas são apresentadas seguindo outros valores e padrões, relacionados à construção de modelos de masculinidade. Os diversos casos discutidos revelam que, ao contrário do que aconteceu com os casos femininos expostos, a exposição de uma vivência afetiva e sexual por parte dos homens maduros não é recebida com surpresa, crítica ou desapontamento, mas é concebida com uma naturalidade que expõe a força da ideia segundo a qual a sexualidade masculina, ao contrário da feminina, é um contínuo que não se encerra, e nem deve ser encerrado na maturidade.

Estes modelos de masculinidade, apreendidos a partir dos textos midiáticos trazidos para a discussão desta questão, serão analisados tendo como referencia a abordagem desta temática por Michel Kimmel (1998). De acordo com a perspectiva deste autor, o conceito de masculinidades hegemônicas estaria relacionado à busca por modelos compartilhados e reconhecidos socialmente, levando em consideração os processos dinâmicos pelos quais passariam e a diversidade de modelos subalternos de masculinidades produzidos em torno deles. Nesse sentido, seria possível reconhecer os valores e tipos que orientaram a constituição da identidade e do *ethos masculino*, que mesmo não sendo seguidos à risca por todos os homens, consistiriam em referências inevitáveis para a constituição de suas trajetórias e experiências específicas.

Sem ignorar toda a diversidade de masculinidades que possa existir, me detenho na abordagem dos modelos de masculinidade construídos através das narrativas midiáticas relacionadas a figuras masculinas analisadas que, de alguma forma, focalizam a questão do envelhecimento. Examinado este material em busca das tipificações que expressam valores, códigos e esquemas mentais utilizados para dar sentido às experiências masculinas de envelhecer, principalmente no que se refere à questão da sexualidade. Esta abordagem se justifica pelas tensões e embates encontrados em torno desta discussão que se diferenciam do

consenso encontrado em torno da noção de projeto exposta no primeiro capítulo, utilizada para pensar o envelhecimento positivado.

Um primeiro exemplo a partir do qual é possível obter reflexões profícuas para a análise que ora nos propomos é o do ator de televisão José Mayer.

Durante toda sua carreira ele se destacou pelos papéis viris em que colecionava a conquista amorosa de inúmeras mulheres bonitas, de todas as idades. Em diversas matérias ressaltaram-se as suas proezas enquanto um conquistador inveterado. No entanto, a fonte de tanto poder de sedução sobre as mulheres não seria propriamente sua beleza, como poderia se esperar de uma mulher atraente, mas do seu “jeito” de se comportar e de abordar suas parceiras. Como é exposto na matéria a seguir, longe de ser diferenciado pelos seus atributos estéticos, o ator é caracterizado por algo que se encontraria no seu desempenho enquanto um “macho conquistador”:

Ele já é um sessentão e é, provavelmente, o maior galã das novelas da Globo em muito tempo. Mesmo não sendo lá um arquétipo de beleza, José Mayer arrebatou o coração da mulherada com seu jeito meio durão e até rústico. E em Fina Estampa ele está bem diferente no papel de Pereirinha. Por causa de uma peça de teatro, ele teve de aparecer com o visual muito modificado, com barba e cabelos enormes para seus padrões, além de totalmente grisalho. Apesar desse visual desganhado, Mayer está roubando a cena e é o preferido de muitas mulheres, apesar de o galã ideal ser Dalton Vigh (o René), bem mais novo e todo arrumadinho. No capítulo desta quarta (14) da novela global, Pereirinha ataca novamente Tereza Cristina e vai para a cama com ela pela segunda vez. A mulher refinada e rica se rendeu novamente ao homem bruto e meio grosseirão. Tirando o Augusto César, um malucão hippie que interpretou em A Favorita (2008), José Mayer vem fazendo seu melhor personagem em anos na TV. É só lembrar os trabalhos recentes do ator para lembrar que, em geral, ele é o conquistador arrumadinho com cabelo bem aparado e boas roupas. Em Fina Estampa ele está muito engraçado, divertido, fazendo caras e bocas bem fora de seu registro normal. É um outro Zé Mayer que a gente não conhecia muito bem. Não que ele não tenha ainda um certo ar de canastrão. Mas isso também é parte do que é José Mayer⁶⁴.

Assim, analisando o trecho citado acima, sugiro que a série de personagens interpretadas acabaria reificando um perfil associado ao próprio ator, que é traçado a partir da construção da sua figura como um competente conquistador. Tal composição seria realizada destacando-se, acima de tudo, a sua virilidade e o conseqüente distanciamento de qualquer característica de fragilidade, delicadeza e feminilidade. Mesmo que não seja considerado um homem feio, Mayer também não teria feito tanto sucesso pela sua beleza, pois como o próprio texto diz, é o seu jeito “rústico” e “grosseiro” que mais encantaria as mulheres, tornando-o o ator preferido do público feminino. Mais do que atributos físicos, seria o seu desempenho

⁶⁴ <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/jose-mayer-fica-feio-mas-continua-o-preferido-das-mulheres-20111215.html?question=0>, publicado em 15/12/2011.

enquanto um homem com ar “meio canastrão” que lhe traria toda a atratividade e poder de sedução.

Em seguida, nesse mesmo texto, há a utilização de outro termo bom para pensar a respeito da forma como a sexualidade masculina é trabalhada a partir da figura sedutora de Mayer, a dizer, a categoria *garanhão*. Usando como metáfora a imagem dos animais reprodutores que copulam com inúmeras fêmeas de um rebanho, esse termo revela que longe de ser um motivo de surpresa ou de quebra de expectativas, a vivência intensa da própria sexualidade por parte dos homens maduros enquadra-se tranquilamente nos modelos que orientam o entendimento da sexualidade masculina, em que o excesso de atividade é visto não como um motivo de vergonha ou reprovação, mas como feito a ser lembrado e comemorado:

Com quase 40 anos de carreira, 24 deles na TV, o ator José Mayer, 58, ganhou uma fama que nunca saiu de moda: a de *garanhão*. Isso porque, quase sempre, seus personagens são homens sedutores, machões e que se envolvem com várias mulheres ao mesmo tempo. "Eu tenho cacife para isso", disse ao UOL. A lista de atrizes com que José Mayer viveu algum romance na TV não é fraca: Danielle Winits, Deborah Secco, Malu Mader, Mel Lisboa, Natália do Valle, Camila Pitanga, Lavínia Vlasak e por aí vai. Na vida real a história é outra. José Mayer é casado há 35 anos com a atriz Vera Fajard (apesar de eles nunca terem oficializado a união), que pelo jeito não sente ciúmes do marido. "Ela gosta quando percebe que o público tem afeição por mim", diz o ator. O casal tem uma filha, Júlia, com 23 anos.⁶⁵

A atividade sexual exercida pelas personagens interpretadas pelo ator, mesmo quando já estava na condição de um homem de meia idade, não é apresentada de forma negativa nem com qualquer demonstração de surpresa. E, além disso, sua vida conjugal e familiar é apresentada como uma informação que se contrapõe à imagem pública construída na televisão, ao mostrar que na vida “real” ele possui uma relação estável e duradoura. Em seguida, já durante a entrevista, o ator comenta sua carreira e a imagem de galã e conquistador construída ao longo de sua trajetória na televisão, desenvolvendo uma importante problematização do que seria a fonte de seu sucesso junto ao público feminino:

O UOL Celebridades pegou carona na passagem do ator pelo Bate-papo UOL com Convidados para saber como ele convive com essa fama de *garanhão* e o quanto isso afeta o seu dia-a-dia.

UOL: Com quase quarenta anos de carreira, quem você acha que são seus fãs hoje?

José Mayer: O ano que vem eu completo 40 anos, hoje eu estou com 39 anos de carreira. O ano de 1983 foi a minha entrada na televisão, faça as contas. As pessoas me veem na televisão há 24 anos. [Os meus fãs têm] uma variedade etária bastante grande, eu te asseguro.

⁶⁵ <http://celebridades.uol.com.br/ultnot/2007/11/06/ult4233u184.jhtm>, publicado em 06/11/2007.

UOL: Você é considerado um dos maiores galãs nacionais. O que você costuma ouvir da "mulherada" quando você sai às ruas?

Mayer: [risos] Uma coisa em que eu não acredito muito: "Ah, ele é lindo, ele é lindo". Acho tão engraçado dizerem isso de mim. Eu sempre retruco: "Vocês são umas mentirosas". Mas eu compreendo, porque o conceito de beleza na mulher é diferente do o que está na cabeça dos homens. A mulher tem uma percepção muito mais subjetiva do que pode ser belo, e isso me lisonjeia muito. Quando olham para a minha cara e dizem "você é lindo", eu agradeço, compreendo e eu acho que isso é um elogio para as próprias mulheres. Elas sabem ver beleza onde a gente não percebe à primeira vista.

UOL: Por que você acha que os autores de novela te chamam tanto para fazer papel de galã e de "comedor"?

Mayer: [risos] Eu tenho cacife para isso!

Dentre os diversos elementos interessantes colocados por Mayer durante a sua fala, encontra-se o questionamento aos elogios tecidos à sua beleza pelas mulheres que são suas admiradoras e que o abordam em público. Para José Mayer, ele não se enquadraria no modelo de homem bonito e o seu sucesso seria garantido não pela beleza puramente estética, mas pela percepção diferenciada das próprias mulheres em relação à beleza. Mesmo não concordando com o modo como as mulheres o classificam expressando sua atratividade através do conceito de beleza, ele reconhece que possui algum atributo que lhe confere junto ao público feminino a imagem de homem atraente e desejável, elaborando tal habilidade de outra maneira, não relacionada diretamente a uma dimensão estética. No trecho a seguir, de uma entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, encontramos outros comentários bastante significativos do ator sobre esta questão:

FOLHA - O que te faz um galã?

MAYER - Bom, inicialmente, masculinidade, né? É preciso ser masculino. É preciso exalar masculinidade à primeira vista. Talvez tenham de mim essa primeira impressão. O meu movimento, meu jeito de olhar, minha fala, meu tom de voz, talvez inspirem... É a atitude masculina, basicamente. E o exercício da minha profissão, que me deu uma certa experiência, um certo, digamos, charme, no sentido de capacidade de tornar interessante um trabalho que estou apresentando. Isso é domínio técnico. Talvez o charme venha do ator, não sei se vem do homem. Será? Quem sabe...

FOLHA - Você acha que o título de galã não te cai bem?

MAYER - O título de galã [cai bem], se não for naquele sentido pejorativo de homem burro e bonito, como se costuma dizer sobre as louras, que elas tem dois neurônios, tico e teco... Quando o galã é compreendido como aquele que tem uma função de ser um centro da história por onde tudo passa, um homem que é referencial, um homem que seja de fácil identificação, nesse caso, eu sou galã, sim. Normalmente é uma função ingrata, viu?

FOLHA - Por quê?

MAYER - Os galãs são pessoas muito ponderadas, não têm tintas fortes, não tem a radicalidade de um vilão, não têm emoções extremas, estão sempre em fogo brando. É difícil você manter a atenção do público na frequência quase monótona.⁶⁶

⁶⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u626920.shtml>, publicado em 22/09/2009.

Mais uma vez, verifica-se um questionamento explícito por parte do ator em relação à imagem de homem desejado pelo público feminino. A ideia de atratividade⁶⁷ é elaborada deslocando-se o destaque dado à beleza estética propriamente dita, ligada à imagem e forma do corpo em si, para o desempenho de uma série de comportamentos que configurariam um modo de ser ou de se tornar um homem desejável. Nesse caso, diversos elementos são mencionados como atributos de masculinidade tais quais, o jeito de olhar, a tonalidade da voz, a forma de falar que, desempenhadas em conjunto, trariam ao homem em questão o poder de seduzir as mulheres.

Outro item importante que merece ser destacado é o incômodo demonstrado por Mayer com relação à imagem de galã, como aquele ator que se destacaria exclusivamente pela beleza, sem inteligência ou talento para atuar em papéis importantes para o desenvolvimento das tramas das novelas, revelando assim um desconforto com o reconhecimento exclusivo de sua beleza como fato decisivo da sua carreira. Como pode ser visto no trecho a seguir, a caracterização do galã encarnado na figura de Mayer é composta a partir de diversos atributos que vão muito além da mera beleza física:

As novelas da Rede Globo são uma fábrica de galãs. A cada temporada surge um novo, chamado Thiago Lacerda ou Reynaldo Gianecchini. Todos têm estampa de modelo – corpinho sarado, sorriso perfeito. Mas para o requisitado posto de galã de meia-idade, uma exigência do público feminino mais maduro, a emissora dispõe de opções reduzidas. Tarcísio Meira, Tony Ramos, Antonio Fagundes e José Wilker são os freqüentadores habituais dessa seara. O tempo, porém, é inclemente, e até o eternamente charmoso Fagundes já não se encaixa muito bem em certos papéis. Por exemplo, aqueles em que precise encenar paixão de maneira convincente com gatinhas de 20 anos – ou até menos. Nesse cenário, firma-se a estrela do mineiro José Mayer. Aos 52 anos, ele não é um rostinho bonito, mas exibe um físico bem mais conservado que o da concorrência (tem mais cabelo que Wilker, menos cintura que Fagundes, mais verossimilhança ao expressar desejo carnal que Tony). Pode-se dizer que conquistou uma verdadeira reserva de mercado. Mayer é uma versão masculina da Vera Fischer. Apesar de cinqüentão, pode fazer amor com uma atriz jovem sem que pareça forçado", analisa um diretor da emissora. Essa maleabilidade etária é do pleno conhecimento dos mais de 30 milhões de brasileiros que vêm acompanhando as peripécias eróticas dele e da juvenil Mel Lisboa na minissérie Presença de Anita.⁶⁸

Na matéria exposta anteriormente, publicada na revista *Veja*, a caracterização da figura de José Mayer aprofunda o que seria o diferencial do ator em relação aos demais atores e homens de sua idade. Segundo o texto, ao contrário dos seus colegas que já se encontrariam fora de forma para encarnarem personagens conquistadores de mulheres das mais diversas

⁶⁷ Esta palavra é utilizada aqui no sentido de capacidade ou potencial de atrair ou despertar atração.

⁶⁸ http://veja.abril.com.br/290801/p_146.html, publicada em 29/08/2001.

faixas etárias, Mayer continuaria mantendo um físico compatível com a imagem de um homem maduro conquistador. Essa mesma descrição não enfatiza a importância da manutenção de um corpo malhado ou de um rosto sem rugas ou sem marcas do envelhecimento, como acontece no caso feminino. Ressalta, entretanto, a largura do abdômen e a quantidade de cabelos. Além desses atributos físicos, há também a indicação de que é importante poder exprimir com verossimilhança o desejo sexual dos seus personagens. Seguindo na mesma entrevista, temos outros elementos utilizados para caracterizar a figura do ator em sua masculinidade:

O macho maduro transpira virilidade com uma convicção que torna impossível ser confundido com o Tio Sukita, o bobão de suéter sobre os ombros que baba inutilmente pela ninfeta no comercial de refrigerante. Mayer interpreta, invariavelmente, homens rudes porém um tanto atormentados, do tipo que toda mulher adoraria "consertar". Devido ao apelo de amplo espectro, encaixa-se bem em tramas românticas variadas, ora vivendo cenas vulcânicas com lobas quarentonas, ora realizando a fantasia masculina de ser o objeto de desejo de moçoilas púberes. Na pele do criador de cavalos Pedro, em *Laços de Família*, Mayer passou boa parte da novela entre cocheiras e lençóis, sempre em companhia de um trio de beldades: Vera Fischer, Helena Ranaldi e Deborah Secco. E a partir desta sexta-feira o sedutor de estilo seco atacará no cinema. O filme *Bufo & Spallanzani*, inspirado no romance homônimo de Rubem Fonseca, traz Mayer fazendo sexo com uma mulher madura (Maitê Proença) e com uma na flor da idade (a estreada Isabel Guéron, de 25 anos)

Nesse trecho, verifica-se a recorrência de uma ideia, já exposta anteriormente em termos semelhantes, segundo a qual um dos motivos para o sucesso deste ator seria a sua imagem de homem com jeito “rude” e “atormentado” que “toda mulher adoraria consertar”. É importante também notar a ênfase dada ao desempenho por parte do homem maduro de um comportamento pautado em atributos pensados como masculinos, tais como firmeza e impulsividade. Tal virilidade é sobreposta à beleza física no que toca à sua importância na composição da figura desse homem desejável por mulheres das mais diversas idades. Além disso, mais do que um comportamento visto como algo contraditório e passível de crítica ou reprimendas, essa vivência sexual intensa dos personagens é vista como um fato admirável, próprio da sexualidade masculina.

A imagem pública de garanhão é contraposta nessa mesma matéria à descrição da vida conjugal do ator em seu longo casamento. No entanto, essa vivência é mostrada como um motivo de surpresa, descrita como algo inesperado pelo o fato de um homem tão desejado e assediado pelo público feminino permanecer com uma mesma mulher por tanto tempo, o que é lido, de certa forma, como uma quebra de expectativa com relação à figura do amante

ganhão, conquistador de inúmeras mulheres e ao mesmo tempo inconstante em seus relacionamentos:

Tipicamente, a atriz Vera Fajardo, casada há 25 anos com o ator, dá a dimensão do real aos atributos do galã. "O Zé é ótimo marido, mas absolutamente banal. Lá em casa, ele cuida das plantinhas", diverte-se. Ela jura que não sente ciúme – talvez por isso o ator se tenha dado ao luxo de revelar recentemente que já fez sexo fora do casamento. Essa indiscrição, no entanto, foi uma exceção à regra. Em geral, Mayer evita festas e holofotes, dribla as revistas de fofocas e odeia insinuações de que alguns romances da tela teriam extrapolado para a vida real. "Fazer novela é um trabalho quase braçal, e eu sou um sujeito comum", desconversa. Talvez por cultivar essa imagem minimalista, também angariou a simpatia dos marmanjos. Na semana passada, por exemplo, um gaiato que assistia às extenuantes gravações de Presença de Anita se propôs a dar uma força: "Pô, Mayer, quando você cansar, deixa que eu assumo o posto".

Verifica-se neste texto a existência de um modelo que de um lado situa a imagem pública de ganhão que o ator desempenhou ao longo de sua carreira e do outro a sua vida pessoal e privada dentro do ambiente familiar e conjugal. A partir da leitura desta imagem pública da sexualidade de José Mayer – formada tanto pelos seus personagens, quanto pelos discursos sobre a sua intimidade -, é possível identificar que a dimensão crítica e depreciativa dispensada às diversas mulheres das quais tratamos no capítulo anterior não é aplicada. Isso evidencia que, no caso masculino, não há uma quebra de expectativa quanto aos comportamentos sexuais descritos, assim como acontece quando se trata das personalidades femininas. Mesmo que o casamento seja colocado como a dimensão real da vida do ator, tendo um estatuto superior aos personagens encenados na televisão, ele sequer é recriminado por admitir publicamente que já fez sexo fora do casamento. Além do mais, a fama de homem que conquista e se relaciona com muitas mulheres associada à imagem do ator é, no final, descrita virtualmente como uma forma de empatia com os outros homens que desejariam ocupar o seu lugar.

Outro caso notável de envelhecimento masculino é o do ator Antônio Fagundes, que assim como José Mayer, também possui em sua trajetória profissional os atributos de homem conquistador e sedutor, sendo nomeadamente mais um exemplo de galã da televisão brasileira. Como no caso anterior, ele também demonstra um descontentamento com esse rótulo, o que se revela no trecho, a seguir, de uma matéria publicada na revista Istoé Gente:

Antônio Fagundes também descarta o rótulo de galã, que considera pejorativo. Chegou a procurar no Aurélio o significado preciso só para entender melhor a insistência dos que procuram enquadrá-lo no termo. Acha que a palavra vai contra o seu trabalho em teatro, cinema e televisão. O ator fez mais de 40 espetáculos teatrais, 21 novelas, 37 longa-metragens, além de ter atuado em dezenas de minisséries e teleteatros. Recebeu 24 prêmios na sua carreira de 30 anos. Para Fagundes, ser símbolo sexual é uma agradável

surpresa. "Fico envaidecido que as pessoas me achem como uma boa figura", diz, meio desajeitado. "Minha filha costuma dizer: 'Que povo bom, né, meu pai?'" Fagundes não é do tipo que se esfola para aparentar menos idade do que tem. Odeia fazer ginástica e adora os prazeres da boa mesa - a barriga está aí para provar ambas as coisas. As bolsas sob os olhos mostram que sua prioridade não é a forma física. Preocupa-se mais com a sua forma dramática no palco, no cinema ou na televisão.⁶⁹

Como é explicitado no texto, o termo galã não agradaria ao ator que o consideraria incompatível com o tamanho e a diversidade de sua carreira. Apesar do fato de ser considerado um homem atraente (ou um símbolo sexual) pelas mulheres ser visto como algo positivo, toda a narrativa se dirige no sentido de que isto não se justificaria apenas pela aparência física, tendo em vista, inclusive a falta de preocupação e cuidado do ator com tais questões. Desse modo, a figura de homem desejável é construída através de outros critérios e atributos que não apenas aqueles inscritos na imagem física do corpo do ator e que ser visto como um homem destacado apenas pela sua beleza não seria um motivo de orgulho ou fato a ser comemorado, como fica claro na indisposição de Fagundes em relação ao termo galã. No trecho a seguir, extraído de uma introdução a uma entrevista concedida a revista Contigo, encontra-se mais elementos que endossam essa ideia:

Aos 60 anos, Antonio Fagundes pode não fazer mais o papel de namorado da mocinha, mas continua com charme de galã... Ele mesmo diz se sentir com 15 anos. Como quando adolescente, continua usando sabonete, e não xampu, para deixar os cabelos (agora brancos) brilhantes. Fagundes é assim: 100% sem frescura, despreocupado com vaidades ou com o avanço da idade. Plástica e botox, jamais. Só começou a fazer ginástica por causa da saúde, mas está feliz da vida, com 10 quilos a menos do que na época de Juvenal Antena, seu penúltimo personagem na TV, na novela Duas Caras (Globo), de 2007. Sua única preocupação é estar "cheirosinho". Aliás, até a fumaça do charuto em que dava suas baforadas, durante um bate-papo com CONTIGO!, exalava um gostoso odor de chocolate.⁷⁰

A construção de uma imagem que dissocia a atratividade e o sucesso do homem maduro junto às mulheres é novamente dissociada de uma questão exclusivamente estética. Como é repetidamente afirmado, Antônio Fagundes não se preocuparia com a própria beleza, demonstrada pela afirmação de não se utilizar de sabonetes e xampus e da falta de vontade de utilizar recursos cosméticos e cirúrgicos, como o botox e as plásticas, mesmo sendo conhecido como um exemplo de homem charmoso e desejado. Também há uma indicação breve de que tais preocupações não seriam típicas de homens masculinos e viris, como é

⁶⁹ http://www.terra.com.br/istoeigente/24/reportagens/rep_fagundes.htm, publicado em 17/1/2000.

⁷⁰ <http://contigo.abril.com.br/noticias/entrevistas/antonio-fagundes-internet-casamento-botox-536571>, publicado em 01/03/2010.

evidenciado no uso da expressão “sem frescuras” para se referir a despreocupação de Fagundes com sua aparência, deixando subentendida a ideia de que a preocupação com o cuidado pessoal do próprio corpo com finalidades estéticas seria atributo feminino.

Ao contrário do que foi encontrado no capítulo anterior, em que a preocupação com o envelhecimento da própria imagem aparece entre as mulheres como uma recorrente preocupação, no caso masculino, o envelhecimento é pensado sem a mesma ênfase na dimensão estética da velhice. A indicação de outros elementos que também se encaminham nesse sentido pode ser vista na entrevista a seguir, através das declarações feitas pelo entrevistado a respeito de quais cuidados seriam necessários para a obtenção de um envelhecimento mais positivo:

Revista: Sente-se velho após os 60?

Fagundes: Não, ainda me sinto com 15 anos (risos). Não subo em escadas como quem tem 15, mas ainda vou de dois em dois degraus. Claro que não tenho mais a mesma resistência, a cabeça às vezes pode estar a mil e o corpo não corresponder. Isso é uma falha, digamos assim, mas é um processo da vida. Quando você aceita que os anos se passaram, percebe as mudanças sem sustos. É um defeito da civilização ocidental não pensar na velhice e na morte, afinal você só não vai ficar velho se morrer jovem. Não me assusto em ficar velho nem vou me assustar nunca. Nem quando não conseguir subir mais em escadas, mas isso ainda vai demorar um pouquinho (risos).

Revista: Então, envelhecer é bom?

Fagundes: Continuo achando a velhice muito boa. É quando você tem todo o conhecimento e toda a tranquilidade, que só uma vida inteira pode lhe dar. Se a saúde permitir, chego lá, fumando meu charuto e tomando meu vinhozinho. O que me motiva é o conhecimento, é me reciclar intelectualmente. Não envelheci por dentro, ao contrário, eu me sentia mais velho quando era mais moço. Antes, tinha mais respostas, agora, tenho mais perguntas.

Nota-se a partir deste trecho da entrevista que o ator não pauta sua fala acerca da própria experiência de envelhecimento dando ênfase a degradação de sua aparência física pela velhice. Ele procura desconstruir o drama envolvido na ideia que associa o envelhecimento à decadência, ressaltando o caráter imponderável e inevitável que tal acontecimento teria na vida do ser humano. Assim, seria necessário aceitar a passagem dos anos para vivenciar este processo sem “sustos”.

Outro ponto interessante é a associação entre a velhice com a perda progressiva da autonomia e independência física, cujo ápice é descrito a partir da imagem da incapacidade de subir ou descer uma escada por conta própria. Na mesma entrevista, quando interrogado sobre a sua própria beleza, o autor traz alguns apontamentos interessantes que ratificam o entendimento de que sua interpretação sobre o envelhecimento não passa pela valorização da dimensão estética:

Revista: E por fora? Considera-se bonito aos 60?

Fagundes: Não sou meu tipo de homem (risos). Devo ter alguma vaidade, mas está escondida. Tomo banho com sabonete, mas nem xampu uso. É só olhar para mim e você vai ver que não vou estar na lista dos dez mais bem-vestidos. Escolho a roupa pela ordem na prateleira, o que está por cima. Nunca me preocupei com isso, no sentido de não querer envelhecer. Mas acho que consegui me dar bem comigo mesmo. Nunca pintei o cabelo, nunca usei maquiagem, nunca botei botox. Seria um contrassenso fazer uma plástica, gosto de mim do jeito que sou. Comecei a ficar com cabelo branco aos 34 anos. Aos 40, já era bem grisalho. Sou eu, como posso não gostar?

Revista: Mas você não faz mais papéis de galã. O que acha disso?

Fagundes: Isso nunca foi problema e nunca foi um objetivo. O galã, às vezes, pode ser um título pejorativo quando o chamam assim em vez de dizer que você é bom ator. Tenho 44 anos de carreira, talvez por isso tenha sido alçado ao posto de galã, por causa do trabalho. Hoje, não posso mais fazer o Romeu de Romeu e Julieta, mas já fiz quando era jovem. Agora, estou mais para Rei Lear.

Além da já mencionada despreocupação com questões ligadas ao ideal de cultivo da beleza, como o uso de cosméticos e roupas da moda, merece destaque também a argumentação de Antônio Fagundes em relação à sua suposta imagem de galã. Como foi descrito anteriormente, para o ator tal consideração deveria ser fruto do seu trabalho e empenho profissional e não apenas algo derivado exclusivamente de sua beleza, como a definição do rótulo poderia sugerir. Ao fazer tal comentário, o ator expressa implicitamente um incômodo em relação à suposta exploração da sua aparência como algo decisivo para a sua trajetória profissional. Ao referir-se a isso como se fosse algo não muito lisonjeiro, tenta ratificar que seu talento e carreira estariam além do ideal de homem bonito e desejável. Continuando na análise dessa mesma entrevista, há outros apontamentos feitos pelo ator entrevistado que também merecem menção no que se refere à distinção do envelhecimento masculino e feminino:

Revista: Você está com 56 anos. É mais fácil para o homem envelhecer do que para a mulher?

Fagundes: Esse é um lado machista da nossa sociedade. O homem pode ter barriguinha, ruga, cabelo branco, ficar careca. A mulher não aceita ficar com cabelo branco, mas aceita ficar com um cara que tem cabelo branco, pode até achar bonito.

Revista: Gosta mais de você hoje do que quando tinha 20 anos?

Fagundes: Ah, com certeza. Estou muito mais moço hoje. O tempo te traz uma certa tranquilidade, as ansiedades são menores, você sabe o que já conquistou e que tem pouco tempo para conquistar, não adianta muito ficar brigando como quando era mais jovem.

Revista: Está pronto para ser avô?

Fagundes: Nunca parei para pensar nisso.

Revista: Pensa em casar novamente?

Fagundes: Não, não penso em casar de novo. Tem uma brincadeira que diz que o segundo casamento é a vitória da fé sobre a experiência. O terceiro é burrice.

Revista: Volta e meia você aparece bem acompanhado a eventos...

As pessoas não prestam atenção em quantas namoradas um engenheiro tem. Talvez tenha muito mais do que um artista. Mas é que cada pessoa com quem o cara (famoso) sai para jantar, aparece nas revistas que ele está perdidamente apaixonado. De vez em quando eu namoro, sim, pôxa vida.⁷¹

Seguindo o argumento desenvolvido pelo próprio ator, verifica-se uma diferenciação entre a condição da mulher e do homem maduros enquanto objetos de desejo. Enquanto os homens continuariam sendo desejados e desejáveis, mesmo não se enquadrando na forma física esperada em relação ao perfil de homem jovem e bonito (podendo assim ter rugas, cabelo branco, ser careca), as mulheres continuariam sendo submetidas aos mesmos critérios e exigências de beleza direcionados às mulheres de outras idades menos avançadas, incompatíveis com o envelhecimento estético, representados na fala do ator pela aversão feminina ao cabelo branco.

É possível identificar, nessa fala, o estereótipo segundo o qual a preocupação excessiva com a própria imagem seria uma característica feminina, que seria aplicada na avaliação e julgamento de sua própria imagem, mas não na imagem de seus parceiros sexuais. Isso porque ao mesmo tempo em que as mulheres continuariam se cobrando rigorosamente na maturidade, não fariam o mesmo em relação aos homens com os quais se relacionam.

Ainda de acordo com ponto de vista do ator, a velhice seria um momento não de perda e decadência, como poderia ser pensada partindo-se exclusivamente da dimensão estética, mas de serenidade e plenitude, tendo em conta as seguranças trazidas pelas conquistas pessoais e profissionais. Uma visão muito diferente do pessimismo que marca a busca pela eterna beleza, livre das marcas impressas pelo tempo, associada às diversas terapias e tratamentos comumente consumidos pelo público feminino.

Em outro texto, publicado no site Uol, são exibidos alguns comentários de Antônio Fagundes em que ele fala sobre o perfil de mulher que lhe interessa. Ao mesmo tempo, discute o tipo de relação formada entre homens mais velhos e mulheres jovens, deixando evidente que se a beleza não é uma questão decisiva na avaliação do próprio envelhecimento, não deixa de ser importante na escolha de parceiras sexuais:

Em entrevista à revista “Quem” que chega às bancas nesta quarta (27), o ator Antonio Fagundes, o Raul de “Insensato Coração”, fala sobre o que lhe atrai numa mulher. O ator de 62 anos declara que valoriza o humor e a inteligência em seus relacionamentos, mas destaca que a beleza é fundamental. “Qual é a primeira aproximação que você tem com uma pessoa? Dificilmente é porque ela lê os mesmos livros que você. É visual mesmo – olha que bonita, olha que

⁷¹ http://www.terra.com.br/istoegente/310/entrevista/index_2.htm, publicado em 25/07/2005.

charmosa. A pessoa pode ter a idade que for. Mas, realmente, é mais fácil ser bonita quando se é mais novinha”, afirma. O ator acredita que a predileção por mulheres mais jovens é questão biológica. “A preservação da espécie é isso: a mulher pronta para fecundar muito nova e o homem pronto para ser o provedor. E quando o homem vira bom provedor? Mais velho”, declara.⁷²

Como foi afirmado acima, mesmo que outros atributos como inteligência e humor também sejam valorizados, o que aparece como critério principal na escolha de possíveis parcerias sexuais é a beleza. Tal situação aparece como contraponto aos casos definidos a partir da caracterização da figura dos homens garanhões, ou conquistadores de inúmeras mulheres, onde a atratividade seria composta a partir de elementos desempenhados e não meramente estéticos. Enquanto a beleza e a condição física seriam os pontos primordiais para uma mulher ser considerada atraente, seja madura ou não, no caso masculino seriam outros critérios já mencionados aqui, como o jeito de olhar, falar, se comportar, assim como demonstrações de autoconfiança, força e virilidade.

A partir dessa argumentação, Fagundes vai além, definindo a relação entre um homem maduro e uma mulher jovem como um fenômeno cuja justificativa é estabelecida em termos biológicos, tendo em vista que seria o encontro da fêmea no auge da sua fertilidade e capacidade reprodutiva com o macho no ápice da sua capacidade de provedor. Nessa proposição, há duas importantes associações para o entendimento dos estereótipos de gênero construídos a partir da exposição dessa experiência de envelhecimento: primeiramente, que a sexualidade feminina é explicada em termos de sua beleza, habilidade para a sedução e potencial reprodutivo; e, em segundo lugar, a associação entre a condição de provedor e a ideia de potência sexual masculina.

Outro caso emblemático, em que também é possível encontrar evidências para o entendimento dos enquadramentos dados às experiências de envelhecimento masculino, principalmente nas questões relacionadas à sua vivência afetiva e sexual, é o do ator Stênio Garcia, também conhecido pelos seus relacionamentos com mulheres mais jovens.

No trecho a seguir, em que se comenta a abordagem feita ao ator pelo público feminino, são expostos alguns elementos recorrentes já mencionados na composição do estereótipo da sexualidade do homem maduro:

“Posso fazer parte do seu harém?” é a frase mais ouvida por Stênio Garcia nas ruas ultimamente. Às inúmeras mulheres que, após um olhar fulminante da cabeça aos pés, mandam a cantada, o ator tem uma resposta na ponta da língua: “Vamos ver se

⁷² http://acritica.uol.com.br/buzz/Amazonia-Amazonas-Manaus_0_524947840.html, publicado em 27/07/2011.

“você vai agüentar ficar no harém, porque o homem aqui é brabo!”. Desde que a novela *O Clone* entrou no ar, o ator, que interpreta o muçulmano Ali, virou símbolo sexual. E que ninguém duvide da vitalidade explícita em suas palavras. Aos 69 anos, ele esbanja jovialidade. “Por que ele não pode ser um galã? O Robert Redford tem suas rugas e é cheio de sensualidade”, defende sua mulher, Marilene Saade, 33 anos.⁷³

A partir do questionamento levantado no final desse trecho, verifica-se uma defesa da sensualidade masculina na maturidade, que não seria contraditória com as rugas correntemente reconhecidas como marcas indesejáveis do envelhecimento. Ao fazê-lo, a ator evidencia que não se trata propriamente de uma jovialidade estética, expressa pela conservação física do ator, mas de uma jovialidade demonstrada a partir de outros caracteres que em parte já foram explorados.

Em outro momento dessa mesma matéria, temos a abordagem da relação do ator com sua mulher mais de três décadas mais jovem, cujo enfoque é bastante revelador para a compreensão dos sentidos dados a esse tipo de relação, em contraposição àquele dado aos casos femininos em que mulheres mais velhas se relacionam com homens mais jovens. Vejamos a seguir:

Longe de ficar irritada com o assédio feminino, Marilene ri da situação. Sabe que o coração do ator é dela. “Sexualmente falando, estou completa como mulher”, diz. Nem a própria acreditaria que aquele ator de sucesso que contracenou com ela, quando Marilene tinha apenas sete anos, no seriado *Carga Pesada*, viria a ser seu namorado tempos depois. Agora, há mais de dois anos juntos, eles aprenderam a superar os 36 anos de diferença de idade: invertem os papéis na relação. “Eu é que sou a velha”, brinca a atriz. Eles dormem e acordam cedo. Se não tem comida em casa, não saem para jantar. Ela pede em domicílio. Nada também de boates e madrugadas na rua. Uma peça de teatro é suficiente para o casal. E a ciumenta é ela. Basta Stênio virar o pescoço para levar um beliscão da mulher. “Morro de ciúmes dele”, confessa.

Como podemos observar na narrativa do texto acima, não há um questionamento da relação descrita nos moldes do tipo de questão levantada para os relacionamentos de mulheres mais velhas com homens mais jovens, onde a própria reciprocidade dos afetos e interesses são colocados sob suspeita. Tampouco há qualquer tipo de crítica ou reprimenda ao fato de Stênio Garcia ter se interessado e assumido uma relação com uma mulher bem mais jovem (assim como não houve para os casos citados anteriormente neste capítulo). Não há nenhuma referência, nem mesmo implicitamente, com qualquer insinuação de que a esposa estaria se aproveitando da fama e dinheiro do ator. Pelo contrário, a descrição do ciúme da mesma

⁷³ http://www.terra.com.br/istoegente/especiais/oclone/stenio_garcia.htm, matéria publicada em 2002. Acessado em 01/03/2012.

reforça a ideia de que a vulnerabilidade não seria sentida por parte do ator, mas sim por sua parte. Desse modo, é possível afirmar que pelo menos em termos de narrativa não há a indicação de incongruências marcantes nesse relacionamento que o enquadrasse enquanto um caso transgressor e inesperado, como aconteceu nos casos femininos que abordamos no capítulo anterior.

Continuando a busca de evidências que ratifiquem este argumento segundo o qual o tratamento dispensado em relação à sexualidade masculina na maturidade é diferenciado, temos outra entrevista concedida à Revista Quem, da Editora Globo, em que Stênio Garcia fala a respeito de vários aspectos do seu envelhecimento físico, tanto no sentido estético, do valor que atribui a conservação da sua própria imagem, quanto à sua forma física e o desempenho da sua sexualidade:

Revista: Tem medo de envelhecer? Já fez alguma cirurgia plástica?

Stênio: Engraçado você me perguntar isso. Ontem mesmo eu estava falando com o Helvécio Rattón (diretor de cinema) e ele me questionou a mesma coisa. Ele tem dez anos menos do que eu e disse que eu parecia bem mais novo. Perguntou se eu não quero envelhecer. Eu disse que não é assim, estou envelhecendo. Já entro na fila dos idosos em banco, é uma conquista que tenho (risos). Posso perder os reflexos naturais do corpo com o passar do tempo, mas conceitualmente vou continuar sendo um moleque. Quanto a plásticas, nunca fiz. A única intervenção foi um tratamento dentário há dois anos. Fiz 16 implantes, o que causou uma reestruturação em todo o rosto, até no modo de falar. Não tenho nenhuma marca de plástica. Tenho um amigo cirurgião que veio dizer: 'Você me traiu, não fez plástica comigo'. Eu disse que não era assim, não fiz plástica com ninguém.

Revista: Já usou Viagra? Stênio: Meu Viagra é a minha mulher, que é jovem e bonita. Nunca precisei, mesmo. Relação para mim é sensitiva, coisa de cheiro e toques. Meus sentidos me obedecem muito bem. Deve ser coisa de origem, coisa de roça, de muito angu com feijão (risos). Já mudei de mulher algumas vezes, também pode ter algo a ver. Se computasse todos os cinco casamentos, teria bodas de ouro.⁷⁴

Mesmo que a aparência seja avaliada pelo ator como um aspecto positivo do seu envelhecimento, já que aparentaria menos idade do que de fato teria, essa questão não é abordada como uma preocupação marcante em sua experiência de envelhecimento, que ressalta a importância de outros aspectos como a disposição e o condicionamento físico. Nas palavras do próprio ator, o seu envelhecimento físico, que é descrito sem maiores preocupações ou dramas, não implicaria um envelhecimento mental, comportamental ou “conceitual”, para tomar emprestado o mesmo termo utilizado em sua fala. Assim, não

⁷⁴ <http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG1664613-6134,00.html>, publicada em 12/12/2007.

somente a questão estética é pouco tratada, como o próprio processo de envelhecimento não é visto de forma tão negativa, quanto em outros casos que já foram mencionados.

No que se refere à sua sexualidade o ator enfatiza mais uma vez a sua independência em relação a medicamentos para o tratamento de impotência sexual, retificando o papel de sua mulher como fonte de excitação sexual. Mais uma vez, há uma clara evidência de que o tratamento recebido pela sexualidade masculina na maturidade e no envelhecimento é diferente do dispensado à feminina, refletindo assim as diferentes construções de gênero que incidem sobre tais representações. O ator utiliza a quantidade de mulheres que teve não como um fracasso ou algo vergonhoso, mas um ponto positivo para sua imagem de virilidade e atividade sexual. Quando o faz, não parece se preocupar com críticas ou reprimendas em relação à sua conduta, demonstrando que não possui uma percepção de que tais fatos poderiam surpreender negativamente ou serem mal interpretados.

O ator fala sobre suas experiências com a prática de sexo tântrico revelando detalhes da sua vida sexual com a esposa sem, no entanto, demonstrar qualquer sentimento de incômodo ou desconforto com a exposição desses fatos. Essa questão é retratada sem a atribuição de qualquer caráter acusatório à narrativa construída na matéria, como frequentemente encontramos nos relatos que versam sobre personalidades femininas mais velhas em suas relações amorosas e sexuais:

Stênio Garcia, que está no ar como o Dr. Castanho de “Caminho das Índias”, contou em entrevista publicada nesta quarta-feira (14) pelo jornal “O Dia” que é um adepto do sexo tântrico, filosofia indiana que tem como objetivo o auto-conhecimento e resulta em relações sexuais que duram até mais de oito horas. “É uma prática espiritual, eu medito bastante. Nada é isolado”, afirma o ator, que usou uma metáfora para explicar a prática. “Você entra e sai da água várias vezes antes de dar um mergulho”, brinca. Aos 77 anos, Stênio conta que não toma remédios para disfunção erétil para fazer sexo com a mulher, Marilene Saade, 37 anos mais jovem. “Em entrevistas, perguntam se ele toma Viagra, eu confirmo que não. Ele não pode, porque teve aneurisma na aorta abdominal. E ele mesmo diz que acha que isso é cabeça”, conta ela. O ator, que não bebe, fuma e faz duas horas diárias de academia, faz questão de reafirmar que a prática exige concentração. “Meus amigos de repente vão ler essa entrevista e dizer: esse sexo tântrico dá muito trabalho (risos)! Você tem que estar com um comprometimento, muito a fim. Porque é praticamente um exercício físico resistir a terminar logo o ato”, finaliza ele, rindo.

De acordo com o que foi afirmado anteriormente, a abordagem dada às experiências afetivas e sexuais de Stênio Garcia, seguindo uma linha que tem sido encontrada no tratamento dos outros casos masculinos de envelhecimento, não explicita uma desconexão entre suas práticas e as expectativas relacionadas aos homens da mesma geração e faixa etária. Este fato revela que a vivência pública de uma vida ativa sexualmente não é vista como algo

que contradiz os modelos morais utilizados para enquadrar os homens maduros em processo de envelhecimento. Tampouco ocorre o que acontece com os casos femininos analisados no capítulo anterior, em que as relações de mulheres maduras são citadas como inovadoras e/ou transgressoras, registrando mudanças de valores e padrões comportamentais que estariam acontecendo. Assim, um homem mais velho formando um casal com uma mulher jovem não ganha o rótulo de novidade e mudança comportamental.

Outra figura masculina reconhecida e cuja experiência de envelhecimento e de relacionamento com uma mulher mais jovem é alvo de diversas matérias, é a do comediante Renato Aragão. No texto a seguir, é exibida uma descrição da história do seu relacionamento em que o ator e sua mulher contam como se conheceram, e como a relação o teria influenciado a ser mais jovial:

No plano pessoal, seu estímulo atende pelo nome de Lílian, 3, a caçula de seus cinco filhos, fruto do casamento de 11 anos com Lílian Taranto. Com quatro filhos já criados – a mais nova, Juliana, tem 25 anos – o comediante dava sua missão por cumprida. Até que em 1990 conheceu e se apaixonou por Lílian, uma fã ardorosa de seu trabalho. “Foi um doce acidente de percurso. Estava separado, morando numa casa no meio do mato, onde ia ficar o resto da minha vida, quando conheci a Lílian. Mudei tudo em função dela”, conta. São 35 anos de diferença de idade entre eles. Mas, neste caso, os papéis são invertidos. O mais novo da relação é Renato. “Tem dias que ele acorda com dez anos de idade. Mas seu estado normal é sete anos”, brinca Lílian. Exercer a paternidade novamente rejuvenesceu o humorista. Ele parece ter a mesma vitalidade que tinha aos 20. Corre no jardim de sua casa, no Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio, com a caçula, rola no chão e não consegue dizer não a ela. “É indescritível o que um filho faz com a gente. Estou me sentindo um adolescente que acabou de se casar pela primeira vez”, confessa Renato. “Eu que tenho que botar ordem na casa. Ele é muito bagunceiro”, diz sua mulher.⁷⁵

A partir do que foi exposto é possível pensar que a relativização da diferença de idade entre o casal é feita a partir da inversão de alguns comportamentos que seriam esperados em relação a cada um. Como é enfatizado pela esposa, Renato Aragão seria o mais imaturo e o mais jovial, tendo como “estado normal” o de uma “criança”. Tendo em vista que este artista se consagrou atuando como personagem de humor, é interessante notar como esse atributo está associado à imagem criada mesmo em sua vida privada. A afirmação de que o rejuvenescimento trazido pelo nascimento e criação da filha caçula teria feito o comediante se sentir novamente como se fosse um adolescente é feita sem demonstração de preocupação quanto a possíveis críticas ou reprimendas. A paternidade tardia, assim como o casamento e a

⁷⁵ http://www.terra.com.br/istoegente/162/reportagens/renato_aragao.htm, publicado em 02/09/2002,

ideia de retorno à adolescência, não é encarada pelo ator, e nem é apresentada pelo texto, como algo a ser justificado ou lamentado, como um sinal repreensível de imaturidade.

Em parte da introdução feita a uma entrevista concedida por Renato Aragão à Revista Caras, também se encontra importantes informações para o compreensão do enquadramento dado ao seu casamento. Neste texto, são trazidas algumas falas nas quais o ator aborda diretamente a questão do envelhecimento e a relação entre a sua experiência de envelhecer e a vivência de uma relação conjugal com uma mulher mais jovem:

São quase duas décadas de casamento, mas o romântico Renato Aragão (73) não se cansa de elogiar a mulher, Lilian (41), que, segundo ele, desempenha papel fundamental em sua vida. "Ela tem a alegria de uma criança de 12 anos. De repente, se transforma em uma pessoa madura. São várias facetas que me completam. Estamos juntos há 18 anos, mas amo a Lilian como se a conhecesse hoje. Sem ela, estaria mais velho do que sou", derrete-se o comediante, na 11ª temporada de inverno da Villa de CARAS, onde o casal esteve com a filha, Lívian (9).⁷⁶

A relação com a esposa mais jovem, com uma diferença de mais de três décadas, é vista na narrativa acima como algo positivo que teria rejuvenescido Renato Aragão. Seguindo o argumento defendido pelo mesmo, o envelhecimento teria lhe afetado ainda mais se não tivesse se envolvido nessa relação. O texto dispensa maiores explicações a respeito da reciprocidade dos afetos entre o casal, reforçando a ideia de que esse arranjo não seria contraditório com o modelo pensado para a sexualidade de figuras masculinas na maturidade. Ao contrário dos casos femininos, em que se supõe, implícita e explicitamente, que as mulheres deixam de ser atraentes aos olhares masculinos, principalmente em relação aos homens mais jovens, nos casos masculinos não existe choque ou surpresa diante do fato de um homem mais velho ter atraído uma jovem esposa, mesmo que exista uma visível diferença em termos de status e condição financeira entre o casal.

Em seguida, em um excerto da entrevista mencionada anteriormente, o ator e sua mulher falam sobre a vida conjugal dos dois, explorando diversos elementos referidos à experiência de envelhecimento de Renato Aragão e a interferência desta questão na relação do casal:

Caras- Como é manter sua união com a Lilian, uma mulher 32 anos mais jovem do que você?

Renato - Já tinha meu preparo físico antes de conhecer Lilian (risos). Sempre fiz exercícios e dieta porque preciso do meu corpo para brincar, pular. Quando a encontrei, me cuidei ainda mais para alcançar a idade dela. E aí veio o melhor, nossa filha. Tirei energia de onde não tinha, e não sinto

⁷⁶ <http://caras.uol.com.br/noticia/renato-aragao-da-a-receita-da-juventude#image1>, publicado em 14/10/2008.

cansaço. O amor não tem idade. E, quando se ama, o sexo vem de qualquer maneira.

Lilian - Ele brinca que treina para ser monge, pela forma como vive, com equilíbrio e disponibilidade para tudo. Faz ginástica e musculação diariamente. Renato está sempre revigorado e, com 73 anos, tem uma vida sexual saudável. Meu marido nunca vai ficar velho porque estuda, lê, cria.

Caras- Envelhecer assusta?

Renato - Eu me preocupo. Mas a velhice está na nossa cabeça. Jamais pensei em aposentadoria. Deus me livre, eu morro. Vou sempre até o meu limite. Como Lilian disse, quem tem projetos a realizar não envelhece. E para manter o físico e a saúde tenho uma rotina de exercícios e de alimentação. No dia-a-dia, como muita salada, ovo, frango sem gordura. E não como carne vermelha há uns 30 anos.

Caras- Qual o segredo dos 18 anos de união de vocês?

Lilian - Cumplicidade e companheirismo. Nossa proposta é compartilhar tudo: alegria, tristeza, trabalho e até o cansaço.

Analisando as tipificações que podem ser extraídas deste fragmento, é possível verificar novamente que a questão estética não é enfatizada pelo ator na caracterização de sua experiência de envelhecimento, do mesmo como também não o fizeram os demais casos masculinos citados ao longo deste capítulo. Essa questão não é associada ao envelhecimento masculino do mesmo modo como ocorreu com os casos femininos dos quais tratamos. Não se trata propriamente de uma despreocupação com um projeto de longevidade em que a aspectos ligados a juventude são estendidos até idades correntemente associadas à decadência física e à senilidade. Trata-se, porém, da utilização de outras categorias para expressar este mesmo projeto centrado na juventude e a corresponde ideia de “conservação”, como as expressões de “preparo físico”, “disposição física” e “energia”, que não enfatizam diretamente a questão estética da beleza física.

Outro fato significativo é que o questionamento feito ao ator, e a própria resposta dada por ele a respeito de como seu relacionamento seria mantido, colocam tal questão a partir da sua própria capacidade física para acompanhar a mulher mais jovem. Como ele diz, em virtude de uma boa condição física e de saúde, conseguiria se adaptar à idade da mulher e enfrentar tarefas típicas de marido e pai de família, como brincar com a filha e satisfazer a mulher sexualmente. Há implicitamente uma alusão à sua potência sexual como condição indispensável à manutenção da relação conjugal na qual está inserido. Construção bem diferente do que acontece no caso das mulheres maduras que se envolvem afetiva e sexualmente na maturidade, pois no caso destas o enfoque é colocado sobre sua capacidade de sedução e atração sobre os seus maridos, revelando assim um questionamento direto quanto à sua condição de objeto do desejo masculino.

Como último caso emblemático, tem-se o político brasileiro Michel Temer, atual vice-presidente do Brasil, que é casado com uma mulher 43 anos mais jovem, relação que ficou

notória após a cerimônia de posse do governo do qual faz parte, ocasião em que esteve acompanhado pela esposa e que foi longamente destacada pela imprensa.

Nas diversas matérias publicadas sobre o episódio, foram destacados, entre outros aspectos, a diferença de idade e a beleza da esposa de Temer, que deveria ocupar o lugar reservado à primeira dama brasileira já que a presidenta não teria sequer um marido. Em geral, a tônica dos comentários, mesmo que apelassem para alguma dose de humor ou sarcasmo, não foram tão críticos e tampouco questionaram abertamente a legitimidade ou autenticidade do relacionamento, como podemos ver a seguir na matéria publicada no jornal O Globo:

Um dos homens mais invejados hoje no país, não propriamente pelo cargo que ocupa desde sábado, o vice-presidente da República, Michel Temer, sempre soube que, quando sua mulher, Marcela Temer, 42 anos mais nova do que ele, aparecesse em exposição pública causaria o frisson que acabou provocando. Pela beleza e corpo escultural, a vice-primeira dama, paulista de 27 anos, não só virou o acontecimento da blogosfera e da mídia em geral como sacudiu Brasília e deu uma graça extra à passagem de Temer pelas solenidades da posse da presidente Dilma Rousseff, desde sábado. Mas não por vontade do vice-presidente. Se dependesse de Temer, dizem os amigos mais próximos, ele continuaria mantendo a ex-miss Marcela longe dos holofotes, como conseguiu manter nos sete anos de casamento. Desde que se casaram, Marcela mora em São Paulo com sua mãe e o filho do casal, Michelzinho. E Temer vive em Brasília. Durante os dois anos em que o marido presidiu a Câmara dos Deputados, Marcela só apareceu em Brasília duas vezes, mas reservadamente, na residência oficial. Quando aparecia na sala em reuniões políticas, segundo relatos dos participantes, era segurando o filho no colo. Os adjetivos "discretíssima", "compenetradíssima", "dedicadíssima" e "apaixonadíssima" são repetidos pelos amigos de Temer, para descrever a nova sensação do mundo político de Brasília⁷⁷.

Como é sugerido no início da matéria de maneira jocosa, mais do que um fato a ser justificado, o casamento do político septuagenário com a jovem é apresentado como um motivo de distinção que tornaria o seu lugar motivo de inveja por parte de outros homens. Assim, ter uma esposa que além de jovem é bonita seria um fato louvável e não evidência de um ato de transgressão ou de não adequação a alguma regra de comportamento ligada à conduta sexual masculina na maturidade. Apesar da diferença explícita de idade e de status, o casamento de Michel Temer não é questionado pelo viés já visto no tratamento dos casos femininos, em que a dúvida é levantada sobre a autenticidade do amor existente entre os cônjuges. Ao mesmo tempo em que não há nenhuma acusação dirigida a Marcela Temer colocando-lhe o rótulo de interesseira, também não há nenhuma menção feita à escolha de seu

⁷⁷ <http://oglobo.globo.com/politica/temer-quer-mulher-longo-dos-holofotes-2842264>, publicado em 04/01/2011

marido por uma esposa mais de quatro décadas mais jovem, demonstrando, desse modo, o quanto tal arranjo está imune a maiores repreensões e comentários críticos.

Essa caracterização dada à sexualidade masculina na maturidade evidencia que o significado atribuído às diversas experiências de envelhecimento deve ser pensado em articulação com os modelos socioculturais que caracterizam as relações de gênero de um modo geral, em que o masculino e o feminino imprimem às imagens de tais figuras públicas suas marcas características. Portanto, para entender tais diferenças, é necessário recorrer às ferramentas analíticas desenvolvidas para o entendimento de tais construções e vislumbrar de que modo incidem sobre as narrativas analisadas. Mesmo com consciência da diversidade envolvida nas múltiplas definições de masculino e feminino, é possível perceber a recorrência de estereótipos e tipificações que persistem, mostrando a força que ainda possuem enquanto esquemas e modelos através dos quais os atores pensam o mundo e si mesmo.

Tratando das relações de gêneros erigidas a partir da dominação masculina, Pierre Bourdieu (2002) chama atenção para o fato de que o impacto e abrangência do valor simbólico da sexualidade estão para além do ato sexual em si, constituindo uma topografia em que todo o mundo físico e social é significado a partir dos gêneros existentes, que incidem inclusive na construção do corpo humano, masculino e feminino, como um campo de significação. A sexualidade e as identidades de gênero, enquanto fontes produtoras de metáforas, são utilizadas na expressão de diversos outros aspectos hierárquicos, em que tudo é situado a partir de uma mesma clivagem construída pelas relações entre masculino e feminino. Esse argumento pode ser muito profícuo para pensar a forma como as narrativas sobre o envelhecimento adquirem sentidos diferenciados, tendo em vista as experiências de homens e mulheres e a partir do campo de significado mais amplo das relações de gênero.

Como Bourdieu afirma, esta construção simbólica dos gêneros é feita de maneira diacrítica, a partir do reconhecimento de diferenças anatômicas existentes entre homens e mulheres, estabelecendo uma relação de circularidade onde estes esquemas de percepção, ao mesmo tempo em que se legitimam pelas diferenças objetivas, também as constituem enquanto algo significativo:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (...) Dado o fato de que é o princípio da divisão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo

essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (Bourdieu, 2002, 20)

Assim como o corpo é dotado de sentido a partir desses esquemas de percepção, também o é o conjunto de comportamentos e atitudes que confluiriam para a constituição de cada um dos gêneros, em especial no domínio da sexualidade. Tendo em vista que as relações de gênero são pautadas por um modelo de dominação do masculino sobre o feminino, os atributos relacionados à masculinidade estariam ligados a elementos como força, capacidade de posse e conquista. No caso feminino, em contrapartida, se ligariam à constituição da mulher enquanto um objeto de desejo e conquista pelos homens, cuja agência sexual deve ser fundamentada não na ação explícita e direta, mas na exposição esquiva e sedutora, disposta de maneira a atrair os olhares masculinos, demonstrando de maneira clara que sua sedução se dirige com exclusividade ao homem desejado e não a qualquer um.

Ao mesmo tempo em que constitui a dinâmica das relações sexuais - onde o feminino é representado enquanto objeto de desejo que se constrói pela sua beleza e potencial de sedução e o masculino é caracterizado pela sua assertividade e capacidade de conquista - este esquema simbólico seria, na concepção de Bourdieu, o produtor e reproduzidor de um sistema de relações em que homens e mulheres são posicionados de maneira assimétrica, sendo o gênero feminino a parte desfavorecida. Seguindo, ainda, a argumentação deste autor, os dois gêneros não deveriam ser confundidos com manifestações do sexo biológico, levando-se em conta que tais construções podem ser embaralhadas e redefinidas, como pode ser verificado na possibilidade de feminização dos homens através do questionamento de sua virilidade.

Este quadro de referências possibilita a reflexão a respeito dos incômodos demonstrados em alguns dos casos aqui mencionados quanto à caracterização da figura de galã como aquele ator cuja carreira foi marcada pela sua beleza ou pelo fato de serem desejados pelas mulheres. Se a masculinidade e a virilidade são constituídas pela postura ativa na conquista de parceiras sexuais, a condição de puro objeto sexual é um fato que os homens não desejam associar à sua imagem profissional. Esta associação é evitada pela desconstrução da imagem de homem preocupado com a beleza física, visto aqui como algo identificado com o universo de valores femininos.

Assim como a recorrência desse raciocínio, também pode ser verificado que a atratividade masculina é atrelada não a uma dimensão estética, mas a uma série de atributos desempenhados, tais como assertividade, autoconfiança, brutalidade (aqui adotada no sentido

contrário à delicadeza), que, juntos, compõe a imagem do homem desejável aos olhares femininos.

Outra referência profícua para pensar as tipificações construídas ao longo das narrativas que aqui foram retratadas acerca da significação das experiências masculinas de envelhecimento é a reflexão desenvolvida por Lia Zanotta Machado⁷⁸ (1998 a), ao analisar a relação entre os atos de violência sexual e o que ela define como o “impensado” das relações de gênero e da sexualidade. Machado aposta na articulação entre o sentido atribuído aos atos de agressão por parte daqueles que os cometeram e os estereótipos e modelos que estariam relacionados à construção do imaginário erótico ocidental.

‘Apoderar-se do corpo da mulher’ é o que se espera da função viril. O ‘não’ da mulher, ou o ‘medo da mulher’, aparecem como constitutivos do desejo masculino. O estupro é muito mais o lugar do exercício da afirmação da identidade masculina especular, em que a subjugação do corpo da mulher reassegura sua identidade masculina e reafirma o caráter sacrificial dos corpos das mulheres. Do estupro realizado tipicamente nas ruas, onde não importa quem é a mulher, ao estupro que nomeia como objeto uma mulher específica, a virilidade oscila entre a reafirmação por excesso da concepção da sexualidade masculina como único lugar de iniciativa e do apoderamento sexual do corpo do outro e o uso da concepção da sexualidade masculina como instrumento de reafirmar o poder social sobre o gênero feminino. A metáfora sexual serve de metáfora social na afirmação do englobamento hierárquico do lugar simbólico do feminino em relação ao lugar simbólico do masculino. (1998, 251)

Observando as devidas mediações entre o contexto tratado pela autora e aquele do qual me ocupo, é possível verificar, nesta narrativa, a consolidação do mesmo englobamento hierárquico do feminino em relação ao masculino que é revelado pela construção das imagens da sexualidade de homens e mulheres nos relatos de suas experiências de envelhecimento. As narrativas citadas ao longo desse capítulo, apesar das particularidades apresentadas por cada caso, convergem para a revelação de que a construção do gênero masculino é fundamental para entender os esquemas e tipificações construídas em torno do que representa ser um homem maduro, pautado nos ideais de masculinidade e virilidade.

Enquanto a condição de mero objeto sexual desejado pelo público feminino é rechaçada como algo incômodo e depreciativo, apresentado como uma distorção do que de fato representaria o sucesso de um homem em relação ao desejo das mulheres, a imagem de homem conquistador e viril, capaz de satisfazer uma ou mais parceiras sexualmente, é apresentada como algo positivo e louvável.

⁷⁸ Para maiores referências ao assunto ver Machado (2000) e (1998 b)

Tendo o capítulo anterior como contraponto, verifica-se que a maneira como a sexualidade da mulher na maturidade é enquadrada é drasticamente diferente do tratamento dispensado à sexualidade masculina neste mesmo período da vida, reproduzindo assim a construção de uma relação assimétrica que se revela nos julgamentos diferenciados de cada um destes casos. Se o exercício público de uma sexualidade por parte de mulheres maduras, assim como a preocupação excessiva com a preservação da própria imagem, é objeto de especulação e questionamento, a atividade sexual do homem maduro dentro e fora do ambiente conjugal é tratada com naturalidade e, mais do que isso, é vista com algo que conta positivamente para sua imagem como demonstração de sua condição de homem viril.

Por outro lado, como contrapartida do mesmo modelo de gênero, enquanto o projeto de longevidade feminina está calcada principalmente na ideia de beleza e conservação estética do próprio corpo, no caso masculino, esta questão é tratada a partir de outras categorias que minimizam a importância da própria imagem física, enfatizando aspectos relacionados à caracterização da virilidade masculina, como a demonstração de força e autoconfiança e a negação da delicadeza como algo incompatível com a masculinidade. Deste modo, qualquer empreendimento que almeje compreender as transformações dos estereótipos e tipificações que constituem a experiência de envelhecimento, deve se atentar para o cruzamento entre as categorias e ideias utilizadas para dar sentido às diversas clivagens etárias com os valores e modelos que norteiam o entendimento das relações entre os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procurei mostrar ao longo destes três capítulos, os textos midiáticos que versam sobre o envelhecimento, ao construírem as tipificações e enquadramentos que dão sentido a este fenômeno tão heterogêneo, constituem os limites e fronteiras do campo de possibilidades consideradas legítimas. Nesse sentido, estas narrativas não apenas informam, mas também desenham os modelos de envelhecimento vistos como positivos e desejáveis. Apesar de diversos textos reiterarem a ideia de que a idade não deveria ser mais um critério identitário absoluto, atribuindo aos indivíduos a liberdade e autonomia para traçarem suas próprias trajetórias de envelhecimento, o que se verifica é que este aspecto ganha outro sentido mais coercitivo, em que a velhice não é mais pensada como período inevitável e natural, mas como o resultado de uma trajetória de longevidade fracassada, resultada de práticas e hábitos incorretos e indevidos.

O envelhecimento deixa de ser considerado como sendo restrito a apenas uma faixa etária e passa a ser uma preocupação de amplo espectro, alcançando pessoas das mais diversas idades, que são incentivadas a se engajarem com diligência e responsabilidade na busca de uma vida longa, distante, ao máximo, da velhice decadente e dependente. Nesse sentido, os textos apontam uma intensa produção e divulgação de manuais de orientações indicando os caminhos na direção deste envelhecer bem sucedido. As recomendações são inúmeras e alcançam uma multiplicidade de aspectos que vão desde hábitos alimentares saudáveis e prática de exercícios físicos até o incentivo ao trabalho depois da aposentadoria, como uma forma de combater a inatividade e isolamento, vistos como elementos negativos do envelhecimento. Em geral, há uma postura de negação da velhice, apostando-se no prolongamento de elementos relacionados à juventude pelo máximo de tempo possível.

Outra questão importante para este trabalho reside na análise dos sentidos diferenciados atribuídos às experiências masculinas e femininas de envelhecimento que buscou revelar o modo como as construções de gênero incidem na caracterização de trajetórias diferenciadas. Verificou-se que, apesar de o envelhecimento ter sido caracterizado por narrativas pautadas nos problemas e tensões que seriam trazidos ao longo deste processo, os motes a partir dos quais isto foi feito variaram, consolidando um repertório de discussão distinto para cada caso. Desta forma, as assimetrias encontradas nas relações de gênero são reproduzidas nos enquadramentos dados à sexualidade de homens e mulheres na maturidade e

velhice, pois, enquanto do lado masculino manter uma vida sexual ativa neste período é visto com naturalidade, do lado feminino, há uma série de constrangimento e reprimendas.

Em relação à valorização estética do corpo, averiguou-se que esta não se aplica nas mesmas proporções ao envelhecimento de homens e mulheres, sendo a beleza e a preservação da imagem contra o tempo, uma preocupação típica do universo feminino. Esta preocupação abrange duas dimensões distintas, porém relacionadas entre si: primeiramente, as mulheres são situadas enquanto detentoras da beleza, por excelência, o que faria com que o seu envelhecimento fosse mais drástico dado que sua aparência seria levada em consideração com mais intensidade.

Em segundo lugar, tendo em vista que no modelo de relação heterossexual a mulher ocuparia o lugar da passividade e da sedução, o envelhecimento lhe traria dificuldades para continuar situada nesta posição, já que sua aparência não seria mais desejada pelos olhares masculinos. Assim, as relações de mulheres maduras com homens mais jovens são vistas com desconfiança e incredulidade em relação à reciprocidade amorosa, como se tais relacionamentos só se justificassem por outros interesses como status ou recursos financeiros. Por outro lado, enquanto os galãs maduros e de meia-idade continuam mantendo o status de símbolos sexuais, mesmo em idades mais avançadas, as figuras femininas tidas como modelos de mulheres bonitas e desejadas tendem a perder o posto e o reconhecimento com o passar dos anos.

Esta questão continua sendo discutida no que se refere aos relacionamentos com diferença de idade entre os parceiros. No caso masculino, a relação com uma parceira mais nova é vista como algo virtuoso e memorável, ratificando a masculinidade e a potência sexual do homem. Já no caso feminino, em que a mulher é o ente mais velho da relação, esta vivência sexual é encarada com críticas e repreensões pelo que é visto como um excesso ou descaminho do exercício de sua sexualidade. Verifica-se nesta construção como a identidade sexual feminina está atrelada a uma série de valores e códigos que a associam à família, a relação conjugal e ao amor, reservando o sexo e o desejo como um fim em si para o domínio exclusivo da sexualidade masculina.

Em contrapartida, de acordo com o mesmo modelo de gênero, o envelhecimento masculino é tratado a partir de categorias que minimizam a importância da própria imagem física, enfatizando outros aspectos relacionados à caracterização de um homem sexualmente atraente para o público feminino, como a demonstração de força, autoconfiança e a negação

da delicadeza, como algo incompatível com a masculinidade. Por mais que alguns textos apontem para algumas transformações em curso a respeito do comportamento dos homens no que se refere à própria aparência estética, em geral o excesso de cuidado ainda é sinalizado pelos textos como uma forma de desvirtuação da virilidade, pela evocação de um atributo feminino.

Enquanto os textos analisados no primeiro capítulo, a respeito das matérias jornalísticas que versam sobre as novas imagens de envelhecimento, apostam na superação individual das diferenciações etárias, investindo na supressão das limitações que delimitariam as possibilidades identitárias e comportamentais legítimas para cada idade, os textos acionados nos demais capítulos manifestam as tensões e dissensos resultados destas reelaborações dos sentidos atribuídos ao envelhecer. A partir do estudo de casos específicos de personalidades públicas e midiáticas, empreendido tanto no segundo quanto no terceiro capítulo, é possível identificar que a proclamada diluição das fronteiras de idade ressaltada na ideia de *projeto* é permitida e incentivada em determinados contextos e repreendida e negada em outros. Assim, mesmo que algumas noções, como a de saúde sexual, sejam apresentadas enquanto um item legítimo do roteiro de longevidade, os discursos abordados a respeito da sexualidade de homens e mulheres na maturidade e velhice demonstram o antagonismo de concepções diferenciadas, constituídas de acordo com o que é pensado para cada gênero.

Por fim, cabe um comentário a respeito da paradoxal relação entre a multiplicidade de textos midiáticos que tratam do envelhecimento, conferindo-lhe grande visibilidade pública, com o que seria a sua completa negação enquanto destino fatal do ser humano. O paradoxo se estabelece no fato de que quanto mais notável o envelhecimento tem se tornado – o que fica evidente nas inúmeras narrativas a respeito dos modelos de longevidade e das experiências de homens e mulheres ilustres que os vivenciam –, menos espaço tem sido reservado aos aspectos negativos identificados com a velhice. A busca pela juventude duradoura, tanto estética quanto sexual, mascara o fato de que a decadência física e outros atributos negativos relacionados ao envelhecer, têm sido relegados cada vez mais a um espaço de abjeção.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Andréa Moraes. *Mulheres, Corpo e Performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas*. In: Lins de Barros, Myrian Moraes (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991.
- BATISTA, A. S. et al. *Envelhecimento e dependência: desafios para a organização da proteção social*. Brasília: Ministério da Previdência Social, 2008.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice: As relações com o mundo*. 2. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1971.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. Companhia das letras, São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CARSTEN, Janet. "Introduction". In: Carsten, Janet (Ed.) *Cultures of relatedness: new approaches to the study of Kinship*. Edinburgh: Cambridge University Press. 2000.
- COLLIER, J. & YANAGISAKO (Eds.). *Gender and Kinship: Essays towards an unified analysis*. Standford: Standford University Press. 1987.
- CONNEL, R.W. e MESSERCHMIDT, James W. "Hegemonic Masculinity". In: *Gender & Society*. Vol. 19. Nº 6, dezembro de 2005.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP, 2004.
- DEBERT, Guita Grin. "A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade". In: Lins de Barros, Myrian Moraes (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- DEBERT, Guita. *Envelhecimento e Gênero*. Estudos Feministas. Nº 1/94.
- FEATHERSTONE, M. *O Curso da Vida: Corpo, Cultura e Imagens do Processo de Envelhecimento*. In: DEBERT, G. G. (org.) *Antropologia e Velhice, Textos Didáticos*. IFCH/Unicamp, 1994.
- FONSECA, Cláudia. *Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações*. *Cad. Pagu* [online]. 2007, n.29 [cited 2012-02-24], pp. 9-35.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1994.

- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An essay on the Organization of Experience*. Cambridge, MA (US): Harvard University Press, 1975.
- GOLDENBERG, Mirian (Org.) *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital: Para compreender a cultura brasileira*. Revista Arquivos em Movimento. Volume 2 Número 2, Rio de Janeiro, Julho / Dezembro 2006.
- KHOLI, M e MEYER, J. W. *Social Structure and social construction of life stages*. Human Development (29), 1986.
- KIMMEL, Michael. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos. , ano 4, nº 9, 1998.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Família e Individualismo: tendências contemporâneas no Brasil*. Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.4 , n.8, p.11-26, 2001.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Sexo, Estupro e Purificação*. Série Antropologia: Dan/UnB. Brasília, 2000.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidade, Sexualidade e Estupro: As construções da virilidade*. Cadernos Pagu, Campinas-SP, 1998. (a)
- MACHADO, Lia Zanotta. *Matar e Morrer no Feminino e no Masculino*. Série Antropologia: Dan/UnB. Brasília, 1998. (b)
- MACHADO, Lia Zanotta. *Gênero, um novo paradigma?*. Cadernos Pagu (11): Unicamp/Campinas, 1998. (c)
- MORAES, Myrian Moraes Lins de. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: Lins de Barros, Myrian Moraes (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- MOTTA, Flávia. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 1998.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: Velho, O (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- SIMÕES, Julio Assis. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: Lins de Barros, Myrian Moraes (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCHNEIDER, David. 1972. "What Is Kinship All about?" In REINING, P. (ed.): *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*, pp. 88-112. Washington, D.C.: Anthropological Society of Washington

TEIXEIRA, Carla Costa. *Em busca da Experiência Mundana e seus Significados*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, E. & ARAÚJO, R. B. (1977). "Romeu e Julieta e a Origem do Estado", em Velho, G. (org.), *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar.

FONTES DOCUMENTAIS

Capítulo 1

O tempo não perdoa. Edição Março de 2010. Revista Men's Health;

Chegar aos 100...com saúde de jovem. Edição 1685 de 16/02/2002. Revista Istoé;

Muitos anos a mais. Edição 1857 de 18/05/2005. Revista Istoé;

Sempre jovens. Edição 1909 de 24/05/2006. Revista Istoé;

Os sem-idade. Edição 2121, de 15/07/ 2009. Revista Veja;

Você quer envelhecerEdição 2170 de 23/06/2010 –Revista Veja;

Como anda a libido da mulher moderna. Texto publicado em 26/04/2011 – Revista Cláudia;

Sexo perfeito em qualquer idade. Texto publicado em 23/05/2011, Revista Cláudia;

Bem estar na idade certa. Edição de Outubro de 2007. Revista Men's Health;

A Revolução Azul. Edição 2052 de 19/03/2012 – Revista Veja;

Doce Maturidade. Edição 1763 de 16/07/2003 – Revista Istoé;

Espelho, espelho meu. Edição: 1668 de 26/09/2001 – Revista Istoé;

Velhice? Fica para mais tarde. Edição 2068 de 09/06/2008 – Revista Veja;

Capítulo 2

<http://colunas.revistagalileu.globo.com>

<http://www.r7.com.br>

<http://www.cidadeverde.com>

<http://www.sitedosfamosos.com.br>

<http://www.veja.abril.com.br>

<http://www.istoegente.com.br>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/>

<http://www.diversão.terra.com>

<http://br.omg.yahoo.com/noticias>

<http://claudia.abril.com.br>

<http://caras.uol.com.br>

Capítulo 3

<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/jose-mayer-fica-feio-mas-continua-o-preferido-das-mulheres-20111215.html?question=0>

<http://celebridades.uol.com.br/ultnot/2007/11/06/ult4233u184.jhtm>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u626920.shtml>

http://veja.abril.com.br/290801/p_146.html

http://www.terra.com.br/istoegente/24/reportagens/rep_fagundes.htm

http://www.terra.com.br/istoegente/310/entrevista/index_2.htm

http://acritica.uol.com.br/buzz/Amazonia-Amazonas-Manaus_0_524947840.html,

http://www.terra.com.br/istoegente/especiais/oclone/stenio_garcia.htm

<http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG1664613-6134,00.html>

http://www.terra.com.br/istoegente/162/reportagens/renato_aragao.htm

<http://caras.uol.com.br/noticia/renato-aragao-da-a-receita-da-juventude#image1>

<http://oglobo.globo.com/politica/temer-quer-mulher-longe-dos-holofotes-2842264>